

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FERNANDA DE PAULA CARVALHO

“TEM ESPAÇO? FAZ TATUAGEM”: OS SIGNIFICADOS DE TATUAGENS EM
CORPOS MASCULINOS DE JOVENS MORADORES DE BAIROS POPULARES

BELO HORIZONTE

2017

FERNANDA DE PAULA CARVALHO

“TEM ESPAÇO? FAZ TATUAGEM”: OS SIGNIFICADOS DE TATUAGENS EM
CORPOS MASCULINOS DE JOVENS MORADORES DE BAIROS POPULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social.

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento.

BELO HORIZONTE

2017

150
C331t
2017

Carvalho, Fernanda de Paula

“Tem espaço? Faz tatuagem” [manuscrito] : os significados de tatuagens em corpos masculinos de jovens moradores de bairros populares/ Fernanda de Paula Carvalho. - 2017.

123 f. : il.

Orientador: Adriano Roberto Afonso do Nascimento.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Tatuagem - Teses. 3. Masculinidade - Teses. 4. Juventude- Teses. I. Nascimento, Adriano Roberto Afonso do. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

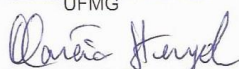
“Tem Espaço? Faz Tatuagem”: os significados de tatuagens em corpos masculinos de jovens moradores de bairros populares.

FERNANDA DE PAULA CARVALHO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 31 de julho de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adriano Roberto Afonso do Nascimento - Orientador
UFMG


Prof(a). Márcia Stengel
PUCMinas


Prof(a). Priscilla de Oliveira Martins da Silva
UFES

Belo Horizonte, 31 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas do mestrado, pelas manhãs e tardes de aula incríveis, pelo alto astral e por compartilharem tantas experiências e conhecimento.

A Adriano Nascimento, meu orientador, pelo tom calmo e confiante de suas palavras, que além de cuidadosas e incentivadoras, direcionaram-me à autonomia e à busca do conhecimento diário.

A Raphael Ferreira, minha grande inspiração para as artes, para o amor, para a vida. Agradeço pela companhia nas feiras e exposições “BH tattoo” que tivemos no caminho, nas pesquisas, nas livrarias e bibliotecas, além do aprendizado diário sobre as artes e as possibilidade de reconstruções constantes de práticas masculinas, tão impositivas na nossa sociedade. Aprendemos juntos, dia após dia, a construir uma nova sociedade, um novo mundo. Compartilhar a curiosidade sobre o tema foi essencial para este trabalho.

Agradeço à Liliane Rosa, ou só Lili, pelas intermináveis conversas e discussões. Uma amiga que ganhei no Palmital e que espero ter junto a mim para sempre. Lili, a serenidade das suas palavras me ensinam diariamente.

Como já escrevi em outros trabalhos, o meu agradecimento à minha família será eterno. O apoio emocional proporcionado por todos eles me dá forças para seguir meus sonhos.

Colegas, alunas, amigos do Pronatec, do CAO-MP, Fica Vivo, Utramig e todos os demais lugares por onde passei durante a minha vida profissional. Agradeço a força de vocês, que me mantêm firme nos meus propósitos profissionais e, principalmente, por me fazerem acreditar que é possível o trabalho ético, cuidadoso, afetuoso e carinhoso, mesmo diante de tantas dificuldades e injustiças sociais.

Tem Espaço? Faz Tatuagem

*Um vício, um rabisco ou talvez minha viagem
Um estilo de vida, escrita de uma nova imagem
Tem espaço? Faz tatuagem*

*Ó, enquanto uns falam demais e se contradizem
Eu faço minhas tattoo e cago pro que eles dizem
Analisem um bando de hipócritas, fofocas, sem lógicas
Prefiro tomar minha vodka e rir dessa gente sórdida*

*A pele virou arte, meu corpo é meu encarte,
Meus desenhos falam tanto que as velhinha têm um enfarte
Foda-se a contraparte, isso é arte. Não gosta? Parte!
As ideias a gente reparte, esse mermo é meu estandarte*

*Old school, new school, mudaram minha aparência
Vem da old skull grafiti maricá, resistência
Um pouco de paciência, é preciso, não tem terror
Mas, se tu quer tatuar, tem que aguentar sentir dor*

*Não gostou? Se borrou? Tremeu?
Se fudeu? Desistiu? Sumiu? Na pele? O que? Deu febre?
Então faz as de henna ou as que vem em um chiclete
Se mete que aqui é sério neguim, vivemos isso
E não adianta me mudar, que já virou meu compromisso*

*Omisso eu nunca ficarei, mais uma lancei, rainha e rei
Louco eu já sei, já me libertei dessa falsa lei
Que veta emprego pra quem também fez, é!
Errado eu sei, mas na real eu tenho nojo
Desse bonde moralista mesquinho e preconceituoso*

*Já tô em outro posto, e tenho o que fazer
Tenho uns espaço branquim que eu tô doidim pra preencher
De rolezim nesse mundão em fotos, filmes norte a sul
Eu continuo falando, cê tem espaço? Faz tattoo!*

(Bonde da Stronda - Compositor Diego Villanueva)

RESUMO

O presente trabalho é um estudo exploratório, que tem como objetivo investigar os significados das tatuagens em corpos de jovens homens, moradores de bairros populares, e a possível relação entre esses significados e a construção de identidades masculinas. Utilizou-se na coleta de dados duas fontes: a) dez entrevistas com jovens, homens, de 18 a 28 anos, moradores de bairros de classes populares de Belo Horizonte e Santa Luzia e; b) 63 fotografias de tatuagens dos jovens entrevistados. Com o propósito de compreender e analisar como são expressas as masculinidades desses jovens partiu-se dos significados atribuídos por eles às suas tatuagens e da análise das imagens, utilizando a Análise de Conteúdo, sendo as categorias temáticas consideradas à luz da Teoria da Identidade Social. Concluiu-se que, para os jovens entrevistados, ser um jovem homem tatuado, na sociedade que vivemos, com as idades que têm, com as condições sociais que possuem, tanto afirma, como pode apresentar novas possibilidades e expectativas para suas identidades masculinas, principalmente nos aspectos relacionados ao trabalho e à família. A tatuagem mostrou-se, portanto, como uma das possibilidades de dizer quem são, de discordar, resistir ou simplesmente ser livre para expressar na pele essas novas respostas, dizer o que pensam e o que desejam para o mundo em que vivem.

Palavras-chave: Tatuagens; Masculinidades; Juventudes; Identidade social.

ABSTRACT

The present work is an exploratory study that aims to investigate the meanings of tattoos on ghetto young male's bodies, and the possible relationship between these meanings and the construction of masculine identities. Two sources were used on the information gathering: a) 10 interviews with youngsters, men, 18 to 28 years old, residents of poor neighborhoods of Belo Horizonte and Santa Luzia; b) 63 tattoos photographs of the youngsters interviewed. In order to understand and analyze how the masculinity of these young people are expressed, it started from the meanings attributed by them to their tattoos and from the images analysis, using the Content Analysis, being the thematic categories considered using the parameters of the Social Identity Theory. It was concluded for the young interviewed people that being a tattooed young man affirms and can present new possibilities and expectations for their masculine identities mainly in the aspects of work and family. That is even more evident if it is taken into account the society they come from or are inserted as well as their ages and social conditions. Tattooing has therefore proved one of the possibilities of saying who they are, of disagreeing, resisting or simply being free to express on the skin these new answers, to say what they think and what they want for the world they live.

Keywords: Tattoos; Masculinity; Youth; Social identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Marinheiros e estúdio de tatuagens	16
Figura 2. Tatuagens de identificação de campo de concentração nazista.....	17
Figura 3. Placa de estudos que descreve exemplos de tatuagens criminais de Cesare Lombroso.....	21
Figura 4. Lucky Tattoo	24
Figura 5. Diagrama categorias.....	61
Figura 6. Tatuagem "Mãe amor eterno"	62
Figura 7. Letras japonesas "Mãe é amor"	62
Figura 8. Tatuagem "SB - Nina e Luiza"	62
Figura 9. Tatuagem "Rosana e Maria"	63
Figura 10. Tatuagem "Luciana"	63
Figura 11. Tatuagem "Sônia"	64
Figura 12. Tatuagem "Larah"	64
Figura 13. Tatuagem "Pietro"	65
Figura 14. Tatuagem "Isabelle Vitória"	65
Figura 15. Tatuagem "Anjos"	65
Figura 16. Tatuagem "Alaíde"	66
Figura 17. Tatuagem "Júlio"	66
Figura 18. Tatuagem "Arthur"	66
Figura 19. Tatuagem "Família"	67
Figura 20. Tatuagem "1930"	67
Figura 21. Tatuagem " <i>Original Style</i> "	68
Figura 22. Tatuagem "Metralhadora"	68
Figura 23. Tatuagem "Gueixa"	69
Figura 24. Tatuagem "Samurai"	69
Figura 25. Tatuagem "Since 1981"	69
Figura 26. Tatuagem "15.04.1998"	70
Figura 27. Tatuagem "XX"	70
Figura 28. Tatuagem "Underground "	71
Figura 29. Tatuagem "Caveira de rato"	71
Figura 30. Tatuagem "Marginal de coração"	72
Figura 31. Tatuagem "Vencer ou vencer"	73
Figura 32. Tatuagem "Livrai-me da escuridão".....	74
Figura 33. Tatuagem "Letra Bob Marley"	74
Figura 34. Tatuagem "Tático no mundo dramático"	74
Figura 35. Tatuagem "Ninguém me entende"	75
Figura 36. Tatuagem "Amor e ódio"	76
Figura 37. Tatuagem "Yin Yang"	76
Figura 38. Tatuagem "Equilibrio"	77
Figura 39. Tatuagem "Yin Yang"	77
Figura 40. Tatuagem "Espada"	77
Figura 41. Tatuagem "Galoucura"	78
Figura 42. Tatuagem "Pagode"	80
Figura 43. Tatuagem "Golden Era"	81
Figura 44. Tatuagens "Familia Vandal e Viva la vida"	81
Figura 45. Tatuagem "Oração"	82
Figura 46. Tatuagem "Sagrado Coração de Jesus"	82

Figura 47. Tatuagem "Livrai-me de todo mal"	82
Figura 48. Tatuagem ofício "Corte de cabelo"	84
Figura 49. Tatuagem "Coruja"	84
Figura 50. Tatuagem "Sem limites"	85
Figura 51. Tatuagem "Âncora"	85
Figura 52. Tatuagem "Caveira"	85
Figura 53. Tatuagem "Pato"	85
Figura 54. Tatuagem "Olho"	85
Figura 55. Tatuagem "Carpa"	87
Figura 56. Tatuagem "Love"	87
Figura 57. Tatuagem "Gotas"	87
Figura 58. Tatuagem "Flor"	87
Figura 59. Tatuagem "Anjo"	88
Figura 60. Tatuagem "Puma"	88
Figura 61. Tatuagem "Índia"	88
Figura 62. Tatuagem "Cruz"	89
Figura 63. Tatuagem "Acredito no que faço, faço o que gosto"	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Jovens entrevistados.....	55
Tabela 2 - Variáveis e descrições.....	59
Tabela 3 - Análise de conteúdo - Tatuagens.....	60

SUMÁRIO

1	Introdução	13
2	Tatuagens	16
2.1	Histórias.....	16
2.2	Um pouco de literatura antiga.....	20
2.3	A história no Brasil.....	23
2.4	Usos e significados: breve revisão bibliográfica	26
3	Masculinidades	30
3.1	A categoria gênero	30
3.2	Masculinidade(s).....	33
3.3	Os ideais de masculinidade	36
	<i>3.3.1 O Masculino Moderno.....</i>	<i>36</i>
	<i>3.3.2. O Masculino Contemporâneo.....</i>	<i>39</i>
4	Juventude	46
4.1	A categoria juventude	46
4.2	Juventudes marginalizadas.....	48
	<i>4.2.1 O jovem de periferia.....</i>	<i>50</i>
5	Identidade social.	53
6	A Pesquisa	56
6.1	Objetivos.....	56
	<i>6.1.1 Objetivo Geral</i>	<i>56</i>
	<i>6.1.2 Objetivos Específicos</i>	<i>56</i>
6.2	Metodologia.....	56
	<i>6.2.1 Entrevistas</i>	<i>56</i>
	<i>6.2.2 Organização dos conteúdos</i>	<i>59</i>
7	Resultados	62
	7.1 Imagens	62
7.2	Texto	63
	<i>7.2.1 De onde venho.....</i>	<i>63</i>
	<i>7.2.2 Como me vejo.</i>	<i>69</i>
	<i>7.2.3 Onde estou.....</i>	<i>72</i>
	<i>7.2.4 Com quem estou.....</i>	<i>80</i>
	<i>7.2.5 Estética</i>	<i>86</i>
8	Discussão dos Resultados	92

8.1 Tatuarse: resistncia ou liberdade?.....	94
8.2 Tal pai, tal filho?.....	95
9 Consideraes Finais	97
REFERNCIAS BIBLIOGRFICAS	98
APNDICES	105
Apndice A	105
Apndice B	107
Apndice C	114
Apndice D	119
Apndice E	123

1 Introdução

As tatuagens são marcas corporais intencionais, coloridas ou não, e definitivas. Estão nos corpos, em todas as suas partes: corpos que ocupam as ruas, a televisão, os palcos, os rolezinhos, os campos de futebol. Estão também nas universidades, nas escolas particulares e nas baladas. São marcas que carregam histórias, culturas e também elementos pessoais, subjetivos, todos estes em constante transformação. São igualmente diversas as juventudes nas cidades: jovens que expressam os mais variados modos de ser e viver a condição juvenil. Uma diversidade que também está nas expressões das masculinidades, compostas por práticas e símbolos que definem características, comportamentos, ações e emoções a serem seguidos pelo universo masculino.

Neste trabalho, propõe-se a união destes três temas: tatuagem, juventude e masculinidades. Um dos sentidos dessa junção está na minha história profissional e no meu percurso acadêmico. As minhas escolhas profissionais me levaram a trabalhos que envolveram uma temática em especial: as violências sofridas e exercidas por jovens pobres, moradores de periferias e, na sua maioria, negros.

Nos meus onze anos de profissão, busquei compreender, cotidianamente, o fenômeno da violência, principalmente na sua relação com os homicídios *de* jovens de periferia ou homicídios *entre* os jovens de periferia. Neste contexto, que é marcado pela multicausalidade, algumas questões tomaram lugares diferentes no meu olhar e uma delas foi a diversidade de expressões das masculinidades nas práticas cotidianas desses jovens. É comum nas análises sobre motivações de homicídios entre jovens encontrarmos o tráfico de drogas como o grande vilão. Porém, essa eleição faz esconder uma dinâmica invisibilizada constituinte dos machismos e sexismos das nossas sociedades.

Neste cenário, é comum ouvirmos como motivações para as diversas violências e homicídios expressões como: “ele estava me tirando”, “guerra é guerra”, “mexeu com a minha mulher”, “aquele cara é muito folgado”, “aquela mina estava fazendo leva e traz”. Somam-se a essas motivações brincadeiras e comentários nas práticas esportivas ou durante as apresentações de Hip Hop, que expressam as masculinidades entre estes jovens. Com este contexto em mente, busquei no mestrado a possibilidade de organizar possíveis olhares, de ressignificar os meus estudos e a minha prática profissional.

Parte-se, portanto, de duas questões gerais: como podemos investigar as expressões das masculinidades de jovens, homens, moradores de bairros pobres? A partir do que nos for apresentado, será possível compreender quais são as construções de masculinidades desses jovens?

Para construirmos caminhos que pudessem levar às respostas para essas perguntas, resgatamos a imagem dos jovens e uma marca chamava a atenção: as tatuagens. Desde 2002, pude participar de diferentes políticas públicas direcionadas a jovens de bairros vulneráveis do estado de Minas Gerais. Nestes 15 anos, posso dizer que pouca coisa mudou nas demandas sociais desses bairros, porém, outras mudanças aconteceram e uma delas está nos corpos desses jovens: o aumento das tatuagens.

Vale destacar que as tatuagens apresentam hoje um uso menos discriminado, fazendo-se presente em diferentes corpos, independentemente do local de moradia, profissão, cor ou gênero. Mas, a partir daí, chegamos ao caminho a ser percorrido: procurar investigar, através das tatuagens de homens, jovens, moradores de bairros populares, elementos que possam permitir o entendimento das construções das suas masculinidades.

O primeiro momento deste trabalho apresenta a discussão teórica que teve o desafio de apresentar três grandes temas: tatuagem, gênero e juventudes. Inicialmente apresentamos a tatuagem a partir da história, uma história com vários inícios para vários fins. Foi necessário seguir uma linha temporal que, na verdade, sabemos que pouca linearidade tem, e buscar transmitir a diversidade de usos, sentidos e significados construídos ao longo da história. Sobre esses usos e significados encontramos um eixo principal: a identidade.

Partimos para a discussão de gênero, que não diferente de outras categorias, apresentou-nos uma variedade de estudos e teorias. Buscamos, então, trazer uma contextualização breve sobre a discussão de gênero e identidade de gênero a partir de alguns movimentos sociais. Para isso, identificamos referências que nos apresentaram as principais discussões do movimento feminista, assim como propósitos e posicionamentos de determinadas autoras e teóricas sobre o tema. Longe de buscar estabelecer um histórico, porque a discussão de gênero também tem muitos inícios, fins e processos, a ideia do texto apresentado é fornecer algumas informações sobre aspectos que fundamentam a temática da masculinidade neste cenário.

Propomos de maneira mais aprofundada o entendimento de masculinidades a partir de Connel (1997), que nos apresenta uma perspectiva interessante das masculinidades como construções de práticas e, portanto, passíveis de serem analisadas e interpretadas. Seguimos buscando entender como definir o homem que pretendemos estudar e, para isso, nos referenciamos na discussão proposta por Oliveira (2004), sobre a construção dos ideais masculinos ao longo da transição das sociedades medievais, modernas e contemporâneas.

Por fim, sistematizamos o entendimento de juventude. Nos pautamos principalmente na compreensão de juventude para além de uma qualificação normativa, naturalista e definitiva, ou relacionada somente a determinadas faixas etárias, valorizando o seu entendimento como um momento de construções sociais dialéticas entre a institucionalização e a autonomia dos sujeitos.

O segundo momento do trabalho descreve o objetivo da pesquisa: compreender, considerando-se os processos de atribuição de significados aos usos e às imagens de tatuagens, como são apresentadas as constituições das masculinidades para jovens, homens, moradores de bairros populares. Partiu-se da identificação e descrição dos significados atribuídos pelos entrevistados às suas tatuagens; dos processos de escolha da(s) imagem(ns) tatuadas; da descrição e análise das imagens tatuadas pelos entrevistados, considerando-se o seu conteúdo e da identificação, descrição e análise das possíveis relações entre os conteúdos/sentidos das imagens tatuadas, seus significados segundo os entrevistados, e os significados das masculinidades.

Seguiu-se apresentando o caminho metodológico proposto para a análise do material obtido nas entrevistas e, por fim, as análises e discussões elaboradas a partir do conteúdo analisado.

2 Tatuagens

2.1 Histórias

Os registros sobre utilização da tatuagem nos corpos de homens e mulheres indicam que essa é uma prática bastante antiga. Tal prática tem explicações de origens e significados diversos, que se constroem de acordo com povos específicos e determinados tempos históricos.

Ela [história da tatuagem] foi inventada várias vezes, em diferentes momentos e partes da Terra, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados. Em 1871, no livro *A descendência do homem*, o pai da lei do mais forte na evolução das espécies, Charles Darwin, já afirmava que, do Pólo Norte à Nova Zelândia, não havia aborígene que não se tatuasse. (Marques, 1997, p. 13)

A impossibilidade de identificação de uma única origem fez com que diferentes histórias fossem contadas a partir de fatos, acontecimentos, narrações e imagens construídas em diferentes momentos. Um desses fatos, repetido em diferentes textos, faz referência à ancestralidade dessa prática, a partir da descoberta de Otzi, uma múmia denominada “Homem de gelo”, encontrada no ano de 1991 na Europa, com medições arqueológicas indicativas de 5300 a.C., ou seja, do período Neolítico. Esse corpo congelado apresentava “linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito. São tatuagens.” (Marques, 1997, p.16). Tal descoberta surge na história como comprovação da existência de tatuagens em tempos bastante remotos, legitimando e reconstruindo diferentes histórias.

Apesar de ser uma reconhecida prática ancestral e da existência de registros que revelam a sua presença em tempos antigos, é a partir da Idade Média que muitas histórias sobre a tatuagem começam a ser contadas, principalmente em relação à atribuição de sentidos. Neste período, com base nos escritos do livro sagrado, a tatuagem torna-se prática submetida à interdição religiosa, e as religiões Judaica e Cristã proíbem a sua prática. (Ramos, 2001)

A Idade Média banuiu a tatuagem da Europa. E, mesmo no Renascimento, ela continuou praticamente extinta. O fogo da Inquisição pegava facilmente: quem

seria tolo o bastante para portar algo visto como *estigmarum diaboli*, marca do diabo? Cicatriz, marca de nascença, qualquer má formação à flor da pele – o corpo alterado virava, automaticamente, a moradia do Cão. Acreditava-se que a assinatura do pacto se dava no corpo da alma perdida – ai daqueles que ousassem uma tatuagem. (Marques, 1997, p.34)

Porém, neste mesmo tempo de proibição, a tatuagem é também adotada como documentação da fé para os cristãos em missões de peregrinação: “Voltava-se tatuado da viagem espiritual.” (Marques, 1997, p. 34), hábito que se manteve até tempos recentes, com as tatuagens sendo realizadas após peregrinações como forma de tatuar a fé (Ramos, 2001). Nesse sentido, Costa (2003) pondera que, ao se olhar para a história do uso de marcas corporais, algo surge de contraditório, pois, ao longo da história, as tatuagens serviram tanto para “enobrecimento quanto para degradação” (p.15). E, mesmo estigmatizada e punida pela Igreja Católica, a prática se manteve também como sinal de identificação da fé.

Marques (1997) afirma que, após a Idade Média, “a história da tatuagem passa a ser escrita não em livros sagrados mas em diários de bordo” (p.37) e retorna à Europa em meados do século XVIII com as explorações marítimas europeias que permitiram o encontro com os povos e culturas do pacífico.

A tatuagem foi reapresentada à Europa na Era dos Descobrimentos, após seu quase banimento na Idade Média. O europeu encontrou tatuagem em todos os continentes. E, quase trezentos anos depois de Colombo ter chegado à América, ela conquistou os marinheiros, no século XVIII, e o povão, os ricos e os monarcas, no século XIX. (Marques, 1997, p.36)

Dentro dessa perspectiva histórica, os primeiros a novamente marcar seus corpos com tatuagens na Europa e no resto do mundo foram os marinheiros, que utilizavam a tatuagem para registrar fatos importantes de suas vidas, as lembranças dos que ficavam em terra e, também, enquanto expressão de identidade marginal (Jeha, 2012).

É neste mesmo período que a palavra “*tattoo*” teria sido criada. Uma das histórias contadas, relaciona essa origem ao inglês James Cook, um capitão que, em suas expedições às ilhas do Pacífico, encontrou em solos taitianos homens e mulheres com os corpos desenhados e, a partir da variação da palavra “*tatau*”, onomatopeia do ato de

tatuado, relatou em seus diários essa nova forma de nomear as marcas e desenhos nos corpos (Marques, 1997).



Figura 1. Marinheiros e estúdio de tatuagens

Fonte: Recuperado de “Tatuagem: história, origem, significado, tipos e muito mais” do site Criativo de Galochas, 2012. <http://www.criativodegalochas.com/2012/12/03/tatuagem-historia-origem-significado-tipos-e-muito-mais/>

Foi então o encontro – marinheiros e povos tatuados – que fez com que a tatuagem retornasse à Europa. Todavia, as tatuagens não ficaram restritas ao universo marítimo que, ademais os marinheiros, também contava com prostitutas, criminosos, rebeldes e frequentadores dos portos pelo mundo. As tatuagens chegaram às altas classes, e são vários os registros de diferentes pessoas da sociedade europeia que escondiam embaixo de vestes bonitas e pomposas seus corpos tatuados (Marques, 1997). Jeha (2012) ressalta que:

a classe média e alta da sociedade ocidental se rendeu à tatuagem apenas nas últimas décadas do século XX, moda que os marujos lançaram e aderiram já no final do século XVIII, e outros grupos marginalizados, como presidiários, prostitutas, trabalhadores urbanos e artistas populares abraçaram ainda no XIX. (Jeha, 2012, p.214)

Foi também neste mesmo contexto, entre o final do século XIX e início do século XX, que a relação da tatuagem com a marginalidade foi acentuada. Assim, adicionalmente, nesse mesmo sentido, presidiários, meretrizes e soldados passam a ser frequentemente associados à tatuagem. Ela também ganha grande importância no ambiente das prisões.

No início do século XX, com a prática já bem disseminada, vê-se a necessidade de regular a atividade. Através do documento criado em 1909, restringe-se, nos Estados Unidos, por exemplo, as tatuagens indecentes ou obscenas para os candidatos à marinha, dando a eles a possibilidade de modificação das imagens para serem aceitos. Tal restrição

estende-se, na década de 1920, aos menores de idade e depois aos maiores, fundamentada em “razões de saúde pública, para conter a hepatite e a sífilis” (Marques, 2017, p.62).

Na Europa, especificamente na França do início do século XX, a tatuagem podia ser encontrada nos corpos juvenis, principalmente dos “delinquentes juvenis, jovens malandros dos subúrbios de Paris e de outras cidades” (Marques, 2017, p.64). Já no período entre Guerras, as descrições estão, por exemplo, nos campos de concentração e extermínio dos nazistas. A Revista Super Interessante, em entrevista a uma sobrevivente de um desses campos (Auschwitz) descreve:

o que ela viu e sentiu nas mãos do III Reich deixou cicatrizes eternas. O número - 70.072 -, que servia para identificá-la entre os 1,3 milhão de prisioneiros, continua lá, tatuado no antebraço esquerdo de Lidia. (Loch, 2015)

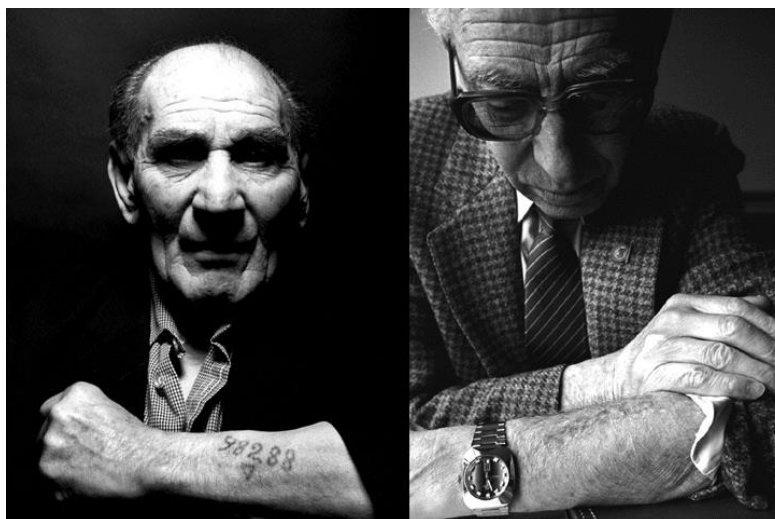


Figura 2. Tatuagens de identificação de campo de concentração nazista.

Fonte: Recuperado de “Descendentes homenageiam vítimas do Holocausto com tatuagens” do site PLETZ.com, 2013. <http://www.pletz.com/blog/tatuagens-para-vitimas-holocausto/>

O ato de se tatuar e a tatuagem em si sofreram significativas traduções nas migrações ocidentais, tanto no significado quanto no ritual (Ramos, 2001). No trabalho intitulado *Tatuagens e desenhos cicatriciais*, os autores Nava e Alencar Neto (1966) apresentam os principais campos de estudos sobre as tatuagens daquela época. Segundo eles, esses seriam a Etnografia e Etnologia, a Patologia Geral (com estudos das tatuagens em mutilações do corpo humano), a Anatomia Patológica, a Psicologia e a Psicopatologia articuladas à Criminologia, à Medicina Legal e à Policiologia, por intermédio do Direito. Esses campos produziram estudos que constituíram/refletiram significados ainda

encontrados na nossa sociedade, tais como a associação da tatuagem à subversão e à criminalidade.

2.2 Um pouco de literatura antiga

O paradigma da racionalidade biológica produziu diferentes certezas ao longo da nossa história, não somente para medicina, mas para diversos outros setores da nossa sociedade, e deu para as ciências “um espaço privilegiado na fabricação de certezas não limitadas à esfera médica” (Augusto & Ortega, 2011, p.222). Um dos representantes na construção desses paradigmas foi Cesare Lombroso, italiano, estudioso de criminologia da Escola Positiva, médico do sistema prisional italiano que desenvolveu uma série de estudos a partir de autópsias nos cadáveres dos presos. Ao dissecar corpos de criminosos, Lombroso identifica no crânio de um deles a “*fosseta occipital média*”, osso característico do homem primitivo.

Ao partir do pressuposto de que os comportamentos são biologicamente determinados, e ao basear suas afirmações em grande quantidade de dados antropométricos, Lombroso construiu uma teoria evolucionista na qual os criminosos aparecem como tipos atávicos, ou seja, como indivíduos que reproduzem física e mentalmente características primitivas do homem. Sendo o atavismo tanto físico quanto mental, poder-se-ia identificar, valendo-se de sinais anatômicos, aqueles indivíduos que estariam hereditariamente destinados ao crime”. (Alvarez, 2002, p.679)

Com alcance ao campo das doutrinas penais da época, mas com propósito maior de constituir uma nova ciência humana, Cesare Lombroso publica sua primeira obra de grande expressão, *L'Uomo Delinquente*, em 1876, obtendo maior alcance internacional com as publicações em francês e alemão, em 1887 (Alvarez, 2002). Nessa obra, Lombroso (1887) identifica, dentre outras características relacionadas ao delinquente, a presença da tatuagem – esta, identificada também como um traço próprio dos povos primitivos. (Figura 3)

Um dos traços mais característicos do homem primitivo, ou alguém que vive no ambiente selvagem, é a facilidade com a qual se submete a este, em vez estética cirúrgica, e cujo nome, mesmo, foi fornecido a nós por uma expressão idiomática

do Pacífico. Esse uso é, ainda hoje, muito difundido na Itália, sob os nomes, marca, sinal, etc.; mas é encontrado apenas nas classes mais baixas da sociedade, entre os camponeses, marinheiros, trabalhadores, pastores e soldados, mais ainda em criminosos. Pode-se até dizer que, para eles, a sua frequência é um personagem legal específico-anatômico e novo. [Tradução] (Lombroso, 1887, p.203)

Neste estudo, Lombroso (1887) faz um comparativo com os soldados do exército, grupo que apresentava, na época, também grande incidência de tatuagem em seus corpos, e identifica diferenças não somente na presença, mas igualmente no sentido dessas marcas.

Outra referência histórica para os estudos da tatuagem na perspectiva antropológica e médico-legal foi Alexandre Lacassagne, médico francês e criminologista. O autor publicou, em 1881, o livro “*Les tatouages: étude anthropologique et medico légale*”, em Paris . Neste trabalho, Lacassagne (1881) propõe a sistematização do trabalho médico e antropológico sobre as tatuagens realizado até então, para posteriormente apresentar suas contribuições.

Em consonância, na tentativa de entender os sentidos e significados das tatuagens, principalmente em relação à criminologia, encontramos na literatura antiga o livro intitulado “A Tatuagem nos criminosos – Estudo feito no Posto Anthropometrico da cadeia da relação”, escrito por Álvaro Teixeira Bastos, publicado pela Escola médico cirúrgica de Porto, Portugal, em 1903.

Neste trabalho, Bastos (1903) apresenta como principal propósito o de: expor com nitidez o estado em que actualmente a tatuagem se encontra no nosso meio prisional, as causas que mais directamente influem na pratica dessas ornamentações indeléveis, e os caracteres que mais particulares lhe são entre delinquentes portuguezes. (Bastos, 1903, p.14)

Motivado pela diversidade de pontos de vista existentes sobre as tatuagens, Bastos (1903) constrói um percurso teórico a partir dos estudos de Lombroso (1876), Lassagne (1881), M. Berchon (1860) e das pesquisas de historiadores, psicólogos, criminalistas e etnógrafos da época, que buscavam “encontrar as causas e leis que expliquem satisfactoriamente a incrustação d'esses signaes indeléveis na pelle do homem” (Bastos, 1903, p.18).

Bastos (1903) configura a tatuagem como atributo das tribos da Oceania, um povo não civilizado, primitivo, com intelecto mínimo, cérebros rudimentares e com pouca capacidade de abstração. O autor sustenta a relação entre o uso da tatuagem e o nível de civilização de um povo. Neste sentido, povos atrasados, com menor intelecto, necessitariam recorrer a símbolos expostos nos corpos para se comunicarem e, principalmente, para identificarem grupos, hierarquias, feitos e bravuras.

Diante do desafio de encontrar respostas para o uso e a difusão das tatuagens, o autor afirma que somente a Psicologia daria conta de apontar hipóteses, por exemplo, do porquê de povos inferiores recorrerem ao uso de ornamentos na pele produzidos a partir de um processo doloroso. Ele constrói sua análise referenciando-se na sua pesquisa realizada com presos que apresentavam um número expressivo de tatuagens, e apresenta certeza quanto a associação da população carcerária a um nível de intelectualidade reduzido, assim como os primitivos (Bastos, 1903).

Ainda neste trabalho, o autor descreve algumas características da delinquência, como: imitação, religião, ociosidade, vaidade e o esnobismo, e as reconhece como grandes responsáveis pela difusão da tatuagem. Sendo que, o esnobismo explicaria, por exemplo, não somente a expressiva presença das tatuagens entre os presos, mas também sua propagação na “boa” sociedade inglesa, fato que começava a ser observado na época.

Percebe-se que os discursos médico e legal deste início de século tiveram grandes repercussões científicas na época, não somente para as concepções sobre a tatuagem, mas principalmente para a estigmatização de características e traços de personalidades associados à figura do criminoso. Dessa forma, a associação das tatuagens a essas identidades foi sendo legitimada pela ciência e, conseqüentemente, em certa medida, pela sociedade.

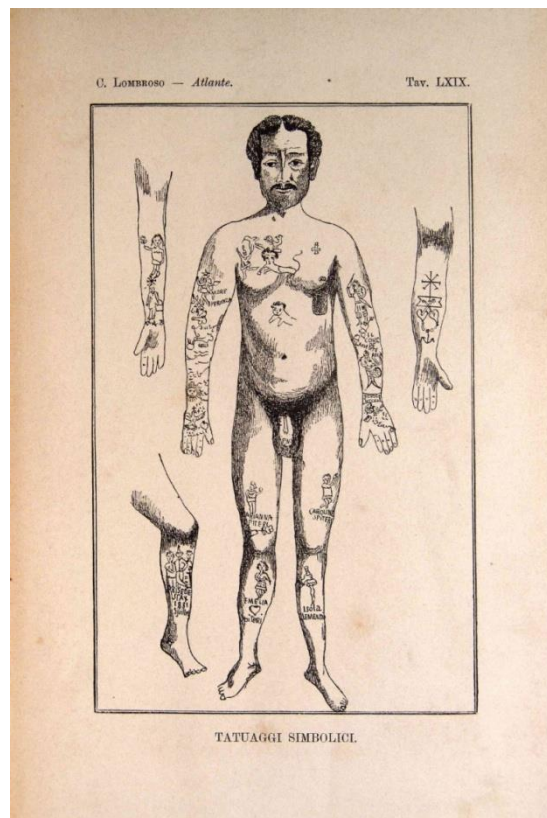


Figura 3. Placa de estudos que descreve exemplos de tatuagens criminais de Cesare Lombroso.

Fonte: Recuperada <https://br.pinterest.com/pin/287456388694771240/>. Imagem originalmente da obra “*L'uomo Delinquente*” de Cesare Lombroso, 1876.

2.3 A história no Brasil.

No Brasil, uma parte da história da tatuagem é contada em dois momentos (Ramos, 2001). Inicialmente, não diferente de outros lugares, os que no Brasil sempre habitaram – os índios – expunham desenhos e marcas de todas as formas e cores em seus corpos. O segundo momento seria o da expansão dos seus usos também a partir das experiências portuárias no século XIX (Marques, 1997).

Também aqui nas Américas essa prática de tatuar o corpo foi bastante recorrente entre seus primeiros habitantes. . . . caveiras, flores, estrelas, animais ou traços geométricos simbolizavam a filiação definitiva a uma tribo. O método seguido variava segundo a tribo. Muitos recorriam ao corte da pele, onde introduziam uma mistura de cinzas com manteiga, enquanto outros recorriam ao método do branding, isto é, marcas feitas a partir de desenhos recortados no ferro, aquecido então na brasa e impresso na pele. Semelhante método foi usado pelos índios

Caduveos, no Brasil, que imprimiam no seu corpo imagens que representavam brasões hierárquicos. (Ramos, 2001, p. 35)

Estudos que analisaram tatuagens indígenas na realidade brasileira apresentam uma vasta possibilidade de significados, não somente pela diversidade de tribos existentes, mas principalmente pela complexidade de tal definição. Dentre essas possibilidades de análise de significados para a prática estariam: iniciação, hierarquia, magia, luto, sacrifício e identificação (Marques, 1997).

O outro momento da tatuagem no Brasil se dará já no século XX, acompanhado pelo interesse da medicina e do sistema judiciário em entender esse fenômeno. Marques (1997) apresenta uma série de estudos que foram desenvolvidos, por exemplo, nas faculdades de medicina, e produziram pesquisas e conhecimentos que, segundo o autor, dão “acabamento científico à moral reinante” (p. 144).

Da tentativa de identificar os criminosos, surgiu o interesse pela tatuagem. Ideia de Alphonse Bertillon, um dos pais da chamada polícia científica, cuja arma principal devia ser o intelecto. Bertillon criou a primeira forma científica de identificar o indivíduo adotada na França em 1888. Bertillon uniu antropologia e polícia, ao propor quatro principais meios de identificação: medidas antropométricas (tamanho do crânio, distância entre os olhos, etc.); fotografias judiciárias; marcas corporais (sinais, cicatrizes, tatuagens, etc.) e retrato falado (Marques, 1997, p.145).

Essa discussão logo chega ao Brasil e, segundo Marques (1997, p.145): “só morre com a descoberta da impressão digital”. O uso da tatuagem por pessoas que cometiam crimes começa a ser assunto da medicina, da antropologia e da polícia, o que faz surgir, no Brasil, vários estudos.

Já em 1902 um estudante de medicina percebeu o potencial do tema. No fim do curso da Faculdade de Medicina da Bahia, Alvaro Ladislau C. De Albuquerque apresentou tese sobre a tatuagem. Em 1912, tivemos dois textos. No dia 21 de março, o potiguar José Ignácio de Carvalho apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o texto *Tatuagem e criminalidade*, dissertação na cadeira de Medicina Legal, para obtenção do grau de doutor em Medicina. Em 31

de outubro, o pernambucano Angelo Rodrigues da Cruz Ribeiro expôs sua tese, que, como a do colega do Rio, valia o título de doutor. Seu assunto pertencia à cadeira de Medicina Legal e Toxicologia da Faculdade de Medicina da Bahia: *Tatuagem (estudo médico-legal)*. (p.146)

Vinte e sete anos após os estudos de José Ignácio e de Angelo Rodrigues, surge o texto *Tatuagem e tatuados da Penitenciária de Alagoas*. O autor é o Dr. José Lages Filho, livre docente da Medicina Legal da Faculdade de Direito de Alagoas, médico legista da Polícia. (Marques, 1997, p.153)

Dentro desse universo, o lugar do jovem começa a ter destaque principalmente pela incidência da tatuagem nos corpos dos adolescentes que cometiam crimes. Marques (1997) cita Meton de Alencar Neto e José Nava que, em 1944, se propuseram a estudar esse fenômeno e afirmaram existir uma relação entre a tatuagem dos **delinquentes juvenis**¹ e a vulnerabilidade ou desajustamento social em que viviam.

Foi personagem importante na história da tatuagem no Brasil, o tatuador dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, conhecido como Lucky Tatoon ou Mr. Tattoo (Marques, 1997). O dinamarquês chegou ao Brasil em 1959, e viveu na cidade de Santos, São Paulo, por 20 anos, até mudar-se para Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, onde permaneceu tatuando até 1983, o ano da sua morte. Lucky é considerado o primeiro tatuador profissional no Brasil e o precursor na utilização da máquina elétrica de tatuagem no nosso país. O tatuador ficou conhecido por tatuagens famosas, como a do dragão tatuado no braço do jovem Petit, ou o “Menino do Rio”, como ficou conhecido pelos versos de Caetano Veloso, de 1979. Marques (1997) nos apresenta uma fala de Luck ao jornal o Globo:

Os homens querem ser tatuados por dois motivos principais: a fé e o amor, amor às mulheres, ao país, à profissão. Mas existe outro motivo: o exibicionismo ruim, dos violentos, que acham tatuagem marca de valentia. As mulheres têm um motivo próprio: a vaidade. Os jovens têm igualmente uma razão própria: eles são diferentes, querem se mostrar, porque não se envergonham de seus corpos; ao contrário, gostam deles. (Marques, 1997, p.179)

¹ Termo utilizado na época para dizer sobre os jovens que cometiam atos infracionais.

Assim como as histórias sobre as origens da tatuagem podem ser diversas, seus sentidos e significados também podem, na medida em que foram construídos continuamente no decorrer de cada tempo e cada cultura, o que torna a busca por respostas ao uso e significados das tatuagens um desafio ao longo dos anos.

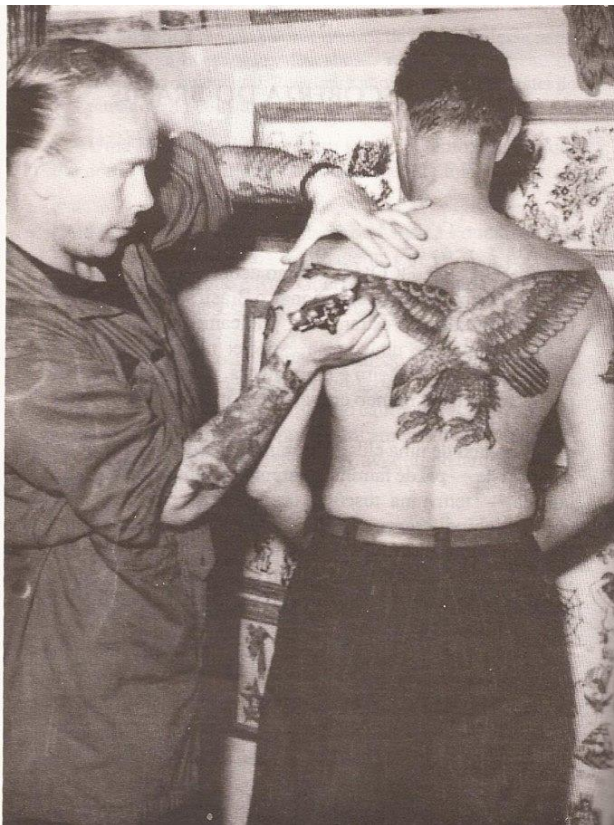


Figura 4. Lucky Tatoo

Fonte: Retirado de “Lucky em ação nos anos 60, antes da invasão dos meninos do Rio” de T. Marques, 1997. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco. p.174.

2.4 Usos e significados: breve revisão bibliográfica

Diferentes referências apresentam as tatuagens relacionadas a processos que vão além da mera escolha de um desenho ou de uma prática de arte e adorno expressada através da pele (Pérez, 2006). Em destaque, toma-se por referência para esta pesquisa estudos que relacionam tal prática a processos identitários, ou seja, consideramos a tatuagem como possibilidade de expressão de identidades. Nessa concepção, dificilmente tatuar-se-ia algo com o qual não se tem identificação ou que não faça sentido para si e para os outros. Ser tatuado, segundo Pérez (2006, p.193), seria “um caminho de construção de subjetividade – de inscrever nos corpos algo que diferencia e identifica”.

o ato de ser tatuado tem para eles [entrevistados na pesquisa da autora] um significado essencial: diferenciar-se, sair da multidão, ter algo que os singularize, que lhes permita destacar-se do grupo social a que pertencem. (Pérez, 2006, p.195)

Segundo Oliveira (2007), a construção e expressão das identidades, em especial as dos jovens, se dará a partir da eleição de diferentes expressões, dentre as quais estão as tatuagens.

Os jovens, marcadamente, constroem e expressam sua identidade com base nas complexas escolhas de consumo simbólico que estão à sua disposição como num excitante hipermercado de imagens, símbolos, territórios, tatuagens, corpos, ideologias, referências, modas, objetos, bebidas, comidas etc. Na sociedade contemporânea midiática e urbana, os indivíduos fazem parte de vários grupos, aos quais acham-se ligados por mecanismos de projeção e identificação nos mais diversos sentidos. (Oliveira, 2007, p.77)

Seguindo essa perspectiva, as tatuagens tornam-se também expressão das diferenças de gênero que estão nas culturas expressas em símbolos, valores, comportamentos. Para Osório (2006), o universo da tatuagem é “generificado, ou seja, constituído por separações entre os gêneros” (p.96). Nesse sentido, as imagens escolhidas pela mulher e pelo homem são diferentes e pautadas em estereótipos que partem de símbolos do que seria “de mulher” e “de homem”. Sabino e Luz (2006), em estudo com homens e mulheres tatuados frequentadores de academias de ginástica, incluem nessa discussão os processos de identificação e diferenciação enquanto pontos de análises:

As divisões estabelecidas pelos desenhos configuram a manutenção, reprodução mesmo, da gramática das diferenças inerentes às relações de gênero. Quando pensa escolher seu desenho (seja ele qual for), o indivíduo é “escolhido” por todo um conjunto de representações e práticas, estruturas subjetivas e objetivas reproduzidas pelo estilo de vida que articula e imita (EDMONDS, 2002). (Sabino, Luz, 2006, p.255)

Na pesquisa em estúdios de tatuagens do Rio de Janeiro em 2003 e 2004, Osório (2006) apresenta dados que demonstraram a presença significativa de demanda por tatuagem em outros estratos populacionais, não relacionados à cultura jovem. Esse fato

não reduz a expressividade da demanda de jovens, principalmente dos que acabaram de completar os 18 anos. Segundo Osório (2006), aos 18 anos, ou na maioridade, existem aspectos que vão além da questão jurídica, mas que se relacionam com a liberdade. Neste sentido, “a marca parece ser um indicativo de liberdade – aqui uma liberdade sobre o próprio corpo que se conjuga a uma liberdade por escolhas” (p.84). Porém, diante das restrições impostas aos adolescentes, a tatuagem é mais que só um enfeite, ela se torna também uma expressão de liberdade, autonomia e resistência: “uma autonomia sobre o corpo é uma autonomia sobre o indivíduo” (Osório, 2006, p.96).

Segundo Arce (1999, p.143), a “tatuagem é uma marca de identificação, mediante a qual o indivíduo constrói limites simbólicos de adscrição, referentes de lealdade, de pertença. É acompanhada de elementos de adscrição coletiva e, portanto, funciona como fronteira excludente”.

Em incontáveis culturas, as diversas maneiras de tatuar o corpo fazem parte dos sistemas simbólicos de identificação/diferenciação, pertencimento e estratificação social compartilhados pelos grupos; pertencem também ao rol das imagens e dos símbolos produzidos e reproduzidos para superar a morte, construir uma noção de tempo, produzir magia, concretizar em rituais as complexas mitologias que organizam o grupo e unem o indivíduo ao coletivo. (Oliveira, 2007, p.79)

Relativizando tais questões, Ferreira (2011) afirma que as tatuagens, nos dias atuais, têm significados identitários que se dão não exclusivamente por determinação social, mas mais significativamente enquanto uma escolha individual. O autor é contrário à interpretação segundo a qual a tatuagem é considerada como símbolo de identificação de pertença social imposto pelas culturas sobre o sujeito. Para Ferreira (2011), a tatuagem hoje em dia deixou de ser algo determinado socialmente para ser, sobretudo, uma escolha singular. A ausência de ritos de transição da adolescência socialmente determinados faz com que cada adolescente escolha rituais de transição de uma condição social para outra.

Portanto, para o autor, as tatuagens são hoje mais expressão de processos biográficos, singulares do que de identificação de povos, rituais e símbolos impostos por determinadas culturas. Os sujeitos constroem suas identidades a partir de comparações interindividuais e com relação aos grupos de pertença. Compreender essa dimensão é complexo, na medida em que diz respeito às diversas possibilidades de visão que os sujeitos podem ter sobre si próprios.

Ferreira (2014) chama atenção para as dinâmicas chamadas de “excorporação”, ou seja, práticas de exibição e ostentação pública do corpo, que expressam opções e decisões dos sujeitos em relação aos usos dos seus corpos. Marca-se na pele as várias possibilidades de ser e existir, e através do corpo é possível fazer escolhas por modos de ser, estilos de vida e novas identidades. O corpo torna-se “operador social”, local onde o social é revelado sobre o indivíduo, de inscrição simbólica onde os signos “refletem posições sociais na estrutura de poder (que podem ser de classe, de gênero, de raça, etc.)” (Ferreira, 2014, p.407). Um corpo que não somente reproduz, mas que pode assumir diferentes lugares.

Analisada tanto como processo individual quanto social, em relação ao aspecto identitário parece não haver dúvidas. Usa-se o corpo para expressar elementos que constituem/expressam identidades e dificilmente, ou quase nunca, tatua-se algo que não faça sentido para si ou para algum grupo social de pertença. Neste sentido, um dos grupos a ser indicado, por exemplo, são os homens. Mas o que é “ser homem”?

3 Masculinidades

3.1 A categoria gênero

Ao se falar de gênero deve-se levar em consideração a diversidade e abrangência que essa categoria tem para as ciências sociais. Grossi (1995) afirma que o vazio na bibliografia em português, naquele momento, sobre o conceito e os diferentes usos, levou a discussão sobre gênero para uma relação imediata entre identidade de gênero e opção sexual:

O conceito de gênero está colado, no ocidente, ao de sexualidade, o que promove uma imensa dificuldade no senso comum que se reflete nas preocupações da teoria feminista de separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade, esta marcada pela escolha do objeto de desejo (Grossi, n.d., p.4).

Historicamente, uma diferenciação entre sexo e gênero se torna necessária aos latinos, especialmente para os que falam o *castelliano*, já que para esses povos gênero é um substantivo que também nomeia categorias como “classe, tipos de assunto, etc., sem ter referência ao sexual” (Moraga, 1992, p.83). Já na língua inglesa isso não acontece, pois, a expressão “*gender*, que é traduzido como gênero, refere-se somente ao sexo e à relação entre as formas femininas e masculinas definidas pelas sociedades” (Moraga, 1992, p.83).

Refletir sobre gênero é um desafio ainda maior quando a questão é “identidade de gênero”, entendida como a “constituição do sentimento individual de identidade” (Grossi, n.d., p.8). O termo foi apresentado pela primeira vez em um Congresso Internacional, pelo psicanalista Stoller, em 1958, quando este propõe o entendimento da identidade de gênero enquanto uma distinção entre o que seria biológico e cultural, e a pessoa – homem ou mulher enquanto produto dessa associação (Haraway, 2004).

Neste momento a distinção *biologia versus cultura* torna-se um caminho de entendimento da identidade de gênero e insere-se no contexto “de busca por novas perspectivas de se pensar/fazer ciência e também nas relações sociais/humanas pós-guerra, provocadas pelo terror provocado pelo racismo biológico” (Haraway, 2004, p.217). Porém, tal distinção provoca críticas por parte de algumas feministas, que entendiam que “manter as determinações biológicas manteria as mulheres distantes do lugar de “sujeitos sociais na história’, construídas ou autoconstrutoras de um lugar no

mundo” (Haraway, 2004, p.218), o que dificultaria, portanto, a construção do lugar da mulher enquanto categoria social.

Essas discussões fizeram emergir novas reflexões para a concepção de gênero, principalmente no âmbito do discurso feminista na década de 70, na Europa. O contexto de disputas e o momento histórico e político do movimento feminista buscavam dar lugar à mulher na história, e a escolha pelo termo gênero definiria posicionamentos (Haraway, 2004).

Para Scott (1990), o termo gênero surge entre as feministas americanas buscando principalmente marcar os aspectos sociais das distinções entre os sexos, em um momento que necessitava de uma palavra nova para rejeitar o determinismo que as palavras “sexo” ou “diferença sexual” carregavam. A utilização da palavra gênero inseria nos estudos uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres, e também permitia considerar os aspectos relacionais que os estudos feministas queriam expressar.

o termo “gênero” constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80. . . . além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (Scott, 1990, p.75).

O final do século XX, principalmente as décadas de 1970 a 1990, foi de grande importância para a construção das concepções de gênero, constituídas principalmente a partir do diálogo e críticas às distinções deterministas entre sexo e gênero, entre biológico e cultural. O movimento feminista e o contexto político e científico da época permitiram a entrada de diferentes campos neste debate. Nesse momento, a discussão de gênero apresenta-se ao debate, principalmente através das correntes feministas, que buscavam a construção do lugar da mulher enquanto categoria social (Silva, 2000).

Porém, para Nolasco (2003), a literatura feminista demarcou os lugares para o homem e para a mulher, para definir somente o da “mulher”, pois era um momento em que era necessário manter a denominação “homem” como um bloco homogêneo, sem diferenciação; para que o argumento feminista fosse legitimado, “costumava-se tratar os homens como se eles não tivessem gênero” (Oliveira, 1998, 3ºp.).

É consenso, no mundo acadêmico, a importância da temática de gênero construída a partir do movimento feminista para a constituição de espaços de discussão e transformações do entendimento sobre as relações masculino-feminino. A inclusão da

dimensão relacional permitiu compreender a “dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino e não apenas entre homens e mulheres, mas nos homens e nas mulheres” (Medrado e Lyra, 2008, p.820). Segundo Scott (1998), a discussão sobre gênero não pode se limitar à diferenciação homem/mulher, mas precisa falar de relação e dar sentido a essa diferença.

Os estudos sobre homens foram um reflexo diretamente decorrido do avanço dado pelas mulheres na conquista de uma cidadania e de seus direitos, na ordem pública e privada, na ordem moral e sexual, e que passaram a propor, novamente, uma nova forma de ver o homem, agora bastante diferente daquela que os vitorianos apregoavam. (Silva, 2000, p.1)

Para Grossi (1995), essas discussões permitiram transformações na vida das mulheres e também dos homens, e a identidade masculina, que em tempos anteriores seria algo definido, sem necessidade de reflexão ou reconstrução, passa a ser questionado tornando-se também objeto de análise.

É inegável que o feminismo veio abalar a idéia de uma masculinidade admitida como natural e, assim, abriu caminho para o seu questionamento histórico. O discurso feminista, aliado a outros fatores estruturais tais como as rápidas mudanças tecnológicas e conseqüentes alterações nas relações de sociabilidade em todas as instituições, provocou a necessidade de uma reflexão por parte dos homens sobre seus comportamentos e posicionamento diante das relações sociais. Inaugurou-se, então, um processo de indagação acerca do comportamento masculino tradicional, destacando sua inadequação e ineficácia no mundo contemporâneo. Tais questionamentos se refletiram na atenção especial dedicada a estes temas na literatura sobre masculinidade que desabrochou nos anos 70, época de grande efervescência do movimento feminista. (Oliveira, 1998, 63ºp.)

Porém, essa dimensão relacional essencial para a discussão de gênero entre as feministas e nos “estudos de homens” pode ser também vista como um obstáculo aos estudos de gênero. Para o autor, pensar gênero só como estudo das relações reduz a complexidade, pois existem diversas outras relações sociais que fazem parte da sociedade e que também a constituem. Definir os lugares para os homens e para as mulheres é,

objetivamente, uma forma de localizar poderes que não são inerentes, sendo importante para além de identificar esses lugares ter atenção à maneira com que essas (im)posições são reproduzidas nas relações sociais, por exemplo, no trabalho, na política e na expressão das emoções (Almeida, 1996).

3.2 Masculinidade(s)

O termo masculinidade, assim como as discussões que já foram apresentadas, desenvolve-se e modifica-se a partir de específicos contextos históricos, sociais e políticos, sendo constituído por significados que estão sempre em transformação, pois são construídos nas relações entre nós, os outros e o mundo. Dessa forma, o conceito de masculinidade surge dentro de uma concepção heteronormativa de gênero, que ignora, essencializa as diferenças, e dicotomiza o biológico *versus* cultural atribuindo valores naturais aos corpos (Connell e Messerschmidt, 2013). Ele se desenvolve, portanto, basicamente a partir de critérios para diferenciar os sexos (Honório, 2009).

Connell (1997), no artigo intitulado “*La organización social de la masculinidad*”, afirma que todas as sociedades têm registros culturais de gênero, mas não são todas que têm o conceito de masculinidade.

[O conceito de masculinidade] surgiu com as discussões acerca das dimensões políticas da identidade, expressadas pelos “novos movimentos sociais” da década de 1960, especificamente pós 1968, com as revoltas estudantis de maio de 68, em Paris, os movimentos de contracultura, o movimento feminista e o movimento gay, que provocaram alterações nas relações sociais. (Honório, 2009, p.5)

Enquanto campo de estudo, seu surgimento se deu no contexto das discussões feministas que, naquele momento, diziam respeito exclusivamente às mulheres: “Eram elas a diferença, o problema e a categoria a ser observada, classificada, dissecada” (Welzer-Lang, 2004, p.108). Porém, em 1971, a antropóloga francesa Nicole-Claude Mathieu, de forma pioneira, criticou o que existia de análise metodológica e teórica na relação homem-mulher e propõe um novo lugar que pudesse “fazer dos homens e do masculino uma categoria como a das mulheres e do feminino” (p.118).

Durante os anos 1980, a produção sobre masculinidade foi colocada mais propriamente em relação às teorias de gênero, isso porque muitos autores e autoras acreditavam que essas teorias não poderiam ser construídas sem referir-se a ambos os

sexos (Moraga , 1992). A construção social sobre a masculinidade segue, portanto, nesse momento, duas direções: uma de produções a partir das reflexões do feminismo e outra, feita por homens buscando um estudo da masculinidade de forma mais autônoma. Também nesta época, no contexto dos países anglo-saxões, alguns pesquisadores, homens, ligados ao movimento feminista, tomam como referência paradigmática os estudos feministas para o que veio posteriormente ser chamado de “estudos masculinos” (Cecchetto, 2004, p.57).

Na década de 1990, surgiram novas obras que objetivavam sistematizar e aprofundar o tema da masculinidade. Uma dessas obras é o *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, de 2005, elaborado por Rayween Connel, Jeff Hearn e Michael Kimmel (Medrado & Lyra, 2008). Neste trabalho, os autores e as autoras objetivaram organizar as produções sobre masculinidade e as categorizaram a partir de quatro objetos distintos:

- (a) a organização social das masculinidades em suas “inscrições e reproduções” locais e globais; (b) a compreensão do modo como os homens entendem e expressam “identidades de gênero”; (c) as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades); (d) a dimensão institucional das masculinidades, ou seja, o modo como as masculinidades são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais. (Medrado & Lyra, 2008, p.810)

Já Grossi (2004) descreve o campo sobre masculinidade a partir de duas correntes teóricas essenciais: a pós-estruturalista e a estruturalista. A pós-estruturalistas, que têm Joan Scott como uma das representantes, identificam o gênero como linguagem, definido como discurso, portanto podendo ser múltiplo, indo além do masculino e do feminino. Discursos não são apenas palavras, mas linguagem, atos que têm significados que permeiam toda a questão do gênero (Grossi, 2004, p.5).

Já as estruturalistas concebem o gênero necessariamente pela constituição da relação de oposição entre o masculino e o feminino, entendendo, por exemplo, a subordinação feminina enquanto cultural, porém universal. Nesta concepção,

gênero significaria alteridade. Portanto, nessa corrente pode-se existir somente dois sexos: o masculino e o feminino, que se constituem sobre os aspectos

biológicos, sexuados, e que podem ter variações de acordo com cada história e cultura”. (Grossi, 2004, p.5)

A obra *Masculinities*, de R. W. Connel, publicada em 1995, é um dos principais referenciais teóricos para o campo de estudos sobre masculinidade. Connel (1997) afirma que cada cultura adota formas diferentes de caracterizar o tipo de pessoa que se considera masculina, constituindo diferenciações em relação a esse *ser homem* e suas práticas. Assim, as masculinidades se constituiriam como espaços simbólicos, que definem características, comportamentos, ações e emoções a serem seguidos.

Sendo assim, teríamos diferentes definições de masculinidade, pois são também diversas as formas de caracterizar o que é considerado masculino. Segundo Connel (1997), estas compreensões seguiram quatro focos principais que se diferenciam na lógica, mas combinam na prática: as definições essencialistas, positivistas, normativas e o enfoque semiótico.

A definição essencialista busca uma característica definidora do núcleo do masculino e acrescenta a ela uma série de características da vida dos homens. Nesta concepção, aconteceria a eleição de uma essência que tende, no posicionamento da autora, a ser arbitrária (Connel, 1997). Para Oliveira (2004), o essencialismo é característico das posições mais conservadoras, é “a ideia segundo a qual as diferenças do comportamento de gênero são apenas consequências de atributos inatos, inscritos na anatomia e resultantes do dimorfismo sexual biológico” (p.150).

Destaca-se também o essencialismo cultural “que pensa masculinidade como um atributo a ser conquistado e mantido, diferentemente da feminilidade” (Oliveira, 2004, p.150). Especialmente no ocidente, esse essencialismo cultural masculino é entendido pela conjunção de elementos naturais e culturais, por exemplo: o homem provedor da família e protetor da mulher e das crianças, a propensão à competição, o prazer de correr riscos, impulso natural de buscar a relação sexual, moderação na expressão das emoções, etc. (Oliveira, 2004, p.150).

A definição positivista é a constatação dos fatos e constituições de uma definição simples da masculinidade, que leva à constituição de escalas que medem masculinidade e feminilidade e definem masculinidade a partir do que os homens empiricamente são (Connel, 1997). A terceira concepção, normativa, reconhece as diferenças e oferece um modelo de masculinidade que deveria ser seguido (Connel, 1997).

Por fim, o enfoque semiótico define masculinidade a partir de um sistema de diferenças simbólicas que se contrastam nas posições masculinas e femininas. A

masculinidade é definida como não feminilidade. Nesta concepção, os elementos do discurso são essenciais, pois serão definidos a partir dessas diferenças. Este enfoque, muito utilizado nas análises culturais feministas pós-estruturalistas e na psicanálise, pelos estudos dos símbolos de Lacan, escapa do essencialismo, do positivismo e das normatizações propostas pelas outras concepções (Connel, 1997).

Em outra perspectiva, Badinter (1993) afirma que se tornar homem envolve aspectos psicológicos, sociais e culturais que desempenham papel tão determinante quando a genética possui para as definições desse ser homem, e que masculinidade é sempre um “objetivo e um dever” (p.3). Porém, para a autora, naquele momento, alguns pontos de referência do “ser homem” não existiam mais, e o homem do final do século XX não sabia mais como se definir.

Ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem “seja homem”, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende. . . . ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres . . . masculinidade deve ser conquistada, e a alto preço. . . . Dever, provas, provações, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos “fabricada”. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. (Badinter, 1993, p.4)

3.3 Os ideais de masculinidade

3.3.1 *O Masculino Moderno*

Os processos de transição histórica são marcados por transformações sociais, políticas e culturais que influenciam diretamente na constituição de valores e símbolos de cada época. São transformações que não são racionalmente planejadas, ou seja, não resultam voluntariamente de escolhas ou decisões de pessoas isoladas, mas fazem parte de uma dinâmica mais ampla de relações (Elias, 1993). A masculinidade expressa bem tal afirmação a partir da transição da sociedade medieval para a sociedade moderna, quando se identificam permanências e modificações de características e valores masculinos, que constituem e diferenciam os ideais medieval e moderno em relação à

masculinidade (Oliveira, 2004). “Só é possível entender o valor social que a masculinidade possui no momento em que pudermos entender sua imbricação com outros ideais societários e outros sistemas simbólicos” (Oliveira, 2004, p.20).

Um dos símbolos dessa transição são os duelos: “vivência interacional da masculinidade” (Oliveira, 2004, p.25). Para o autor, as virtudes, como honra, coragem e ousadia, são constitutivas desses duelos e também do ideal da masculinidade da sociedade medieval:

O objetivo essencial não era matar o oponente e sim demonstrar competência e firmeza para defender ou conquistar o respeito e a honra, elementos fundamentais para a garantia de uma digna inserção social masculina. . . . As disputas muitas vezes deixavam marcas e cicatrizes para o resto da vida. Alguns não escondiam o orgulho de possuí-las e assim, não raro, elas se transformavam em verdadeiros troféus, inscritos nos corpos, símbolos de sua dignidade, atestado de destemor obtido e valorizado, inclusive, pelos perdedores. (Oliveira, 2004, p.25)

Portanto, são as transformações deste ritual que permitem identificar características importantes para o entendimento da constituição do ideal de masculinidade moderno. O ritual do duelo modificou-se na medida em que a burguesia se apropriou dele, e “a bravura, ousadia e destemor deslocam-se paulatinamente para a questão da firmeza, do autocontrole e da contenção” (Oliveira, 2004, p.25), característicos da sociedade burguesa e do homem burguês.

Outro elemento com grande importância para a constituição de comportamentos socialmente considerados masculinos está na formação dos Estados Modernos. A criação do exército, instituição essencial para a manutenção da soberania e autonomia de uma nação, foi essencial para a instituição dos ideais de uma nação forte e faz nascer uma causa maior a todos os homens, “a defesa a pátria” (Oliveira, 2004, p.26).

Os ideais medievais de bravura e destemor passavam agora a integrar as características fundamentais do soldado devotado e heróico. Expressava-se cada vez mais a imbricação entre militarização, nacionalismo e masculinidade. . . . A luta em torno dos valores nacionais permitia que os ideais de masculinidade

apregoados pela instituição militar atingissem de modo uniforme as populações masculinas de todos os segmentos. (Oliveira, 2004, p.27)

Nesse contexto, os ideais de masculinidade pautam-se na virilidade e coragem daqueles que defendem sua nação, a partir de elementos essenciais à masculinidade: a resistência à dor e ao perigo das guerras, o sacrifício, a força e a modelação do corpo (Oliveira, 2004). Porém, vivencia-se um “paradoxo entre, de um lado, o guerreiro heroico, tosco, rude, quase bárbaro e selvagem, que se sacrifica pelos ideais nacionais e, de outro, o responsável, comedido, autocontido homem burguês moderno” (Oliveira, 2004, p.43). Dilema que foi resolvido na integração desta ambiguidade no ideal de masculinidade moderno.

Como se vê, ainda que aparentemente antagônicas, as características que unem o guerreiro heróico ao homem comedido e sereno, protótipo do laborioso pai de família, não são excludentes e impossíveis de ser cultivadas simultaneamente. Prova disso foi o entrelaçamento dessas características que juntas formaram o alicerce do ideal moderno de masculinidade. (Oliveira, 2004, p.74)

Outras características do ideal de masculinidade da modernidade foram amparadas por outra forte instituição: a instituição religiosa. Alguns símbolos como: a figura paterna no seio familiar, a moderação das paixões, a apologia da força na socialização do masculino, os preceitos de autocontrole e a virilidade disciplinada tiveram forte apoio das instituições religiosas nestes períodos. Assim como os ideais amparados pelo casamento e o novo ideal de família (Oliveira, 2004).

Ainda que pudesse também estimular e valorizar atributos guerreiros, no século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade. (Oliveira, 2004, p.49)

Também essenciais para a constituição do ideal masculino moderno estão as ciências e os argumentos científicos, elementos que, além de sustentar, também fundamentavam as diferenças entre o masculino e o feminino, reiterando principalmente a “superioridade masculina e supremacia androcêntrica” (Oliveira, 2004, p.55).

Neste momento, a ciência fundamenta-se na racionalidade do mundo moderno e ampara-se no ordenamento legal. Portanto, a relação é lei, discursos científicos e

prescrições culturais (Oliveira, 2004). A lei sustenta as relações assimétricas entre os gêneros e ampara a “vigilância do comportamento masculino ideal” (Oliveira, 2004, p.69), atuando diretamente sobre aqueles que se diferenciam dos padrões do ideal de masculinidade vigente.

3.3.2. O Masculino Contemporâneo

Quando seguimos o caminho da história, outros momentos, novas organizações e configurações tomam forma e apresentam-se em novas marcas e identidades. Para o pós-modernismo, uma dessas marcas está, por exemplo, na perda do “lastro de certeza e adequação” (Oliveira, 2004, p.117) das instituições que caracterizavam o período moderno. Essa perda influenciou nas convicções e certezas que envolviam, também, os ideais masculinos e, assim como as instituições que o apoiavam, eles passaram a ser questionados.

O consumismo modifica a vida social e a moral, que antes eram mantidas bravamente pelas instituições. A sociedade passa a ser orientada pela “sedução e por desejos sempre crescentes, insaciáveis, quererem voláteis, nômades” (Oliveira, 2004, p.117). As mudanças provocadas pela abertura dos mercados, pelo acesso aos produtos, pela diversidade de opções e pela glorificação do consumo, levaram a novas configurações também nas relações sociais (Oliveira, 2004).

Maior variedade de produtos, fragmentação de mercado, maior variedade de estilos, de identidades, aglutinação de maneiras, vivências múltiplas e variadas numa mesma individualidade, resultando no brado pós-moderno: *vive la différence, vive la diversité!* . . . Não às hierarquias, não às prescrições restritivas, aos modelos inflexíveis! Receita-se em voz alta o clamor pós-modernista, mercadológico, economicamente correto, ávido de lucros, performático: *cash, please!* (Oliveira, 2004, p.119)

A associação entre capitalismo e liberdade mostra-se essencial para entender o novo ideal de agente social da pós-modernidade e também a masculinidade. Neste âmbito, “o soberano é o consumidor, não mais o soldado ou o trabalhador. É ele quem decide quando o combate principia ou acaba” (Oliveira, 2004, p.124). Os valores sociais e as posições de poder, antes constituídas pelas instituições em torno de grandes símbolos, têm agora no consumo o seu grande centro.

As instituições, como estado, religião, ciência, família e outras, são essenciais para o entendimento da sociedade brasileira, não somente no sentido da sua organização social, mas também para compreender a construção ideológica e o sistema de representações que influenciam na compreensão, até hoje, sobre a “ordem, a estrutura das interações sociais e o sentido das relações sociais” (Parker, 1991, p.56). Para o autor, escritores que descrevem o Brasil-colônia apresentam-nos um modelo clássico de família, essencialmente patriarcal, que, para além do poder ilimitado do patriarca, conta também com uma rígida hierarquia e um distanciamento expresso sobretudo pela força e violência (Parker, 1991, p.57).

Porém, entender a sociedade brasileira e em especial a constituição das masculinidades em cada momento político-social-histórico do Brasil é um desafio. Parker (1991) afirma que, para interpretar a história cultural e a existência sexual dos brasileiros, deve-se ir além dos “mitos de origem para os brasileiros modernos” (p.55), pois estes são incompletos e muito amplos. O autor sugere a contextualização de noções concretas, dentro de um discurso mais amplo que parte principalmente das análises das consequências da tradição patriarcal na história brasileira. Neste sentido, para o entendimento da relação homem-mulher, seria essencial olhar para a violência exercida e vivida.

As definições de masculinidade e feminilidade se constituem a partir deste ponto de diferenciação extrema, que coloca em lados opostos homens e mulheres, para assim deixar cada vez mais marcadas as características que os diferenciam: superioridade e subalternação, que definem aspectos como a liberdade sexual, os espaços a serem ocupados e as funções que podem exercer. Portanto, é importante entender as construções e as relações de gênero no contexto brasileiro para compreensão do impacto desta ideologia patriarcal que, mesmo com transformações e confrontos em diferentes momentos históricos, permanece no pensamento contemporâneo brasileiro (Parker, 1991).

A tradição patriarcal é um dos contextos pelos quais se interpretam as relações entre o homem e a mulher contemporâneos no contexto brasileiro. Para Parker (1991), é através da linguagem cotidiana, das expressões, dos termos utilizados e das metáforas para se falar do corpo e suas práticas que podemos entender claramente a constituição dos sentidos dados aos gêneros e aos ideais de masculinidade e feminilidade atuais. O processo de elaboração cultural das distinções nas relações hierárquicas de gênero no Brasil teve início na diferenciação dos corpos físicos, principalmente a partir das “estruturas anatômicas opostas – o pênis e a vagina” (Parker, 1991, p.63).

As diferenças anatômicas conhecidas são transformadas, através da linguagem, nas categorias hierarquicamente relacionadas de gênero definido social e culturalmente: nas classes de masculino e feminino. A natureza dessa distinção torna-se ainda mais explícita e mais complicada quando se passa dos termos que os brasileiros usam para falar dos órgãos do corpo para os meios pelos quais eles descrevem e fazem comentários sobre a combinação desses órgãos. (Parker, 1991, p.70)

Os nomes, expressões e termos adotados, por exemplo, para identificar os órgãos sexuais masculino e feminino, mostram o conjunto de associações e estruturas simbólicas que constituem os ideais de masculinidade no contexto brasileiro, e expressam principalmente a “distinção básica entre atividade e passividade – entre papéis culturalmente definidos como ativo e passivo durante a interação sexual.” (Parker, 1991, p.70).

Ser ativo é uma característica essencial para a definição de masculinidade no ocidente, expressa essencialmente no contexto da penetração sexual (Grossi, 2004). Um exemplo dessa característica é o significado dado pelo senso comum a uma relação sexual entre dois homens, em que aquele que penetra não deixaria de ser homem. Nessa concepção, a identidade masculina é caracterizada pela “atividade” independente de com quem se estabelece a relação sexual.

Assumido o papel ativo de penetração durante o intercurso anal, preserva sua dominação hierárquica. . . . Num dos modelos tradicionais de gênero no Brasil, estudado por Peter Fry, homem é aquele que “come”, ou seja, que penetra com seu sexo não apenas mulheres, mas também outros homens, feminilizados na categoria “bichas”. (Grossi, 2004, p.6)

A “passividade”, por sua vez, refere-se tanto ao papel da mulher quanto dos homossexuais que são penetrados nas relações sexuais. Quem faz o papel passivo sempre assume, em termos de função social, o caráter feminino. Esse feminino também é expresso no contexto brasileiro nas noções de cuidado, responsabilidade e educação das crianças, o que leva a uma ligação íntima do feminino para com todas as crianças, e uma ameaça para a constituição da identidade sexual masculina (Paker, 1991).

Nos estudos sobre a relação entre os homens e a violência, Alves, Silveira,

Oliveira e Melo (2012) apresentam explicações vinculadas à socialização dos homens, centrada em um hegemônico modelo de masculinidade instituidor de papéis e de posições sociais desiguais entre os gêneros, além de crenças que propiciam o envolvimento destes sujeitos com a violência, como: “a soberania masculina, a valentia, a honra, a dominação, a invulnerabilidade e a força” (Alves, Silveira, Oliveira & Melo, 2012, p.872).

A concepção de que ao nascer com um pênis o sujeito deve ser viril, forte e brigão é comum no senso comum e permeia o imaginário masculino desde a infância. Recorrentemente, a masculinidade é confundida e naturalizada com a expressão da violência. Por ser considerado um dos signos inerentes da condição masculina, a violência é naturalizada e estimulada como expressão de virilidade. (Silva, 2015, p.14)

Grossi (2004) exemplifica a relação entre os processos de constituição de identidades masculinas e a violência hoje no Brasil a partir da exclusão social que atinge uma parcela significativa de jovens: favelados, desempregados, com pouca educação formal, que veem “no tráfico de drogas e na criminalidade um locus privilegiado de afirmação de identidade masculina, marcada pelo uso da violência” (Grossi, 1995, p.8). No contexto das periferias cariocas, Soares, Bill e Atayde (2005) buscam entender a centralidade do lugar das meninas e a construção da identidade dos meninos envolvidos em contextos de violências. Os autores descrevem que:

nada mais importa, porque está tudo aí, tudo está contido na aprovação delas, que se manifesta na bandeira do desejo e da admiração. . . . a história entorta quando muitas, entre elas, elegem como modelo o macho violento, arrogante, poderoso e armado. Porque, sendo assim, muitos, entre eles, vão imitar este modelo, copiar suas manhas, identificar-se com seus valores. Instaura-se um magnetismo perverso pela estetização da prepotência armada. (Soares, Bill & Atayde, 2005, p.231)

Tornar-se homem é um processo violento em muitas sociedades (Grossi, 1995) sendo expresso também nas instituições por onde esses jovens passam, essas que são marcadas por rituais masculinos violentos. Exemplos são as antigas FEBEM's:

O uso de violência sexual é fundamental no processo ritual de incorporação de um novo preso à instituição, porque ela ensina aos novos a hierarquia da cela através da feminilização que o ato sexual com penetração anal sugere. A violência sexual atinge o sujeito no âmago mais profundo do que ele imagina, do que ele aprendeu, do que ele sabe que é ser homem. (Grossi, 2004, p.9)

Porém, é importante destacar o cuidado que se deve ter com as afirmações gerais sobre a vinculação entre masculinidade e violência. Para Cecchetto (2004),

(...) é também rejeitada qualquer afirmação universal sobre o que é ser homem, afirmação que acaba por alimentar poderosas crenças sobre os indivíduos do sexo masculino, como espontânea ou instintivamente inclinados a praticar atos de violência física. Há trabalhos que, entretanto, naturalizam essa conexão entre masculinidade e violência pela mediação da pobreza. Seriam sobretudo os homens jovens e pobres que personificariam essa ideia de uma masculinidade atávica. (Cecchetto, 2004, p.208)

Grossi (1995) afirma que, ao se falar de relações de gênero e constituição de identidade masculina, é inevitável abordar as temáticas: dominação masculina e subordinação feminina. Um dos elementos estruturais de nossa cultura é o fato de haver uma divisão de poderes sociais, cabendo aos homens o poder sobre a instância pública e às mulheres a instância privada. Portanto,

a questão da dominação masculina é uma das questões teóricas chave das reflexões teóricas feministas sobre o gênero. No final da década de 70, havia a opinião geral de que a dominação masculina era universal, ou seja, em todas as culturas do mundo, os homens dominavam as mulheres simbolicamente, politicamente e economicamente. (Grossi, 2004, p.15)

Essa concepção foi construída, segundo a autora, a partir da Revolução Industrial, no século XIX, quando a burguesia dá lugares específicos ao homem e à mulher e separa o que é da política e do trabalho, do público e do privado. Nessa concepção, estar na rua, na produção, é o lugar dos homens. São coisas de mulher: o lar, o doméstico, a

reprodução, os filhos. Portanto, seu lugar é dentro de casa e com funções complementares ao homem (Grossi, 2004, p.16).

Tradicionalmente na sociedade ocidental, a masculinidade se constituía pelo papel que o trabalho tinha na vida dos homens. O trabalho, fosse ele camponês ou industrial, envolvia o corpo masculino, que se distinguia do feminino pela força física. No final do século XX e início do século XXI, este paradigma do valor do trabalho masculino associado à força vem sendo substituído no mundo do trabalho pelo paradigma da competência, que está associado ao conhecimento de tecnologia, particularmente de informática. (Grossi, 2004, p.17)

No estudo sobre marcas identitárias das masculinidades, Nascimento e Gomes (2008), analisam depoimentos de homens jovens e, a partir disso, identificam como marcas do *ser masculino*: provedor, dominador, heterossexual e cuidador. Cecchetto (2004), por sua vez, comenta que

diversos estudos etnográficos dedicam-se a mostrar a recorrência, nas mais variadas sociedades, de uma espécie de característica intrínseca à aquisição da identidade masculina: algo a ser conquistado por meio de competições e provas (Cecchetto, 2004, p.76).

Outra característica igualmente definidora da identidade masculina seria a honra: Para nossa cultura, um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, ou seja, uma mulher recatada, controlada, pura, etc. É a mulher que detém o poder de manter a honra do marido, pois se um homem não tem uma mulher virtuosa ele perde a sua honra. (Grossi, 2004, p.12)

O conceito de masculinidade hegemônica está sempre presente nas discussões sobre masculinidade na atualidade, sendo uma definição progressivamente incluída na teoria de gênero sociológica (Connell e Messerschmidt, 2013). Segundo Oliveira (1998), este é um “conceito alternativo ao do papel social, criado para conseguir dar conta da dinâmica de poder inscrita nas relações de gênero” (50ºp.).

Para Almeida (1996),

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce

sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. (Almeida, 1996, 7ºp.)

Já Cecchetto (2004), seguindo as definições de Connel e de outros autores no entendimento de masculinidades enquanto práticas, relativiza a utilização deste conceito e aborda os temas a partir da ideia de masculinidades periféricas e/ou variantes para dizer da multiplicidade de significados que a masculinidade pode assumir por surgirem de maneiras diversas e, portanto, poderem assumir significados também diversos.

Apesar de estarem ainda muito presentes, para Bandinter (1993), estes papéis do masculino ideal são questionados há tempos,

A década de 1970, que vê nascer os primeiros trabalhos científicos sobre a masculinidade, tem o tom da paixão que sempre acompanha as denúncias. Há uma espécie de alegria excessiva em questionar a norma e mostrar todas as contradições que ela submete o macho humano. Mas ao prazer da denúncia e da destruição do modelo sucedeu, nos anos 80, um período de incerteza carregada de angústias. Mais do que nunca o homem é um problema a ser resolvido, e não algo dado. . . . A classe, a idade, a raça ou a preferência sexual tornam-se atores de diferenciação masculina, e os anglo-americanos preferem falar de masculinidade no plural. (Bandinter, 1993, p.5)

Quando falamos de características comuns, constituímos um ideal de “ser homem”, que parte de um modelo ideal que é (im)posto ao homem atual a partir de cada contexto. Para este trabalho adotaremos o entendimento desses ideais de masculinidades a partir das práticas de um público específico: os jovens moradores de bairros populares, cientes da diversidade que as categorias juventude e masculinidades pode nos apresentar.

4 Juventude

4.1 A categoria juventude

Ao discutir o conceito de juventude é comum, de forma generalista, recorrer a padronizações e faixas etárias. Estas características vêm, segundo Groppo (2016), desde as sociedades modernas quando se buscou cronologizar e institucionalizar o curso da vida, e a contagem de anos tornou-se uma maneira interessante de definir critérios para direcionar as ações do Estado e demais instituições. Porém, o mesmo autor defende que definir faixa etária não tem caráter absoluto e universal. Faixas etárias/idades são também “produto da interpretação das instituições da sociedade sobre a sua própria dinâmica” (p.10).

A idade contada em anos, dado objetivamente determinado, parecia ser o melhor critério para o julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo. Também permitia melhor às ciências, principalmente no ponto de vista positivista, elucidar as pretensas determinações “naturais”, de caráter bio-psicológico, do desenvolvimento humano. (Groppo, 2016, p.10)

Ao longo da história, discursos científicos e saberes sociais legitimaram concepções que naturalizaram e universalizaram a juventude, discursos que até hoje estão presentes. Durante muito tempo, conhecimentos hegemônicos, como a Medicina, Biologia, Psicologia e outras ciências definiram padrões e características biológicas, psicológicas e sociais que constituíram uma “essência” da juventude.

Dessa maneira, “qualidades” e “defeitos” considerados típicos do jovem, como entusiasmo, vigor, impulsividade, rebeldia, agressividade, alegria, introspecção, timidez, passam a ser sinônimos de uma natureza jovial. (Coimbra & Nascimento, 2003, p.20)

Abramo e León (2005) descrevem a diversidade de pontos de partida para a definição de juventude, porém veem vinculação de todos eles “à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade” (p.6), o que faz correspondência com a faixa de idade mesmo sem limites etários rígidos. Mesmo cientes dos limites de tal

compreensão, os autores acreditam que, assim como a ideia de geração, a juventude remete a

similaridades de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social. (Abramo e León, 2005, p.6)

Na concepção sociológica apresentada por Groppo (2012), juventude é uma categoria social, um produto social definido não “somente da ordem da ‘natureza’, mas principalmente da ordem do ‘social’ e, portanto, uma criação histórica, não um invariante universal” (Groppo, 2016, p.11), sendo, portanto sempre necessário:

correlacionar a juventude com outras categorias sociais, como classe social, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, grau de “desenvolvimento” econômico etc. Assim, ao analisar as juventudes concretas, é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos. (Groppo, 2016, p.12)

Groppo (2016) adota como referência a concepção dialética de juventude e a considera como uma etapa em que os sujeitos se veem tanto frente à internalização de valores sociais quanto de transformações frente a esses valores. Concepção denominada “dialética” por localizar-se “entre a institucionalização das juventudes e a possibilidade de sua autonomia” (Groppo, 2016, p.15). A concepção dialética da juventude, importante instrumento de análise sociológica, permite compreender as constantes mudanças e transformações vivenciadas pelas juventudes ao longo dos anos. Serve de base para a compreensão de movimentos juvenis de diferentes ordens, além de romper com concepções que naturalizam e universalizam a juventude, e também visões funcionalistas que padronizam e buscam normalidade e equilíbrio.

Ademais, é relevante considerar os diferentes processos de socialização por que passam esses jovens e a relevância de condicionantes como classe, gênero, raça e etnia, que “estabelecerão variados sistemas de distinção e separação social frente a outros

grupos” (Tavares, 2010, p.310). Por fim, a juventude sempre se define por suas práticas, movimentos e esferas de sociabilidade (Diógenes, 2009).

4.2 Juventudes marginalizadas

As concepções de juventude estão expressas nas práticas cotidianas e também marcadas na história das leis, que traduzem as compreensões médicos, jurídicas e sociais sobre as crianças e adolescentes em cada época. Em relação à legislação brasileira, a primeira experiência específica relacionada à criança e ao adolescente, foi o Código de Menores, publicado em 1927, que objetivou “cuidar dos infantes expostos e menores abandonados” (Amin, 2016, p.49), a partir do discurso de “higienização dos espaços públicos” (Ayes, Cardoso & Pereira, 2009, p.129), tendo em vista a relação entre a proteção da sociedade *versus* a proteção do adolescente.

Foi nesta época que surgiu o termo “menor”, utilizado especificamente para diferenciar o público de uma classe social específica: o pobre (Coimbra & Nascimento, 2003). Em 1979, publica-se a Lei n. 6.697, o novo Código de Menores, que consolida, além de outras questões, a segregação/internação das crianças e adolescentes carentes e delinquentes como única e principal solução para as questões sociais já enfrentadas naquela época (Amin, 2016). Para Groppo (2016),

grande parte da história das juventudes modernas e contemporâneas, bem como das formas de sociabilidade dos grupos juvenis, é jogado para o estado caótico da anormalidade, da disfunção. Na ânsia de sanar males sociais concebidos, ou pré-concebidos, grande parte da prática social e dos casos históricos de juvenildade são relegados à esfera do problemático, do doentio. Novamente, as juventudes acabam incompreendidas e impedidas de se compreenderem um pouco melhor. (Groppo, 2016, p.14)

Ao longo dos anos, o Código de Menores sofre alterações até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que redireciona a política de assistência e proteção a crianças e adolescentes. Segundo Amin (2016), o grande avanço veio com a adoção da Doutrina de Proteção Integral – um novo paradigma para o direito infanto-juvenil. O próprio uso do termo Estatuto vem para ampliar a concepção de que não se propunha somente identificar regras/leis, mas principalmente traduzir “um conjunto de direitos fundamentais indispensáveis à formação integral de crianças e adolescentes” (Amin, 2016, p.52).

Neste sentido, o ECA propõe o deslocamento do olhar da criança e dos jovens enquanto situação de risco ou problema social, para encará-los como sujeitos de direitos a partir de novas leis e concepções. Contudo, mesmo que o ECA tenha sido elaborado para mudança de paradigmas e formas de ver a infância e a juventude, essa mudança não necessariamente se efetivou (Ayres, Cardoso & Pereira, 2009).

Historicamente, teorias racistas e eugênicas, legitimadas pelos discursos científicos e associadas ao interesse do sistema social e econômico das épocas, produziram construções teóricas que caracterizaram “o jovem pobre como perigoso e mesmo como inumano, efeitos de um mundo globalizado que associa periculosidade, criminalidade e a condição de não humanidade à situação de pobreza” (Coimbra & Nascimento, 2003, p. 19).

Damico e Meyer (2010) afirmam que as políticas direcionadas à juventude no Brasil e também na França, de onde os autores relacionam suas análises, reforçam a relação direta entre problemas como violência, infração, uso abusivo de drogas e uma “essência que, de certa forma, aprisiona e reduz a composição complexa e multifacetada de identidades juvenis masculinas de periferias urbanas” (p.154).

Vê-se, portanto, que foram diferentes campos e discursos que, ao longo do tempo, deram lugar à relação juventude-pobreza-violência e localizaram em públicos (jovens) e espaços específicos (bairros pobres) os alçózes da sociedade. Para Damico e Meyer (2010), são vários os olhares para os bairros e comunidades populares – periferias – como se fossem uma coisa só. Isso acaba localizando no jovem pobre do sexo masculino “o perigo”.

Assim, pode-se dizer que boa parte dos estudos sobre juventudes e sobre periferias urbanas, mesmo aqueles que assumem posições comprometidas com maior equidade e justiça social, acaba se apoiando num conjunto de pressupostos científica e politicamente legitimados, que definem juventude como “um problema” a ser enfrentado (cf., por exemplo, revisões sobre o tema de Spósito 1997 e 2002). De forma intencional ou não, essa “economia de discursos” tem contribuído, dentre outras coisas, para naturalizar a relação entre criminalidade, violência e pobreza nas periferias urbanas e, nesse processo de naturalização, jovens do sexo masculino têm sido, usualmente, representados como perigosos e/ou vítimas. A força desses discursos age no sentido de nos “fazer ver” tanto as

periferias das cidades quanto a juventude que as habita como se fossem homogêneas, com uma visão que oblitera (tanto dentro, quanto entre) suas especificadas constitutivas. (Damico & Meyer, 2010, p. 152)

Em contraponto a essas compreensões, quando falamos hoje de uma realidade brasileira, em especial das juventudes de camadas populares, acabamos encontrando no trabalho um importante elemento da condição juvenil ². Em especial para as juventudes de camadas populares, para as quais, muitas vezes, a entrada no mercado de trabalho torna-se a única alternativa de subsistência, continuidade nos estudos ou acesso a bens e serviços (Leão & Carmo, 2014).

Dessa forma, são diferentes os discursos que sustentam os estereótipos construídos sobre os jovens, sobretudo homens e moradores de periferias. Estereótipos que reforçam ou também podem romper relações históricas que associam, por exemplo, a juventude a determinadas características, como desordem, violência aos homens e a criminalidade na periferia.

4.2.1 O jovem de periferia

Inicialmente, é importante destacar que a concepção de periferia está para além da localização geográfica nas cidades. Ela também se refere a uma “localização espacial das classes” (Ivo, 2010, p.10). A relação entre a questão social e a questão urbana torna-se necessária na medida em que se identifica, em determinados espaços da nossa sociedade, uma série de características de ordem “social” que traduzem elementos das dificuldades e restrições a direitos, específicos de determinados grupos sociais. A periferia se constitui dessa maneira a partir da contraditória história social do Brasil, tornando-se uma parte da cidade onde ocorre a “manifestação aguda da questão social” (Ivo, 2010, p.21).

Dessa perspectiva, as periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, “legitimada”, ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou

² O observatório da Juventude (UFMG) identifica os jovens no Brasil como uma “juventude trabalhadora”.

de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza. (Ivo, 2010, p.10).

Diante disso, usar o termo periferia ou bairros populares é mais do que nomear um lugar/espço, pois a palavra carrega também uma conotação política, social e cultural. Quando falamos de bairros populares ou periferias, inclusive no presente trabalho, estamos dizendo de um espaço que tem uma identidade constituída nos últimos anos e “tem efeitos nos estilos, estéticas, vínculos sociais e laços afetivos das trajetórias de uma parcela dos jovens de hoje” (Novaes, 2006, p.116).

Novaes (2006) cita o local de moradia como um dos critérios de diferenciação para as juventudes brasileiras. Para a autora, “o endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos” (p.106).

Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se preconceito e “a discriminação por endereço”. (Novaes, 2006, p.106)

Conforme discutido anteriormente, observa-se a associação histórica nas nossas leis e na sociedade entre a vulnerabilidade e o risco/violência. Entretanto, sabe-se que ser jovem morador de periferia é muito mais do que ser um autor de violência. Para Soares, Bill e Athayde (2005), a juventude de bairros pobres, nas vilas, favelas e periferias rompeu com concepções e modelos associados ao “macho violento, arrogante, poderoso e armado”, fazendo existir um “modelo jovem alternativo” (p.231).

Há a personagem alternativa que corresponde ao modelo cultural (e político, eu acrescentaria) alternativo: ela (ou ele) é pacífica e pacifista, valoriza a solidariedade e a compaixão, difunde a crença na justiça e na igualdade, criticando duramente o país que estamos fazendo: um Brasil que nega esses valores, na prática, enaltecendo-os no discurso. O hip-hop, mesclando o break, o grafitti e o rap, é sua principal forma de expressão e organização. Concorrem para a

afirmação desse modelo alternativo de meninos e meninas. (Soares, Bill & Athayde, 2005, p.231)

Nesse contexto, alguns movimentos foram se formando nestes espaços de periferias. Para Dayrell (2003), existe uma conjuntura cultural no Brasil que permitiu surgirem novos lugares para a juventude e novos modos de ser jovem, infelizmente não necessariamente acompanhamentos por mudanças sociais.

O mundo da cultura se apresenta mais democrático, possibilitando espaços, tempos e experiências que permitem que esses jovens se construam como sujeitos.

Mas não podemos esquecer que, no Brasil, a modernização cultural que influencia tanto a vida desses jovens não é acompanhada de uma modernização social.

(Dayrell, 2003, p.51)

Para Tavares (2010), os movimentos sociais juvenis são um importante elemento de auto-organização social diante de um determinado momento histórico. São espaços onde são definidas identidades de grupos e onde os jovens se encontram nos estilos, formas de se vestir, de se comportar, de pensar, etc., como, por exemplo, pelo hip-hop (Tavares, 2010). Dessa forma, as juventudes das periferias, entendidas como formadoras de uma categoria social, também se associarão a uma diversidade de referências, que serão, por sua vez, traduzidas em uma variedade de modos de ser, vivenciar, construir e reconstruir identidades ao longo do tempo.

5 Identidade social.

Quando falamos de identidade, logo vem a pergunta: “Quem sou eu?”. Para obtermos uma resposta para essa questão, lançamos mão de elementos da nossa experiência e seguimos buscando dizer para nós mesmos e para os outros quem somos. Nesta busca, dois elementos serão essenciais: a diferença e a igualdade, elementos que constituem, segundo Ciampa (1989), a primeira noção de identidade.

Dessa forma, na medida em que nos igualamos e diferenciamos dos grupos sociais que fazemos parte, nos reconhecemos e respondemos a essa pergunta. Entretanto, compreender o que é identidade partindo somente dessa resposta torna-se frágil, pois tais respostas dirão somente do “aspecto representacional da noção de identidade (enquanto produto), mas deixa de lado seus aspectos constitutivos, de produção, bem como as implicações recíprocas destes dois aspectos” (Ciampa, 1989, p.65).

A Teoria da Identidade social nasce como uma perspectiva de criar um modelo teórico capaz de investigar a construção das identidades, partindo principalmente das categorizações e das relações de pertença aos grupos. Como apreender empiricamente a identidade de uma pessoa? Essa foi uma das questões feita por Dechamps e Moliner (2014) e que, segundo os autores, direcionaram reflexões acerca dos estudos sobre identidade. Segundo eles, algumas técnicas foram criadas e apropriadas por determinados campos, e buscaram identificar procedimentos que respondessem à mencionada pergunta.

Essas técnicas foram testadas e, conforme apresentavam limites, serviam de ponto de partida para o desenvolvimento de novas pesquisas e elaboração de novas teorias. Neste universo surgem diferentes testes, inventários, escalas, etc., e com eles novas questões dentre as quais estão, por exemplo, o questionamento sobre como se daria a “identificação com grupos de pertença e dos significados atribuídos pelo indivíduo aos componentes sociais de sua identidade” (Dechamps & Moliner, 2014, p.26), assim como a diferenciação entre a identidade social e identidade pessoal.

Dentro deste contexto surgem, portanto, diferentes possibilidades de conceituações de “identidade”. Segundo Amâncio (2004), o Modelo da Escola de Bristol: foi o primeiro a colocar identidade no centro da análise das relações intergrupos, atribuindo-lhe uma posição explicativa de diferenciação e da discriminação sociais, para além de pretender proporcionar à psicologia social instrumentos

teóricos e empíricos para análise de fenômenos macrossociais. (Amâncio, 2004, p. 392)

Tal modelo tem como representante Henri Tajfel, que referencia a sua teoria na noção de categorização – processo cognitivo universal de organização e simplificação da realidade social. Dessa forma, classifica-se para validar um conhecimento subjetivo e facilitar a integração dos indivíduos. Essas classificações tomam forma de estereótipos, que são formas subjetivas de organizar a realidade social (Amâncio, 2004).

Neste sentido, identidade social torna-se a maneira como as pessoas se veem, se reconhecem, categorizam-se, e comparam-se em diferentes contextos sociais. Para a Escola de Bristol, identidade social é o “envolvimento emocional e cognitivo dos indivíduos no seu grupo de pertença e as consequentes expressões comportamentais desse envolvimento no quadro da relação intergrupos” (Amâncio, 2004, p.409). A autora explica que:

o singular e o coletivo, o geral e o particular na identidade social emergiram, de facto, como aspectos diferentes, mas apesar disso compatíveis desde que os consideremos como formas de expressão de si e do outro numa relação de dominação entre os grupos. É nesta relação que surge uma identidade pessoal – ocultando os contextos colectivos que participam para a sua emergência –, assim como identidades mais especificamente coletivas que se inscrevem nos grupos de pertença. (Amâncio, 2004, p.406)

De forma geral, segundo Vala (1997), a Identidade Social está associada às respostas para perguntas como “quem sou eu?” e “o que significa pertencer a esse grupo?”. As respostas a essas perguntas, emitidas em contextos de comunicação, possibilitam a criação e a transmissão de valores, normas, símbolos e crenças, que permitem a constituição de autoimagens que diferenciam os membros que pertencem ou não aos grupos. Vale ressaltar que os entendimentos de “grupo” são diversos dentre os modelos teóricos, mas remetem a um caráter abstrato e simbólico que se aplica a diferentes categorias situacionais e sociais (Amâncio, 2004).

No nosso entendimento, também a percepção do gênero, enquanto categoria social, possibilita seu tratamento segundo o conceito psicossocial de Identidade. Acreditamos que o caráter relacional do conceito de Identidade Social permite analisar as construções das identidades de gênero (no nosso caso, masculinidades) considerando-se

tanto seu(s) grupo(s) de pertença quanto a diferenciação entre esse(s) e outros grupos sociais (Pinto, 1991).

Vê-se, portanto, que as identidades podem ser expressas de diversas maneiras através de diferentes práticas. Para este trabalho busca-se compreender, em especial, a identidade de gênero masculino, através de uma das marcas no corpo: as tatuagens. Neste sentido, as tatuagens se apresentam tanto como possibilidades de inscrição como também de leitura do gênero/identidade em corpos masculinos juvenis.

6 A Pesquisa

6.1 Objetivos

6.1.1 Objetivo Geral

Compreender, considerando-se os processos de atribuição de significados aos usos e às imagens de tatuagens, como são apresentadas as constituições das masculinidades para jovens, homens, moradores de bairros populares.

6.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar e descrever os significados atribuídos pelos entrevistados às suas tatuagens;
- Identificar e descrever os processos de escolha da(s) imagem(ns) tatuadas;
- Descrever e analisar as imagens tatuadas pelos entrevistados, considerando-se o seu conteúdo;
- Identificar, descrever e analisar as possíveis relações entre os conteúdos e sentidos das imagens tatuadas, seus significados, segundo os entrevistados, e os significados da masculinidades, também segundo os entrevistados.

6.2 Metodologia

A pesquisa realizada foi um estudo exploratório, que buscou compreender como são expressadas as masculinidades a partir dos significados atribuídos por jovens às suas tatuagens. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas guiadas por roteiro semiestruturado (Apêndice A) e fotografias das tatuagens, permitindo a investigação do problema a partir das imagens e falas dos sujeitos pesquisados.

6.2.1 Entrevistas

As entrevistas aconteceram com dez jovens homens, moradores de bairros populares de Belo Horizonte/MG e Santa Luzia/MG, com idades entre 18 e 28 anos (ver Tabela 1).

Tabela 1
Jovens entrevistados

Jovens	Idade (anos)	Qtd. tatuagens	Identificação
Jovem 1 (Tony)	24	2	Morador do bairro Palmital, em Santa Luzia, solteiro, pai de uma filha, evangélico.
Jovem 2 (Túlio)	18	16	Morador do bairro Nova Conquista, em Santa Luzia, solteiro, sem filhos, evangélico.
Jovem 3 (Tobias)	24	7	Morador do bairro São João Batista, em Belo Horizonte, solteiro, duas filhas, sem orientação religiosa.
Jovem 4 (Tadeu)	19	6	Morador do bairro Palmital, em Santa Luzia, solteiro, uma filha.
Jovem 5 (Teo)	28	4	Morador do bairro Palmital, em Santa Luzia, um filho, solteiro, sem orientação religiosa.
Jovem 6 (Teodoro)	19	14	Morador do bairro Baronesa, em Santa Luzia, sem filhos, sem orientação religiosa.
Jovem 7 (Tiago)	25	3	Morador do bairro Nova Vista, em Belo Horizonte, sem filhos, sem orientação religiosa.
Jovem 8 (Tales)	18	5	Morador do bairro Santa Inês, em Belo Horizonte, sem filhos, sem orientação religiosa.
Jovem 9 (Tom)	18	1	Morador do bairro Nova Vista, em Belo Horizonte, sem filhos, católico
Jovem 10 (Taylor)	27	4	Morador do bairro Palmital, Santa Luzia, dois filhos, católico.

O acesso aos jovens se deu por indicações, que tiveram início com o encontro da pesquisadora com um jovem participante de um projeto social no qual a pesquisadora havia trabalhado em anos anteriores. Este jovem tem tatuagens e trabalha atualmente como tatuador. O jovem não participou da pesquisa diretamente, mas indicou outros jovens para as entrevistas. A cada entrevista, o jovem entrevistado indicava um outro jovem (técnica de bola de neve) e dessa forma foram realizadas sete entrevistas. Quando essa rede se esgotou, buscamos indicações de jovens na Escola Paulo de Tarso, localizada na região do Nova Vista, em Belo Horizonte.

Quatro jovens entrevistados são moradores do bairro Palmital, Santa Luzia/MG. Um jovem era também morador de lá, mas mudou-se e atualmente está no bairro São João Batista em Belo Horizonte. Um outro jovem é morador do bairro Nova Conquista, e outro do Baronesa, bairros também localizados no município de Santa Luzia/MG, próximos ao Palmital. Toda essa região é caracterizada pela precariedade do acesso a bens e serviços, além de apresentar índices altos de violência. Em relação à juventude do bairro, Geraldo (2014) afirma:

é um desafio para a juventude do Palmital enfrentar no cotidiano a violência, pobreza e a desigualdade, que se transformam em barreiras para o seu desenvolvimento. Podemos entender esses desafios através das estratégias adotadas para escapar da violência do tráfico de drogas e do Estado, da evasão escolar, subempregos e de se manter vivo. Ser jovem no Palmital passa pela luta cotidiana em se manter preservado pelas múltiplas formas de violências e buscar forças para ir além das barreiras impostas a sua condição de juventude. (Geraldo, 2014, p.45)

Outros três jovens são moradores do bairro do Nova Vista e Santa Inês, situados na região leste de Belo Horizonte, bairros que apresentam renda per capita da maioria dos moradores de ½ a 2 salários mínimos.³

³ Dados obtidos pelo portal de estatísticas e indicadores da Prefeitura de Belo Horizonte (2010), disponíveis em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&app=estatisticaseindicadores&pg=7742&tax=20041>

Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Flick (2004) afirma que a entrevista semiestruturada possibilita aos sujeitos expressarem seus pontos de vista e, ao mesmo tempo, que as questões da pesquisa sejam contempladas, a partir da orientação seguida por um roteiro. A característica principal desse tipo de entrevista é a possibilidade de manobra do roteiro, que, mesmo partindo de questões centrais para a pesquisa, não se esgotam nelas.

O roteiro semiestruturado continha questões orientadoras que consistiam na identificação do jovem (idade, local de moradia, estado civil, orientação religiosa), seguido pela descrição das tatuagens a partir dos processos de escolha do desenho, local do corpo, tatuador, motivação, referências, processo de feitura e os significados atribuídos a elas. Ao final das entrevistas, os jovens indicavam e autorizavam a fotografia das tatuagens mencionadas em suas falas.

6.2.2 Organização dos conteúdos

Os dados obtidos nas entrevistas, assim como as imagens das tatuagens, foram submetidos à Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (2006), pode ser entendida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando garantir um tratamento sistemático e objetivo do conteúdo de mensagens. As informações obtidas foram categorizadas, o que permite uma classificação geral por diferenciação e depois agrupamento, a partir de critérios previamente definidos e reunidos em temas (Bardin, 2006). A definição das categorias ocorreu seguindo os momentos de análise de conteúdo: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação (Bardin, 2006).

Para a análise do conteúdo das entrevistas, durante a pré-análise, foi construída uma grade (Apêndice B) organizando as tatuagens em linhas. Nas colunas, em frente a cada foto das tatuagens, colocou-se a fala transcrita do jovem sobre o significado/sentido daquela tatuagem, organizando toda a amostra de modo a facilitar as próximas etapas da análise. Na etapa seguinte, ocorreu a organização e leitura flutuante deste material, sendo possível levantar ideias centrais nas narrativas, indicadores e, por fim, agrupar os temas que se aproximavam e/ou se diferenciavam.

Seguiu-se a modalidade de categorias temáticas permitindo a compreensão dos sentidos e significados atribuídos pelos jovens às suas tatuagens. “A análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente

representada por meio de uma palavra, frase ou resumo” (Gerhardt, Ramos, Riquinho & Santos, 2009, p.84).

Os temas foram interpretados à luz da Teoria de Identidade Social, que articula condições objetivas das relações intergrupos à dimensão cognitiva e permite a identificação de elementos que nos dizem sobre a construção subjetiva dos sujeitos, considerando características, atributos, atitudes e percepções de cada jovem sobre si. (Tajfel, 1972). Para análise das imagens, dentro da perspectiva da Análise de Conteúdo, utilizamos um conjunto de referências objetivas que nos possibilitaram comparar as tatuagens, como cor e posição no corpo.

Nas referências teóricas sobre análise de imagem, que apresentam como suporte as tatuagens, identificamos uma tese intitulada “*Tatuagem e construção de identidade em piriguetes*”, tese de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Design e Ergonomia, da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, de 2014. Neste trabalho, a pesquisadora desenvolve um modelo de observação para análise das tatuagens das suas entrevistadas – “as piriguetes”. Neste trabalho, Barros (2014) propõe um método de análise de imagem com referência às teorias de três autores – Joly, Dondis e Goldsmith – além da perspectiva de observação da relação sujeito-objeto do designer Gustavo Bomfim. Tal método considera a existência de quatro possíveis níveis:

- [1] nível objetivo, onde propomos que se observem elementos visuais básicos, como propõem Joly e Dondis;
- [2] nível bio-fisiológico, onde propomos que se observe a relação entre o posicionamento da tatuagem no corpo dos sujeitos,
- [3] nível sociológico, onde propomos, também como Joly e Dondis, observarmos essencialmente aquilo que a imagem pretende representar;
- [4] nível psicológico, onde investigamos a intenção do sujeito ao tatuar determinada imagem em seu corpo. (Barros, 2014, p.64)

Para esta pesquisa, nos detemos exclusivamente no nível objetivo e na descrição de elementos visuais básicos, conforme descreve Barros (2014). Durante a fase operacional de pré-análise (Bardin, 2006), construímos uma grade (Apêndice C) onde foram inseridas todas as tatuagens, em linhas e colunas, para que pudéssemos obter uma visão geral sobre o material a ser analisado. Nesta grade, nas colunas foram descritos os conteúdos visuais das tatuagens. Tal descrição permitiu a identificação de elementos que

compuseram as variáveis: cor, posição no corpo tatuado e forma (Tabela 2). Cada variável recebeu descrições que identificaram os elementos objetivos presentes nas tatuagens.

Tabela 2

Variáveis e descrições

Variáveis	Descrição
Forma ^a	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grafia 2. Desenho 3. Grafia e Desenho 4. Números
Cor ^b	<ol style="list-style-type: none"> 1. Monocromática 2. Policromática
Região do corpo tatuada ^c	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cabeça 2. Tronco 3. Membros superiores 4. Membro inferiores

Notas: ^a**Forma:** Esta variável define as formas das tatuagens. Na descrição do conteúdo das tatuagens, identificamos quatro descrições: [1] Grafia: as tatuagens que são palavras, frases e expressões. A palavra grafia é definida pelo dicionário Aurélio Buarque como “sistema de escrever as palavras”. [2] Desenho: tatuagens que apresentam desenhos, formas; [3] Grafia e desenho: tatuagens que na composição apresentam tanto grafia quanto desenhos, e [4] Números: tatuagens que continham exclusivamente números na composição.

^b**Cores:** A variável compreende as cores presentes no preenchimento das tatuagens. [1] Monocromática: somente uma referência de cor, e [2] policromática: duas ou mais cores. É importante compreender que todas as tatuagens analisadas têm contornos pretos, porém algumas, além do contorno preto, são preenchidas por outras cores, sendo nestes casos utilizado o valor policromático.

^c**Região do corpo tatuada:** Esta variável compreende a identificação do local no corpo onde se encontra a tatuagem. As regiões foram definidas a partir da divisão anatômica do corpo humano (Divisão do corpo humano e sua posição anatômica obtida a partir do Portal educação: <https://www.portaleducacao.com.br/medicina/artigos/37193/a-divisao-do-corpo-humano-e-sua-posicao-anatomica>). [1] Cabeça: extremidade superior do corpo unida ao tronco pelo pescoço; [2] Tronco, formado pelo tórax e abdome com suas respectivas cavidades torácica e abdominal; [3] Membros superiores, e [4] Membros inferiores.

A organização do conteúdo – imagem e texto – apresentaram elementos que suscitaram reflexões acerca dos objetivos propostos, ou seja, a identificação de elementos sobre a construção das masculinidades a partir dos significados atribuídos às tatuagens.

7 Resultados

7.1 Imagens

As etapas da análise de conteúdo permitiram a visualização geral do material – imagem e texto, e a identificação de pontos de encontro e divergência entre os conteúdos. A partir da análise visual na perspectiva objetiva (Tabela 3), observou-se que as tatuagens quanto à forma dividiram-se de maneira proporcional entre o desenho (48%) e a grafia (40%). Quanto à cor, a grande maioria apresentou-se monocromática (86%), ou seja, o processo de feitura da tatuagem utilizou somente a tinta preta para realização do trabalho. Quanto à região do corpo tatuada, viu-se que as duas regiões que possuem mais tatuagens nos corpos dos jovens entrevistados são o tronco (contemplando as regiões do peito, barriga e costas) e os membros superiores (braço, antebraço, mãos e punhos).

Tabela 3
Análise de conteúdo - Tatuagens

Variáveis	Valores	Total	%
Forma	Grafia	25	40%
	Desenho	30	48%
	Grafia e desenho	6	10%
	Números	2	3%
Cor	Monocromática	54	86%
	Policromática	09	14%
Região do corpo	Cabeça	8	13%
	Tronco	22	35%
	Membros superiores	23	37%
	Membros inferiores	10	16%

7.2 Texto

A partir do conteúdo das entrevistas, identificamos um conjunto geral que expressa elementos constitutivos das identidades dos jovens entrevistados. Este elemento central, que chamamos de “Eu sou”, formou-se a partir de quatro perspectivas (“De onde venho”, “Como me vejo”, “Onde estou”, “Com quem estou”) e dos elementos que identificamos como estéticos. Os resultados apresentados considerarão esses elementos, que estão graficamente representados no diagrama a seguir (Figura 6).

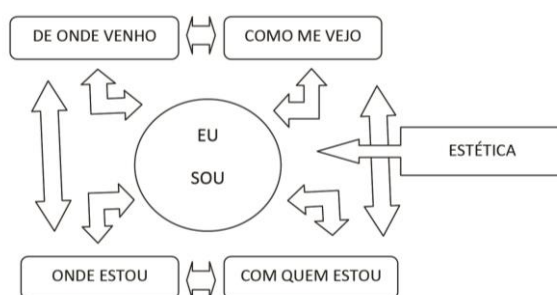


Figura 5. Diagrama categorias

7.2.1 De onde venho

Um ponto importante no que diz respeito às motivações dos jovens entrevistados para se tatuarem é a família. É significativo o número de tatuagens com o nome da mãe, avô, filhas e filhos, e também as que remetem a outros parentes, como sobrinha, primo e avô, além da própria palavra “família”.

O jovem Tiago⁴, 25 anos, tem duas tatuagens que fazem referência à sua mãe (Figura 6). Ao apresentá-las, ele relata:

Tem, a da minha mãe. Essa aqui que eu fiz pra ela. É só isso aqui mesmo: Mãe, amor eterno. Minha mãe faleceu há pouco tempo, agora, em julho. Mas eu tenho vontade de fazer outra tatuagem, de fazer o rosto dela aqui todo nas costas aqui óh.

Sobre o processo de escolha da segunda tatuagem (Figura 7), que também faz referência à sua mãe, Tiago explica: “Pensei, cheguei lá já querendo fazer em letra japonesa ‘mãe é amor, aí fui e fiz’”.

⁴ Os nomes apresentados durante o texto são fictícios e foram escolhidos a partir da referência aleatória de iniciarem com a letra T.



Figura 6. Tatuagem “Mãe amor eterno”



Figura 7. Letras japonesas
“Mãe é amor”

Teo, 28 anos, escolheu para a primeira tatuagem, feita aos 18 anos, as iniciais do nome da mãe. Depois, tatuou na mesma região os nomes da mãe e da sobrinha (Figura 8).

Eu estava com 18 anos quando fiz essa aqui. É a primeira tatuagem e, pra minha mãe não brigar comigo, eu coloquei as iniciais do nome dela. Queria, e ela não gostava muito, e, pra não ter motivo pra brigar, eu fiz a tatuagem com o nome dela . . . e também uma homenagem para ela. Nina é o apelido da minha mãe e Luiza é o nome da minha sobrinha que veio depois.



Figura 8. Tatuagem “SB - Nina e Luiza”

Túlio, de 19 anos, tatuou no pescoço os nomes da avó e da mãe e um diamante ao lado (Figura 9). Ele conta:

Rosana e Maria é uma só. Mas, no mesmo dia eu fiz o diamante, mas separado. Rosana e Maria é minha mãe e minha avó. A do diamante eu já tinha intenção de fazer no braço. Aí não tinha espaço, aí eu fiz aqui.



Figura 9. Tatuagem “Rosana e Maria”

O jovem Tales, 18 anos, tatuou o nome da mãe no braço (Figura 10) e atribuiu o significado de homenagem: “Luciana é o nome da minha mãe. Ah, homenagem assim...”. O jovem Tobias, que também tem tatuado o nome da mãe (Figura 11), justifica a sua escolha dizendo que não teria outro nome a tatuar: “Pensava, mas não pensava assim em outros nomes assim, outras coisas, só o nome da minha mãe mesmo”.



Figura 10. Tatuagem “Luciana”



Figura 11. Tatuagem “Sônia”

Os jovens também escolhem marcar em seus corpos uma outra condição: a paternidade. Taylor, 27 anos, pai de dois filhos, tatuou o nome da filha (Figura 12). Ele explica:

eu tive essa ideia depois que a minha filha nasceu. Aí, eu falei: “vou fazer uma”. Na época, eu até pensava que não ia ter mais filho, que não ia mais fazer filho nem nada. Aí, eu pensei: “eu vou fazer”. Aí, tanto que eu fiz ela grande nas costas, pra ficar bonito. Ah vou fazer uma tatuagem grande pra eu mostrar pra ela no futuro. Uma forma também de mostrar o tanto que a gente... que eu amo ela.

O mesmo jovem após o nascimento do segundo filho tatua o nome do filho e uma coroa (Figura 13). O jovem comenta:

Porque meu príncipe, meu rei, né... A gente costuma fazer. Só não coloquei no nome da minha filha também porque eu não pensei, tanto que até a minha filha cobrou. Aí, eu tenho que falar, a coroa é pra vocês dois, meu rei e minha rainha. E tem que ficar falando com ela.



Figura 12. Tatuagem “Larah”



Figura 13. Tatuagem “Pietro”

Tobias, jovem de 24 anos, pai de duas crianças, tem o nome da primeira filha tatuado nas costas (Figura 14) e uma outra tatuagem com um conjunto de desenhos que expressam a importância da mãe dele e das filhas (Figura 15).

A do peito ela não tem nome, ela é tipo um anjo segurando, protegendo o coração. As asas do anjo, aparece só as asas, o braço, um coração. São duas flechas atravessando o coração e a coroa. Aí, esse anjo que tá protegendo é o meu anjo da guarda que tá me protegendo. As duas setas, as duas flechas significam as minhas duas filhas, a coroa em cima do coração que é minha mãe, e o coração mesmo que é o meu. Onde estão as minhas filhas e minha coroa.



Figura 14. Tatuagem “Isabelle Vitória”

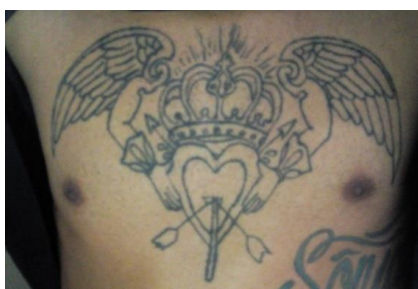


Figura 15. Tatuagem “Anjos”

Teodoro, 19 anos, é o único jovem entrevistado que tem tatuado, além do nome da mãe (Figura 16), também o nome do pai (Figura 17). “É só por causa do meu pai e da minha mãe mesmo... Uma homenagem, assim”.



Figura 16. Tatuagem “Alaíde”



Figura 17. Tatuagem “Júlio”

Os jovens também apresentam tatuagens com nomes e datas que remetem a outros membros da família, e atribuem a elas o significado de homenagem à família. Tony, 24 anos, solteiro, pai de uma filha, tatua o nome do sobrinho que faleceu (Figura 18), e explica o significado a partir da importância da família: “Ah, a gente tem que... a família a gente nunca pode deixar de lado. Querendo ou não...”. Túlio, de 19 anos, tatua no rosto a palavra família junto ao desenho de uma coroa (Figura 19). Sobre essa tatuagem em especial, Túlio comenta: “Quando eu fiz essa no rosto que ela [mãe] começou a falar: ‘nossa, filho, pra quê que você fez na cara? Marcou sua vida, marcou o seu rosto’”.



Figura 18. Tatuagem “Arthur”



Figura 19. Tatuagem “Família”

Tales tem tatuado o ano de nascimento do avô, como homenagem àquele que teve em sua vida, segundo o jovem, o lugar de pai (Figura 20). Tales explica:

é porque eu não tive contato muito com o pai. Aí, eu morava com o meu avô, e ele foi como um pai, entendeu? E eu homenageei com essa tatuagem. Quando eu fiz, ele já tinha falecido. Ele faleceu em 2013, e eu fiz esse ano... Quando eu fiz essa tatuagem, eu ia fazer escrito “vô”, duas asinhas e duas auréolas assim. Mas, aí eu achei que não ia combinar, aí eu fiquei com essa tatuagem pra fazer. Aí, eu fiquei pensando lá com ele e veio a ideia.



Figura 20. Tatuagem “1930”

Portanto, este grupo apresentou um conjunto de tatuagens que teve como principal significado atribuído pelos jovens a importância da família, principalmente das mães e das filhas, mas também de outros membros.

7.2.2 Como me vejo.

Outra referência nos significados das tatuagens dos jovens entrevistados é o modo como eles se sentem/percebem em relação a si mesmos. Teodoro tatua a expressão

“*Original style*” (Figura 21) e explica: “Aquela época que você acha que você é único na vida”.



Figura 21. Tatuagem “*Original Style*”

Tadeu, 19 anos, tatua o desenho de uma metralhadora para falar de si e de como se percebe em relação ao uso das palavras (Figura 22):

Essa é que já foi colocada a questão mais de falar, tá ligado? Eu tipo, eu falo tipo assim. Antigamente eu falava sem trava, tá ligado? Em disparada. Eu falava sem pensar, tá ligado? Daí tipo assim, daí já saiu essa tá ligado? Mas agora, mas hoje nem sou assim mais não. Já penso antes de tacar pra fora.



Figura 22. Tatuagem “Metralhadora”

Túlio tem desenhos tradicionais na tatuagem oriental: Gueixa (Figura 23) e Samurai (Figura 24), e atribui a eles sentidos que expressam características que lhe são próprias, que dizem respeito à sua experiência de ser também um “guerreiro”:

Ah, gueixa significa guerreira. Tipo aquelas mulheres da China que usam aqueles coquinhos e leque. Aí, foi isso aí, ele fez isso aqui. . . . O Samurai é tipo uma gueixa, né, guerreiro. O samurai guerreiro, tipo, de guerra, porque esse aqui é um samurai, aqui ele está tipo vestido de capa, tipo uma capa, um escudo, a espada aqui, assim aí é mais um guerreiro também. Tipo assim, eu me acho um guerreiro,

desde pequeno, porque eu sempre corri atrás, sempre fiz por onde, nunca fui de mexer com isso, droga, coisa errada.

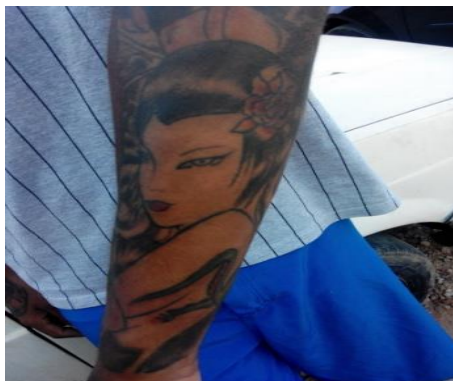


Figura 23. Tatuagem “Gueixa”



Figura 24. Tatuagem “Samurai”

Três jovens tatuaram a data do seu nascimento ou referências a esta para falarem de si, como “*Since 1981*” (Figura 25) do jovem Tobias, e a data completa do nascimento pelo jovem Túlio “15.04.1998” (Figura 26). Tadeu tatuou as letras XX para representar, segundo o jovem, o século do seu nascimento (Figura 27): “E o século XX veio logo da minha idade, tá ligado? Minha idade de 1997, já pega o século XX ali já, onde tudo começou. Da onde eu comecei ao mundo”.



Figura 25. Tatuagem “*Since 1981*”



Figura 26. Tatuagem “15.04.1998”



Figura 27. Tatuagem "XX"

7.2.3 Onde estou

Algumas tatuagens têm significados de “localização” no mundo, expressando como os jovens se reconhecem a partir da realidade em que vivem. São desenhos, frases que manifestam as diferentes maneiras como esses jovens se veem no mundo, ou veem o mundo, e o que querem dizer sobre isso.

A tatuagem de uma caveira com um boné escrito *Underground* (Figura 28) significa, segundo Teodoro, estar/representar-se “fora do sistema”: “Ela criou o desenho, só que não tinha escrito isso aqui não. Aí, eu já tava pensando em tatuar *Underground*, que é fora do sistema. Aí, eu fui, peguei e vi a aba do boné que tava em branco”. Também a tatuagem de Tadeu, uma “caveira de rato” (Figura 29) representa, segundo o jovem, formas de ser/estar na sociedade.

Tipo um rato de laboratório, mas, tipo assim, pra não seguir o sistema, eu tenho que morrer para pra não continuar no sistema, ser usado pelo sistema. Aí, a tatuagem saiu meio que disso, tá ligado? O rato morto não serve mais pra nada pro sistema, tipo um rato de laboratório mesmo, uma cobaia.



Figura 28. Tatuagem “*Underground*”

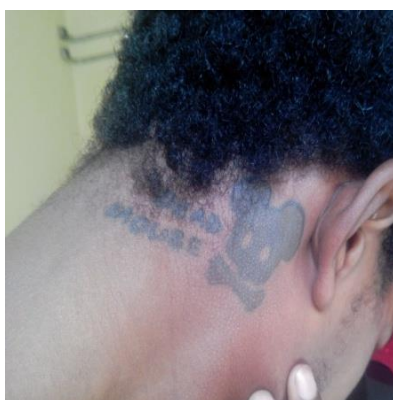


Figura 29. Tatuagem “*Caveira de rato*”

Tadeu tatua e explica como se vê no mundo com a frase “Marginal de coração” (Figura 30) associada aos desenhos de um coração, uma arma, uma bomba e um trevo de quatro folhas. Ele descreve:

Tipo assim, eu escolhi a frase: “O marginal de coração”, mas é porque eu sou tipo marginal, a questão de quem vive à beira da sociedade. Foi daí que eu tirei também, tá ligado? Foi um pouquinho da questão da tatuagem também, tá ligado, de antissistema e eu. Se impõe como marginal por não viver na mesma base que a maioria do social vive. Aí, eu já coloquei isso aí, já tipo de coração. Tá ligado? E não de físico. Tipo assim, igual eles acham que marginal é quem pixa, quem rouba, negócio assim. Marginal é tipo assim mesmo, uma coisa fora do padrão mesmo. Aí, eu já coloquei, tipo assim, o sentido de tudo o que eu vivo, o que rola em mim, tá ligado? Aí, entra a favela. Tipo arma, tipo a minha sorte dependendo

de onde eu passo, vai saber o que que rola, tá ligado? Tem vez que eu fugi de morte, tem vez que eu... pode acontecer alguma coisa comigo e eu conseguir escapar, sem eu saber, tá ligado? Tipo assim, acontece muita coisa na favela. Aí, eu coloquei isso também, proteção, tipo a bomba, tipo eu na questão de explodir, tá ligado? A questão de raiva, tipo, tipo você aguenta se segurar mais. Aí, eu coloquei como isso, tá ligado? Aí, era meio, tipo, tipo multiúso.



Figura 30. Tatuagem “Marginal de coração”

Expressões como “*Vencer ou vencer*”, o trevo de quatro folhas e o cifrão (Figura 31), todas tatuagens de Túlio, foram explicadas a partir do momento profissional que o jovem vivenciava, quando conseguiu se estabelecer financeiramente a partir das suas habilidades no corte de cabelo.

Ganhava o dinheiro cortando cabelo e ia fazer a tatuagem... essa época eu já cortava cabelo, eu já esperava. Eu tenho um salão ali na rua do . . . Aí, eu fiz. Ele perguntou e falou que tinha tudo a ver mesmo. Um trevo e vencer ou vencer, o trevo é sorte que eles falam.

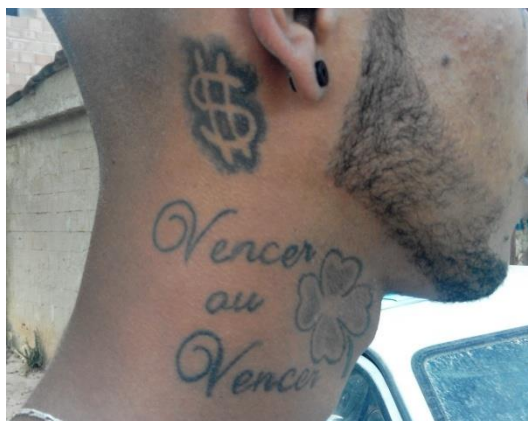


Figura 31. Tatuagem “Vencer ou vencer”

Para expressar sua compreensão em relação às amizades, Tom explica a frase: “Livrai-me da escuridão, me guia em tua direção, senhor, pra livrar-me dos inimigos e não cair em tentação”: (Figura 32)

É tirado de uma música do MC. . . Bairro Andiroba JR. É, eu tirei algumas coisas porque ele falava de nós, e nessa vida é muito difícil você ter um amigo do lado, e eu acredito mais que meu primeiro amigo é deus e o segundo o melhor é eu. Essa música já é antiga já. Aí, eu ia fazer uma tatuagem e decidi fazer uma frase que marcou minha vida mesmo. Aí, eu lembrei muito dessa e resolvi fazer. Tem muito a ver com o que eu estou vivendo agora também.

Sobre as suas tatuagens em geral, Tom comenta:

Eu acho que as pessoas que têm mais preconceito são as mais idosas, que viveram mais antigamente. Porque antigamente era só bandido que fazia tatuagem mesmo, meu tatuador fala comigo né, que ele tatuava só bandido, só marginal. E aí, essas pessoas ainda ficam com essa ideia aí e tal.



Figura 32. Tatuagem “Livrai-me da escuridão”

Tales tatuou um trecho de uma música de Bob Marley (Figura 33) e a significa como uma mensagem de algo a se viver: “Ah, eu queria tipo assim: se não houver o amanhã... como se fosse que eu tivesse que aproveitar todos os dias como se não houvesse o amanhã, entendeu?”. Sobre o local escolhido para tatuar, Tales comenta: “Essa aqui não fica à vista né, da polícia, né: Eu acho que você fica mais visado. Acho que a polícia acha, tipo, concilia isso com bandido e tal, sei lá”.

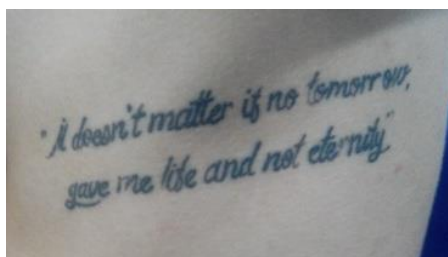


Figura 33. Tatuagem “Letra Bob Marley”

Como forma de expressar-se sobre determinado momento da sua vida, Teodoro tatua a frase “Tático no mundo dramático” (Figura 34) e explica: “É que eu tava namorando uma menina, eu tinha 17 anos também. Aí, ah, tava rolando um drama. Aí, eu fui e tatuei isso. É... eu não pensei nisso não, pensei só na menina... no momento”.



Figura 34. Tatuagem “Tático no mundo dramático”

Também nesta relação, a tatuagem “Ninguém me entende” (Figura 35) é explicada pelo jovem: “porque ninguém entende...Tipo, o modo de pensar, de agir. É, ninguém me entende”.



Figura 35. Tatuagem “Ninguém me entende”

Por fim, para também dizer sobre a relação com o outro/mundo, os jovens tatuam símbolos ou frases que expressam como veem as relações das pessoas com o mundo, ou, como no caso do Yin Yang, como o mundo é organizado.

Sobre a tatuagem com os escritos “amor e ódio” nos pulsos (Figura 36), Tobias explica:

Então, foi uma coisa bem legal, eu estava em casa só ouvindo os outros falando que toda vez quando a gente ia tocar nas mãos deles, mesmo com a mão machucada, a gente deveria tocar com a mão direita, porque a direita sempre é a verdadeira e tocando com a esquerda dava um sinal de falsidade e tudo. Aí, só que essas mesmas pessoas que falavam isso de amor, falava de falsidade e falava dessas coisas, era as pessoas que mais plantava ódio, que mais falava as coisas. Então resolvi tatuar o ódio na mão direita pra mostrar que o ódio é mais real do que o amor.

Para falar sobre a escolha por tatuar, Tobias comenta: “Antes, você ia fazer uma tatuagem, você ouvia da sua família toda, conselho de todo mundo, ‘porque você ia virar puto’, ia virar um traficante ou fazer uma coisa errada”.



Figura 36. Tatuagem “Amor e ódio”

O símbolo Yin Yang aparece tatuado em três jovens diferentes. Foi explicado pelo jovem Tadeu: “Essa eu quis falar do bem e mal, tá ligado? Eles são um só, não tem como. Aí, é essa questão.” (Figura 37). Teodoro escolhe a tatuagem para tampar a cicatriz na cabeça, no couro cabeludo (Figura 38) e atribui o sentido: "Pensei em equilíbrio mental". O Yin Yang (Figura 39) foi a primeira tatuagem do jovem Taylor, feita aos 13 anos por um amigo. Ele explica:

Eu já encontrei vários significados, eles falam que é o... como que chama?... O símbolo do bem e o mal, dentro de todo mal tem um pouco de bem e dentro do bem tem um pouco de mal. Outros significados também que outras pessoas falam também pra mim também, só que pra mim, eu nem ligo não.



Figura 37. Tatuagem “Yin Yang”



Figura 38. Tatuagem “Equilíbrio”



Figura 39. Tatuagem “Yin Yang”

A tatuagem de uma espada (Figura 40), localizada nas costas do jovem Teodoro, tinha como significado inicial a expressão de “paz”. Ele comenta: “Na época, eu pesquisei o significado, e significava paz. Só que hoje eu penso que não faz sentido uma espada significar paz. Não, eu falo que é paz. Porque na época. Mas hoje, pra mim, não significa paz não”.



Figura 40. Tatuagem “Espada”

Neste grupo, portanto, as tatuagens identificaram elementos que nos apresentam como o jovem está vivendo, já viveu ou gostaria de vivenciar a sua relação com o mundo.

7.2.4 Com quem estou

Identificamos, a partir dos significados atribuídos pelos jovens às suas tatuagens, o pertencimento a grupos musicais, de dança, a torcidas organizadas, a grupos profissionais e religiosos.

Taylor tem tatuado símbolos do seu time de futebol (Figura 41) e, para dar significado a esse símbolo, o jovem compara a sua relação com o time a sentimentos presentes na sua relação com a família. O jovem justifica: “Do mesmo jeito que eu demonstrei e demonstro o amor que eu tenho pelos meus filhos, pelos meus pais, eu tenho pelo galo também. Eu costumo falar que primeiramente vem Deus, meus filhos e o galo, e o resto vem tudo depois”.



Figura 41. Tatuagem “Galoucura”

Pertencer a uma torcida organizada tem significados importantes para o jovem. Taylor explica, durante a entrevista, sua relação com a torcida, a rotina de atividades com este grupo, a importância para sua vida e para a construção dos seus valores:

O galo em primeiro lugar. Quando eu falo primeiro lugar, é em questão de torcida. A minha felicidade é torcer pro galo, ajudar o galo, e, segundo essas ações, intervenções que a gente faz, ação social, é, visitas. Às vezes, a gente vai até no Hemominas doar sangue. Então, são várias as coisas que a gente faz que muitas vezes a mídia só mostra briga, esses negócios. Tem aqueles sim, que mancha a imagem da torcida, mas tem essas pessoas aí. E tá aberto, se qualquer dia você quiser fazer uma pesquisa lá, tá aberto também. Todo mundo, aí vocês vão ver, até lá no meu *face*, tem lá as fotos das ações sociais que a gente faz, de festa

beneficiente que a gente faz pra arrecadar brinquedo. Igual, essa semana a gente está arrecadando pro dia das crianças, pra arrecadar alimento pra subir nos morros e entregar.

Sobre a escolha do local da tatuagem, Taylor comenta:

A minha preocupação maior é, igual essa das pernas que eu vou fazer, eu tava pensando em fazer só na parte das costas, na barriga, mas eu vou fazer na perna porque tem um jeito, se eu hoje ou amanhã tiver que trabalhar em outro lugar, assim a calça pode tampar, mas nos braços não. Nos braços, eu acho assim, hoje as pessoas já veem quem tem tatuagem de certa forma, é com, não tem aquele preconceito de antigamente de quem tem tatuagem é bandido, é vagabundo. Não, mas, ainda, infelizmente ainda existe isso. Até mesmo na vaga de emprego, se você chegar lá com o braço todo tatuado, dependendo do emprego, da vaga que você está querendo, você não consegue por causa da tatuagem, por causa disso. Minha preocupação é essa, encher o corpo de tatuagem, o braço, e tatuagem, assim, que não tem significado nenhum e lá no futuro me atrapalhar mesmo, eu... Até eu mesmo pensar [que] eu não estou gostando dela, vou tirar. Então, hoje em dia o que eles mais fazem é, eles não tiram, eles vão e contornam outra por cima. Aí é bem mais fácil nem fazer.

Tony, que durante sua adolescência acompanhava um grupo de pagode (Figura 42), resolveu fazer uma tatuagem para registrar essa relação: “Essa aqui é quando eu estava no grupo de pagode ali dos caras. O SOS Brasil, ali de Santa Luzia. Costumei passar a noite de casas de show de pagode”.



Figura 42. Tatuagem “Pagode”

Outra referência a um grupo de pertença foi expressa pelo jovem Tobias. A tatuagem “*Golden Era*” (Figura 43) foi significada pelo jovem como uma forma de marcar um determinado momento de participação no movimento do qual faz parte – O Hip Hop. Durante a entrevista, o jovem faz outras referências ao movimento e fala da importância da dança para a sua vida. O mesmo jovem possui uma outra tatuagem “Família Vandal” (Figura 44), que é o nome do grupo de dança do qual ele fazia parte.

O *Golden Era* escrito no meio. O *Golden Era* representa a era de ouro do rap, quando surgiu os melhores MC’s do rap dos anos 85 a 90, lá nos EUA, que vem acompanhando... Como eu danço, já venho ouvindo de muito tempo. Só que nos anos 90 também surgiram melhores MC’s de rap de BH, surgiu também no Brasil inteiro. Então eu já ouvi... a primeira música que eu ouvi foram os Racionais, que foi lá, o “Diário de um detento”. . . . Então, toda vez que eu ouvia, eu lembrava da época do *Golden Era*. O “Homem na estrada” foi a primeira mesmo que eu ouvi.

Sobre as tatuagens, Tobias comenta que todas elas chamam a atenção, mas, em especial, a que tem o desenho das armas (Figura 43). É a que as pessoas mais comentam e, mais ainda, os policiais.

Os mais antigos, essas pessoas mais antigas assim, olham pra tatuagem como algo ruim. Então, já sempre fala: “tatuagem não é de Deus não... Você tá mexendo no seu corpo. Daqui a pouco você já vai estar parecendo um gibi”. Depois eu arrependi, porque toda vez ficar sendo parado, toda vez os policiais olhando assim. Você ia no lugar, todo mundo te olhando, achando que você era bandido por causa dos revólveres na canela. Aí, depois eu fui acostumando, fui vendo que ia ser

assim de qualquer jeito, se eu tirasse a blusa iam ver as outras tatuagens e iam me julgar de todo jeito, então...



Figura 43. Tatuagem “*Golden Era*”



Figura 44. Tatuagens “Família Vandal e Viva la vida”

A referência religiosa também aparece em algumas tatuagens. Tales tem duas tatuagens com conteúdo religioso, uma que representa para o jovem “Oração” (Figura 45) e outra que é o “Sagrado Coração de Jesus” (Figura 46). Quanto à sua orientação religiosa, comenta: “Bom, eu acredito em Deus, mas em relação à religião, eu vou em igreja, mas não tenho essa escolha. Eu posso ir na igreja católica ou evangélica”.



Figura 45. Tatuagem “Oração”



Figura 46. Tatuagem “Sagrado Coração de Jesus”

O jovem Túlio tatua a frase “Livrai-me de todo mal, amém” (Figura 47) e justifica: “Eu tirei da bíblia. É frase bíblica, né, eu tava lendo a bíblia, aí eu gostei da frase “Livrai-me de todo mal”. Aí, é uma frase conhecida, todo mundo conhece. Aí, eu fui lá e fiz.”. O mesmo jovem tem letras tatuadas nos dedos, compondo a palavra “Deus”: “Tipo assim, na época que eu fiz, todo mundo fazia assim. Deus nos dedos. Aí, quatro letras, quatro dedos certinho. Aí, eu fiz. Eu sou evangélico”.



Figura 47. Tatuagem “Livrai-me de todo mal”

A profissão também aparece como referência. Túlio tatua uma série de desenhos relacionados ao corte de cabelo (navalha, tesoura...) (Figura 48), que representam a profissão e o salão de beleza do jovem. Esses significados são retomados em diferentes momentos da entrevista, para dizer não só das escolhas pelos desenhos, mas também do porquê as pessoas se tatuam.

Eu acho que significa muito da profissão, porque na profissão de jogador, de cabeleireiro, eles não importa tanto assim com tatuagem. Aí, eles já têm a profissão deles, já vive daquilo. Eles dependem daquilo, do futebol pra viver, e eu, tipo, dependo de cortar cabelo pra me manter. Aí, vai da profissão da pessoa. Agora, pode ver que quem trabalha fichado nunca tem, porque hoje em dia se você chegar numa entrevista de emprego, pra pegar você assim tatuado é só nessas lojas de shopping assim: Marvile, Pavilhão, só nessas lojas assim. Porque lá você vê os moços cabeludos, tatuadão, lá eles exigem não, lá eles gostam mais desse povo que chama atenção pra trabalhar lá. Aí, eu acho que tatuagens pra eles é mais da profissão mesmo.

Túlio também fala da relação da polícia com as suas tatuagens:

Aí, eles [policiais] falam: “pulei num ali e o cara tava igual a você, não sei o quê. Não vou adivinhar que você é trabalhador não, ué, mas eu tô fazendo o meu serviço”. E aí, eu falo: “não, beleza, eu te entendo, mas pode puxar aí o meu nome”. Eu dou meu nome, eles puxam. Aí eu falo: “não, não, beleza”. Aí, eles falam: “tem nada não, tem antecedente criminal nenhum”. Aí, libera e deixa você ir embora.



Figura 48. Tatuagem ofício “Corte de cabelo”

7.2.5 Estética

Para além das categorias anteriores, foi possível perceber um conjunto de tatuagens apresentadas pelos jovens a partir de uma outra referência: a estética. Essas são tatuagens significadas a partir da escolha do desenho, representadas, muitas vezes, pela frase: “vi, gostei e fiz”.

Teodoro tem 14 (quatorze) tatuagens. Dessas, 06 (seis) foram escolhidas pela estética da imagem. (Figuras 49, 50, 51, 52, 53, 54)

Não tem significado, gostei da imagem, mas era pra ficar mais bonito na pele. É só uma tatuagem. É porque eu comecei a trabalhar lá, e o menino me falou que ia me dar o fechamento de braço. Aí eu comecei a olhar as apostilas dele. Ele é cheio de apostilas lá, de desenho. Aí eu falei: vou olhar um desenho diferente. Aí eu achei essa, que eu achei diferente.

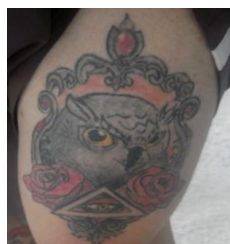


Figura 49. Tatuagem “Coruja”



Figura 50. Tatuagem “Sem limites”



Figura 51. Tatuagem “Âncora”



Figura 52. Tatuagem “Caveira”



Figura 53. Tatuagem “Pato”

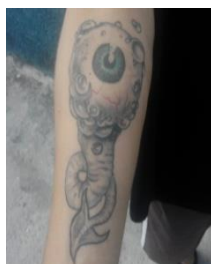


Figura 54. Tatuagem “Olho”

Na descrição sobre as suas tatuagens, Teodoro comenta:

Não tatuo mais não, mais por respeito ao meu pai e minha mãe mesmo. Quando eu tiver morando sozinho, essas coisas, e tiver um trabalho bom, fixo, aí eu vou pensar ainda... Mas, assim, não vai ser evidente, vai ser uma coisa pra encaixar aqui. Sem ser uma coisa escrota, fazer uma coisa pra fazer mais sentido.

O jovem Túlio, 19 anos, apresentou 14 (quatorze) tatuagens, sendo que dessas, 05 (cinco) (Figuras 55, 56, 57, 58, 59) tiveram como motivação: “Gostei e fiz”. De acordo com o relato do jovem, mesmo tendo uma intenção inicial de algum tipo de desenho, escolhia a partir do que ele gostava no material disponível e ali decidia pela tatuagem. O que chama a atenção nesse caso, é o fato de algumas dessas tatuagens, como a carpa e as lágrimas, terem significados muito estabelecidos no contexto das tatuagens.

Não, quando eu fiz, eu nem sabia, não tinha nenhuma noção assim de nada não. Mas aí, eu fiz. Aí, eu vi lá, gostei, e fui lá e fiz.

Aí chegou lá, ele foi passando as fotos. Aí eu falei: “deixa eu ver essa”.

Ele voltou, eu vi, eu falei “deixa eu ver”. Aí, ele imprimiu a imagem e colocou na minha mão. Aí, eu gostei e falei “eu quero essa”. Aí, ele foi lá e fez.

Em especial sobre as tatuagens nas mãos, Túlio comenta: “eu não sabia né, que eu ia virar cabeleireiro. Aí, eu fui lá e fiz, porque eu não tinha previsto que ia trabalhar fichado. Porque, vão que você vai trabalhar no comércio com uma tatuagem no pescoço, chama atenção. Aí, os outros vai lá, olha o cara ali no balcão atendendo com a tatuagem aqui oh”.

Sobre a tatuagem de lágrima no rosto, Túlio relata é, tipo assim, chama muito atenção. Como polícia, tipo assim, é o serviço deles, é o trabalho deles, eles veem, quer pular, né, fala, revista. Aí, pergunta o que você é. Não sabem, né, depois você explica: “Não, sou trabalhador, trabalho ali”. Vai explicando pra eles e acabam liberando. Mas veem você, tipo assim, acham que você é bandido, tipo vê sua aparência e fala: “esse aqui mexe com coisa errada”. Vê o cabelo loiro, chama muito atenção, aí eles vêem. Aí, depois que você explica pra ele: “eu sou trabalhador, não faço nada de errado”. Aí, eles vão lá e liberam, tá tranquilo. . . . É porque, tipo no tráfico de drogas, assim, tem muitas pessoas

que pintam o cabelo de loiro, é cheio de tatuagem, aí vamos supor, ele vê ali que a pessoa é daquele jeito. Aí, quando eles veem as pessoas na rua, você é mesma coisa que aquele, porque você está do mesmo jeito, todo tatuado com cabelo loiro, né.

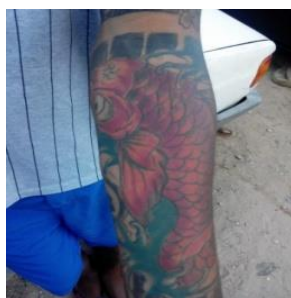


Figura 55. Tatuagem “Carpa”



Figura 56. Tatuagem “Love”



Figura 57. Tatuagem “Gotas”



Figura 58. Tatuagem “Flor”

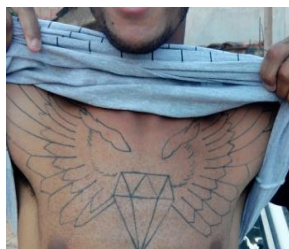


Figura 59. Tatuagem “Anjo”

Teo, 28 anos, tem 03 (três) tatuagens para as quais não atribui significado específico ao desenho (Figuras 60, 61, 62). O jovem associa todas elas a um outro período da sua juventude, mais próximo à adolescência, quando fazia parte de um grupo de amigos que se encontravam para dançar, curtir os eventos, participar de projetos sociais. Nessa época, produziram juntos as máquinas de tatuar e decidiram tatuar-se e tatuar os colegas. Sobre o processo de escolha, o jovem relata, para todas essas tatuagens, uma escolha aleatória, a partir do que estava ali no material que ele tinha disponível no momento de tatuar.

Aí, eu escolhi e o menino fez. As outras três foram mais ou menos assim.

Foi, tipo assim, eu escolho e fiz. Nem significado, nada. Só escolhi e fiz.



Figura 60. Tatuagem “Puma”

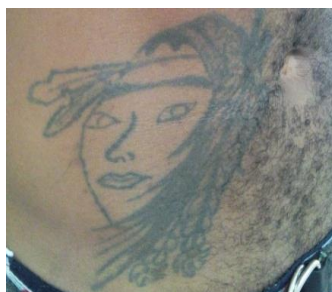


Figura 61. Tatuagem “Índia”



Figura 62. Tatuagem “Cruz”

Teo chama a atenção, na descrição das suas tatuagens, para o preconceito vivenciado em relação às suas tatuagens: “Hoje tem mais, é mais disfarçado [preconceito]. Hoje a pessoa sabe não dizer o que ela pensa de uma vez, disfarça melhor. Porque o preconceito, ele existe, né, infelizmente, não só por causa da tatuagem”.

Tiago, 25 anos, para uma de suas três tatuagens, não atribui significado específico. Conta que gostou da frase que viu em uma xícara e decidiu colocá-la no corpo (Figura 63).



Figura 63. Tatuagem “Acredito no que faço, faço o que gosto”

Passaremos agora à discussão sobre os resultados alcançados.

8 Discussão dos Resultados

O tema desde trabalho articula os elementos: masculinidades, identidades e juventudes; a partir de um eixo principal: as tatuagens. As tatuagens nos apresentam uma diversidade de sentidos e significados que ao longo do tempo são construídos e (re)construídos. Vê-se, portanto, que dentro dessa variedade existem pontos de encontro, por exemplo, relacionados a aspectos das identidades juvenis (Oliveira, 2007).

Neste trabalho em específico, chamamos a atenção para um determinado grupo: os jovens, homens, moradores de bairros populares. A compreensão das juventudes na ótica da dimensão dialética (Groppo, 2016) dá lugar a uma compreensão relacional que, neste trabalho, sob a perspectiva das identidades masculinas, se apresentou em elementos relativos ao que é “ser homem”, mas, também, na negação de alguns aspectos tradicionais relacionados às masculinidades.

Viu-se, nessa relação, que as expectativas sobre o que é “ser homem” por parte da sociedade se mostram contrastantes com o que as tatuagens podem significar, também, para essa sociedade. Portanto, ter o corpo tatuado pode expressar elementos contrários ao equilíbrio, à responsabilidade com a família e, principalmente, com o trabalho (Parker, 1991), que são expectativas tradicionalmente relacionadas aos homens.

Historicamente, a tatuagem carrega um conteúdo discriminatório próprio, que foi construído ao longo do tempo, a partir, sobretudo, da associação do seu uso a grupos específicos, rebeldes e periféricos à sociedade (Marques, 1997). Sabe-se que hoje em dia ela ganha novos significados, na medida em que está presente em diferentes grupos e classes. Todavia, diferindo de outras referências, que também historicamente carregam preconceitos, como a raça/cor, a tatuagem está no corpo do jovem porque ele escolheu aquela marca.

Os jovens, em cada época, têm os seus estilos, modos de ser, conversar, andar e estar nos espaços da cidade. Quando o jovem de periferia ocupa a cidade e circula para além das ruas, becos e vielas de suas quebradas, ele chama o olhar para si, para o seu corpo (Diógenes, 2009). Quando falamos de um corpo jovem, masculino, negro encontramos diversas representações que estão aí consolidadas nas concepções das pessoas e associadas a determinadas características e comportamentos. Esses corpos, quando tatuados, adicionam ainda mais elementos a essas representações, características e expectativas, quase sempre carregadas de aspectos negativos.

Para estes homens jovens entrevistados, uma das convenções/imposições que prevalecem na nossa sociedade, quando o assunto é tatuagem, é o trabalho. Há tempos a

inclusão pelo trabalho é tratada como alternativa para o desenvolvimento da economia e, conseqüentemente, da responsabilidade do homem perante a sua família e a sociedade (Grossi, 2004). Uma das marcas da sociedade contemporânea é o consumo, alimentado cotidianamente pela ampliação de acesso e pela diversidade dos produtos e mercadorias. Com o consumo vem a necessidade do dinheiro, do trabalho. O trabalho faz parte da condição juvenil (Leão & Carmo, 2014). Por conseguintes, o emprego hoje em dia é a realidade e também a preocupação para muitos jovens, principalmente homens que, por pressão social, familiar ou pelo próprio desejo, buscam cotidianamente uma colocação no mundo do trabalho.

Entretanto, a relação dos jovens com o trabalho pode ser muito diversa, tanto nas motivações para a inserção, quanto em relação aos espaços a serem ocupados no mercado de trabalho. Diógenes (2009) identifica a identidade do jovem de periferia entre dois campos: o trabalho e a afirmação da cidadania. Para a autora, quando falamos de juventude de periferia, estamos falando de uma “existência ambígua” entre um sentimento de não pertencimento, que busca se resolver a partir do mundo do trabalho, e a constituição de formas de sociabilidade que fortalecem um sentimento de grupo.

Reinventar esse trabalho é também uma característica dessa juventude, particularmente diante da realidade dos jovens de camadas populares, na qual a entrada imediata e precoce no trabalho é muitas vezes a única alternativa vislumbrada (Leão & Carmo, 2014). A dança, o rap, o funk, o esporte, são alternativas que autorizariam aos jovens a vivenciar novas possibilidades de trabalho, pautadas não somente no que a sociedade espera deles, mas também no desejo e características de uma nova sociedade.

A entrada no mundo do trabalho, ou a pressão para que isso aconteça, mostra-se como um objetivo a ser alcançado. Contudo, o desejo de vivenciar a liberdade e criar estilos em toda a cidade também está presente, e se constitui enquanto elemento que fortalece a cultura e a juventude de periferia (Diógenes, 2009), um paradoxo que esteve presente entre os jovens entrevistados.

A relação com o trabalho, principalmente as limitações reforçadas pelo uso da tatuagem, foram elementos importantes presente nas falas dos jovens, que confirmam os preconceitos históricos dessas marcas. Entretanto, a partir do momento que as tatuagens começam a surgir nos corpos desses jovens, estes passam também a expressar liberdade, ou a perspectiva de enfrentamento ao que se espera deles – homens, jovens, moradores de bairros populares.

8.1 Tatuar-se: resistência ou liberdade?

Para os jovens entrevistados, homens, moradores de bairros populares, tatuarse é uma forma de resistência ou de fortalecimento de uma identidade? Através de desenhos, palavras, frases ou letras de música tatuadas nos corpos, os jovens expressaram suas críticas ao mundo, seus desejos de vitória e suas visões sobre as realidades vivenciadas nas periferias. Neste caso, as tatuagens são, por conseguinte, pensadas, intencionais, voluntárias, expressam as vontades dos sujeitos e estão naturalmente relacionadas aos contextos sociais.

Os desenhos e expressões das tatuagens nos jovens entrevistados foram diversos e tiveram aspectos da periferia apresentados. O desenho de armas, as caveiras, a morte, assim como as palavras: máfia, gangster e underground, são expressões de uma realidade vivenciada e traduzida por um dos jovens quando diz “tatu o que eu vejo todo dia no meu dia-a-dia”. Para representar uma fala sem freios, identifica-se com a metralhadora. Para dizer que sou da paz, escolho os revólveres com os canos para baixo. Para dizer da minha oposição ao que é (im)posto pela sociedade, falo de máfia, dos gângsteres e de ser underground. O trevo de quatro folhas é para dar sorte, o que eu preciso para caminhar e seguir minha vida diante da realidade que vivencio. O Yin Yang é amor e ódio, é o que vejo nas relações e nos riscos cotidianos.

As tatuagens analisadas também apresentaram significados que expressam uma discordância da ordem social definida. Nesse sentido, para além de tatuarse, que já expressaria discordância diante de determinados padrões tradicionais da nossa sociedade, os desenhos ou palavras que os jovens escolheram tatuar também expressam suas opiniões, tornando-as visíveis, e transmitem mensagens de resistência às convenções, por exemplo, do que se espera de um homem, jovem, maior de 18 anos, pai, morador de periferia no mundo contemporâneo.

Ser livre, expressar opinião, fazer escolhas, decidir sobre o modo como se quer ser parecem ser características de determinadas juventudes. Todavia, são situações vivenciadas de maneira ambígua, uma vez que existem determinadas representações e identidades a serem seguidas. Para os jovens entrevistados, essas representações estão na sociedade, no trabalho e, também, onde moram, principalmente em seus conteúdos negativos, e determinadas tatuagens os vincularão, por exemplo, a bandidos ou poderão restringir o acesso ao mercado de trabalho.

A construção das masculinidades também está exposta nas imagens analisadas em seus aspectos objetivos, especialmente quanto à cor e localização no corpo. As tatuagens dos jovens entrevistados são, quase que exclusivamente, compostas pela tinta preta, tanto

nas escritas (grafia) quanto nos desenhos. Em relação à localização no corpo, tivemos dois locais principais: o tronco (contemplando as regiões do peito, barriga e costas) e os membros superiores (braço, antebraço, mãos e punhos), regiões tradicionalmente escolhidas para exposição dos corpos masculinos.

Outro ponto importante, que também diz respeito às expectativas quanto ao que é “ser homem” por parte da sociedade, contrastantes ou não ao que as tatuagens podem significar, está na relação que esses jovens homens estão constituindo nas relações familiares.

8.2 Tal pai, tal filho?

Entre os jovens entrevistados, o lugar da família esteve significativamente representado nas tatuagens pelos nomes das mães, dos filhos, sobrinhos e avós, uma forma de homenagem que expressou, especialmente, duas condições: a de serem filhos e de terem se tornado pais.

Viu-se que, entre os jovens entrevistados, as referências de afeto e proteção, em geral, estiveram representadas na figura materna. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou dados que afirmam o crescimento, desde a década de 1980, do número de famílias cujas pessoas de referência são as mulheres, uma realidade ampliada a partir dos contextos de bairros mais populares.

Uma das rupturas promovidas nas relações familiares atuais, talvez não esteja necessariamente no campo do afeto, mas no lugar que essas mulheres, mães, passam a ocupar para além deste ambiente privado, as suas casas. Falamos de uma mãe que não somente cuida, cria: que também é provedora, protetora, e sai para trabalhar cedo para sustentar os filhos, a família, frequentemente, sem a presença da figura paterna. E qual referência o filho, jovem, homem, passa a ter a partir destas novas realidades?

Os jovens entrevistados são filhos e também pais, identidades constituídas nas estruturas sociais. O sujeito vivencia múltiplas determinações, e, a partir das relações estabelecidas, vai formando e manifestando suas identidades sociais, um caminho que segue permanências, continuidades e, simultaneamente, transformações (Amâncio, 2004).

O que pudemos identificar entre os jovens entrevistados talvez seja a possibilidade de (re)construção dessas identidades e, mais especificamente, do lugar do homem, pai, na constituição das suas famílias. O nome das filhas tatuado nos corpos e os significados expressos na importância dessas crianças para as suas vidas dizem de uma relação que não se pauta no distanciamento, característico de tempos passados, apresentando-nos

possibilidades de expressões de afeto e a expectativa de que esses homens possam ocupar novos lugares no desenvolvimento dos seus filhos, para além do provento.

Dessa forma, as tatuagens fazem parte de um universo dialético de construções e reconstruções constantes. Adicionadas a elementos como identidades juvenis e masculinidades, ampliam ainda mais as possibilidades em seus sentidos e significados. Através das suas tatuagens, os jovens nos permitiram acessar elementos que afirmaram práticas tradicionais vinculadas ao que é “ser homem”, contudo, paralelamente reconstruíram alternativas de viver tais práticas. É, portanto, igualmente possível compreender as novas potencialidades, ou novas construções, ainda a serem conquistadas, sobre o que se espera do homem na nossa sociedade.

Por fim, o preconceito que esses jovens denunciam ao falar sobre as suas tatuagens conta-nos sobre uma realidade vinculada às juventudes de determinados estratos sociais. Os relatos de abordagens policiais, as restrições a determinadas vagas de emprego, ao trabalho ou a associação de suas imagens a grupos vinculados à prática criminal – denominados pelos jovens entrevistados como bandidos, traficantes ou “aqueles que fazem coisa errada” – são discursos associados, também, a outras juventudes?

Será que o jovem de classe média, branco, com o corpo tatuado, vivencia essas mesmas experiências? As expectativas, imposições ou restrições em relação ao trabalho se apresentariam da mesma forma nas descrições desses jovens? Também as (re)construções nas práticas masculinas no ambiente privado, nas relações familiares, estão acontecendo nestes outros grupos? Cientes do impossível que é esgotar o tema neste trabalho, ficam essas questões para a reflexão e instigar possíveis outros trabalhos.

9 Considerações Finais

Buscamos constantemente explicações para o que vivemos, pensamos e fazemos. Ao longo das nossas vidas constituímos verdades, reinterpretando e produzindo teorias que explicam e justificam nossos pensamentos. A Psicologia Social é um dos campos científicos que, ao longo de décadas, busca entender essas dinâmicas. As concepções sobre os usos e significado das tatuagens, as construções das masculinidades e das identidades juvenis também estão neste contexto, pois são construídas por nós, em diferentes momentos, por diferentes povos e sociedades, contribuindo, assim, para a construção permanente de novos olhares.

Neste trabalho, procuramos unir três elementos e suas complexidades: juventude, tatuagem e masculinidade. Buscamos, nas entrevistas, acessar as práticas que constituem as masculinidades, não por perguntas diretas, mas pela descrição do que os jovens escolhem tatuar em seus corpos. Chegamos aos jovens, chegamos aos bairros populares, chegamos às tatuagens, chegamos aos jovens homens tatuados moradores de bairros populares.

Para esses jovens, ser homem tatuado, na sociedade em que vivemos, com a idade que têm, com as condições sociais que possuem, pode contrariar ou estabelecer novas alternativas e expectativas quanto ao que é ser homem, principalmente no que está relacionado ao trabalho e à família. A tatuagem mostrou-se, portanto, como uma possibilidade de dizer quem são, de discordarem, resistirem ou simplesmente de serem livres para construir novas respostas ou dizer o que pensam e o que desejam para o mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. V. (1996). Gênero, masculinidades e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico/95* (pp.161-190). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Abramo, H.W., & Leon, O.D. (2005). Introdução. In: Freitas, M.V. (Org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais* (pp. 6-8). São Paulo: Ação Educativa.
- Alencar, M., Neto, & Nava, J. (1966). *Tatuagens e desenhos cicatriciais*. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva.
- Alvarez, M. C. (2002). A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. *Dados*, 45(4), 677-704. doi: 10.1590/S0011-52582002000400005
- Alves, R. A., Pinto, L. M. N., Silveira, A. M., Oliveira, G. L., & Melo, E. M. de. (2012). Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 16(43), 871-883. Epub: 11 de dezembro de 2012. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400002&lng=pt&tlng=pt
- Amâncio, L. (2004). Identidade social e relações intergrupais. In: Vala, J. & Monteiro, M. B. (Orgs.) 2004. *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amin, A. R. (2016). Evolução histórica do direito da criança e do adolescente. In: Maciel, K. R. F. L. A. (Coord.). *Curso de direito da criança e do adolescente: aspectos teóricos e práticos* (9a ed.). São Paulo: Saraiva.
- Arce, J. M. V. (1999). *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Augusto, C. B., & Ortega, F. (2011). Nina Rodrigues e a patologização do crime no Brasil. *Revista Direito GV*, 7(1), 221-236. doi: 10.1590/S1808-24322011000100011
- Ayres, L. S. M., Cardoso, A. P., & Pereira, L. C. (2009). O abrigo e as redes de proteção para a infância e a juventude. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(1), 125-135. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000100010&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S1984-02922009000100010

- Badinter, E. (1993). *XY: Sobre a Identidade Masculina*. (M. I. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Bastos, A. T. (1903). *A tatuagem nos criminosos: estudo feito no posto anthropometrico da cadeia da relação* (Dissertação Inaugural). Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto, Portugal. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16453>
- Berchon, E. (1860). *Le tatouage aux îles Marquises*. Paris: Librairie Victor Masson.
- Ceccheto, F. R. (2004). *Violência e estilos de masculinidade* (1a ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ciampa, A.C. (1989) Identidade. In: LANE, S. M. (Org.). *Psicologia Social: o homem em movimento* (8ª ed.) (pp. 58-77). São Paulo: Brasiliense.
- Coimbra, C. M. B., & Nascimento, M. L. (2003). Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: Fraga, P. C. P. & Iulianelli, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real* (pp. 19-37). Rio de Janeiro: DP&A.
- Connell, R. (1997). La organización social de la masculinidad. In: Valdés, T. y Olavarría, J. (Eds.). *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Santiago de Chile, Chile: ISIS-FLACSO Ediciones de Mujeres.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014
- Costa, A. (2003). *Tatuagens e marcas corporais: atualização do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Damico, J. G. S., & Meyer, D. E. E. (2010). Constituição de masculinidades juvenis em contextos "difíceis": vivências de jovens de periferia na França. *Cadernos Pagu* [online]. (34), 143-178. doi: 10.1590/S0104-83332010000100007
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, (24), 40-52. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004

- Deschamps, J. C. & Moliner, P. (2014). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Diógenes, G. (2009). Juventude, exclusão e a construção de políticas públicas: estratégias e táticas. In: Mendonça, M., Filho, & Nobre, M. T. (Orgs.). *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa* (pp.271-288). Salvador, São Cristóvão: EDUFBA / EDUFS.
- Ferreira, V. F. (2014). A tatuagem e o body piercing como arte corporal de ética da dissidência. In: Correia, V. (org.). *Corpologias - Volume I: O corpo humano e a arte* (pp. 406-434). Óbidos: Sinapis.
- Ferreira, V. S. (2011). Tatuagem o corpo jovem hoje: rito de passagem ou ritual de impasse? In: *Vivência*, 36, 137-156.
- Flick, U. & Netz, S. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2a Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Foucault, M. (2003). *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Obra original publicada em 1976)
- Geraldo, M. F. (2014). A construção da identidade de jovens negros do Palmital. *Revista @rquivo Brasileiro de Educação*, 2(3). 38-53. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/download/P.2318-7344.2014v2n3p38/8006>
- Gerhardt, T. E., Ramos, I. C. A., Riquinho, D. L. & Santos, D. L. dos (2009). Estrutura do projeto de pesquisa. In: Gerhardt, T. E. e Silveira, D. T. (Orgs.). *Métodos de pesquisa [Série Ensino à Distância]* (pp. 65-88). Porto Alegre: UFRGS.
- Groppo, L. (2016). *Juventudes: sociologia, cultura e movimentos*. [S.L]. Editora Clube dos Autores.
- Grossi, M. (1995). Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*. 75(1), 5-37.
- Grossi, M. P. (n.d.). *Identidade de gênero e sexualidade*. Recuperado de http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf

- Guimarães, M. E. (2005). A Globalização: o corpo como campo de batalha. In: Bueno, M. L.; Castro, A. L. de (Orgs.). *Corpo, território da cultura* (pp. 75-87). São Paulo: Annablume.
- Haraway, D. (2004). “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra (M. Corrêa Trad., I. Beleli Rev.). In: *Cadernos Pagu*, (22), 127-148. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf> (Obra original publicada em 1991).
- Honório, M. das D. (2009). Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre masculinidade no nordeste do Brasil. In: *I Seminário Nacional de Sociologia e Política: Sociedade e Política em Tempos de Incerteza* [Online]. (S.L) UFPR. Recuperado de <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/cabramacho-Maria-Dores-Honorario.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (n.d.). *A família brasileira*. Recuperado de <http://teen.ibge.gov.br/biblioteca/274-teen/mao-na-roda/1770-a-familia-brasileira.html>.
- Ivo, A. B. L. (2010). A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. *Caderno CRH*, 23(58), 09-15.
- Jeha, S. C. A. (2011). *Galera Heterogênea. Naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial, c.1822- c. 1854* (Tese de Doutorado em História). PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710598_2011_Indice.html
- Lacassagne, A. (1881). *Les tatouages: étude anthropologique et medico légale*. Paris: Baillière. Recuperado de <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/medica/resultats/?cote=60177&do=c hapitre>
- Lane, S. M. (Org.). (1989). *Psicologia Social: o homem em movimento* (8ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Leão, G. Carmo, H. C. do. (2014). Os jovens e a escola. In: Correa, L. M., Alvez, M. Z. & Maia, C. L (Orgs.). *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Loch, S. (2015, Maio 22). 70.072 A tatuagem eterna no holocausto. *Revista Super interessante* [Edição eletrônica]. Recuperado de <http://super.abril.com.br/historia/70-072-a-tatuagem-eterna-do-holocausto/>
- Lombroso, C. (1887). *L'Homme Criminel* [Édition électronique réalisée avec le traitement de textes Microsoft]. Paris: Ancienne Libraire Germer Billière. Recuperado de: http://classiques.uqac.ca/classiques/lombroso_cesare/homme_criminel_1887/homme_criminel.pdf
- Marques, T. (1997). *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Medrado, B. & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3). 809-840. doi: 10.1590/S0104-026X2008000300005
- Mendonça, M., Filho, & Nobre, M. T. (Orgs.) (2009). *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa* [Online]. Salvador, São Cristóvão: EDUFBA/ EDUFES. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/3w52w/pdf/mendonca-9788523208974.pdf>
- Moraga, E. G. (1992). *Los estudios de genero y sus fuentes epistemologicas: periodizacion y perspectivas* [Serie: Estudios Sociales N° 38]. Santiago, Chile: FLACSO - Programa Chile.
- Nascimento, E. F. do, & Gomes, R. (2008). Marcas identitárias masculinas e a saúde de homens jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(7), 1556-1564. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000700010&lng=en&tlng=pt.
- Nolasco, S. (2003). Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. *Interfaces Brasil/Canadá*. Belo Horizonte, 1(3), p. 29-43.
- Norbert, E. (1993). *O processo civilizador. Volume II: Formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Novaes, R. (2006). Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: Almeida, M. I. M., & Eugenio, F. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto* (pp. 105-120) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Oliveira, P. P. (1998, Janeiro). Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, 6(1), 91-114. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>.
- Oliveira, P. P. (2004). *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Oliveira, R. C. A. (2007). Estéticas juvenis: Intervenções nos corpos e na metrópole. *Comunicação Mídia e Consumo*, 4(9), 63-86.
- Osório, A. (2005, Dezembro). O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. *Revista Contemporânea*, III, (5), dezembro/2005.
- Osório, A. (2006, Março). Tatuagem e autonomia: reflexões sobre a juventude. *Cadernos de Campo*, 15(14/15), 83-98.
- Osório, A. (2006). *O gênero da tatuagem* (Tese de doutorado em antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Parker, R. (1991). Homens e mulheres. In: *Parker, R. Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo* (pp.55-107). São Paulo: Best Seller.
- Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12(1), 179-206. doi: 10.1590/S0104-93132006000100007
- Pinto, J. M. (1991, Junho). Considerações sobre a produção social de Identidade. *Revista Crítica de Ciências sociais*, (32), 217-230.
- Ramos, C. M. (2001). *Teorias da tatuagem. Corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC.
- Reis, J. R. T. (1989). Família, emoção e ideologia. In: Lane, S. M. (Org). *Psicologia Social: o homem em movimento* (8ª ed.) (pp. 99-124). São Paulo: Brasiliense.
- Sabino, C., & Luz, M. T. (2006). Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 251-272. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200007&lng=pt&tlng=pt.

- Scott, J. W. (1990, Julho-Dezembro). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16(2), 5-22.
- Silva, N. de F. (2015). Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. *História, histórias*, 1(5), 7-22.
- Silva, S. G. da. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(3), 8-15.
- Silveira, D. T. & Códova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In: Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (Orgs.). *Métodos de Pesquisa* (pp.31-42). Porto Alegre: Editora de UFRGS.
- Soares, L. E., Athayde, C. & Bill, M. V. (2005). *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Tavares, B. (2010). Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. *Sociedade e Estado*, 25(2), 309-327. doi: 10.1590/S0102-69922010000200008
- Vala, J. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Análise Social*, XXXII (1), 7-31.
- Welzer-Lang, D. (2004). Os homens e masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: Schpun, M. R. (Org.). *Masculinidades* (pp.107-128). São Paulo: Boitempo.

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro semiestruturado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAFICH- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Título do projeto: Usos e significados de tatuagens em corpos masculinos jovens: um estudo exploratório.

Aluna: Fernanda de Paula Carvalho

Orientador: Prof. Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Roteiro da entrevista

1. Identificação

- a). Nome
- b). Idade
- c). Estado civil
- d). Local de moradia
- e). Orientação religiosa

2. Tatuagens

- a) De qual tatuagem você mais gosta? Por que? Qual foi a primeira, e a última?
- b) Há quanto tempo fez a tatuagem.
- c) Como escolheu a tatuagem. Como foi o processo de escolha da imagem.
- d) Como foi o processo:
 - Quanto tempo durou esse processo.
 - Qual local você procurou para fazer a tatuagem (estúdio, amigo, outro?)
- e) Já viu alguém com a tatuagem parecida com a sua.
- f) Se tinha pensado em fazer outra tatuagem.
- g) Em algum momento, achou que não deveria ter feito tatuagem, ou não ter feito essa tatuagem em específico?
- h) Sofreu preconceito por causa da tatuagem?

3. Corpo

- a) Por que você resolveu fazer nessa parte do corpo.
- b) Tem pessoas que fazem tatuagem no corpo inteiro, tem algum lugar que você não faria? Por que?
- c) Você acha que tem diferença de tatuagem para homem e para mulher? Por que? Você acha que foi sempre assim?
- d) Você acha que tem diferença de homem tatuado e mulher tatuada? Para você qual a diferença? E para as outras pessoas? Você acha que foi sempre assim?


4. Identidade


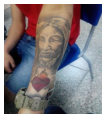


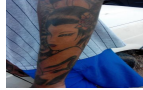





- a) O que as pessoas que você conhece falaram na época (família/amigos/namorado(a)).

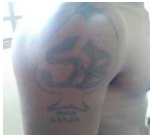










- b) E hoje? Falam a mesma coisa?
- 5. E as outras tatuagens? Tem algo que você queira falar sobre elas?










Apêndice B







Grade Significados atribuídos/categorias


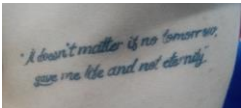






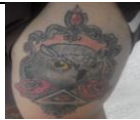


ORGANIZAÇÃO - ANÁLISE			
	TATUAGENS	SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS	CATEGORIAS
1		<p>"Eu ia fazer do grupo, aí eu falei, ah, não vou fazer do grupo não. Eles tinham o nome do grupo..."</p> <p>"Essa aqui é quando eu estava no grupo de pagode ali dos caras. O SOS Brasil ali de Santa Luzia. Costumei passar a noite de casas de show de pagode"</p>	Com quem estou
2		<p>"E fiz essa do Galo. Mas essa do galo eu fiz assim, foi uma promessa. Justamente por causa de um jogo de 2013, aí já era pra mim ter feito há muito tempo, tanto que eu vou fechar o ano, eu pretendo fechar o ano com mais 5 tatuagens". "Do mesmo jeito que eu demonstrei e demonstro o amor que eu tenho pelos meus filhos, pelos meus pais, eu tenho pelo galo também. Eu costumei falar que primeiramente vem Deus, meus filhos e o galo e o resto vem tudo depois."</p>	Com quem estou
3		<p>"O Golden Era escrito no meio. O Golden Era representa a era de ouro do rap, quando surgiu os melhores MC's do rap dos anos 85 a 90, lá nos EUA, que vem acompanhando...como eu danço já venho ouvindo de muito tempo. Só que nos anos 90 também surgiram melhores MC's de rap de BH, surgiu também no Brasil inteiro, então eu já ouvi...a primeira música que eu ouvi foram os racionais, que foi lá, o "Diário de um detento" (...). Então toda vez que eu ouvia eu lembrava da época do Golden era, o "homem na estrada" foi a primeira mesmo que eu ouvi."</p> <p>"Os dois revólveres pra baixo surgiu depois uma poesia que eu ouvi, se eu não me engano do Marcelo "Gugu" (...) quando ele disse assim: "Se eu tiver que usar um revólver, que ele atire flores"... aí surgiu a ideia de colocar os dois revólveres pra baixo, porque quando o revólver está para baixo você não atira, ninguém atira com ele pra baixo, então surgiu a ideia e assim foi indo...cada ideia foi surgindo de uma música, as vezes saía de uma música, saía de alguma poesia, de algum cantor assim... de outras coisas sem ser de rap."</p> <p>"Aí como o Golden Era já tava direto na canela, assim bem reto, eu já olhei e pensei nó ia encaixar certinho e ia ficar bom até mesmo na hora de dançar porque eu abaixava e simbolizava que, igual mesmo os cara do exército tem revólver assim na canela, e tudo, então, representando isso tudo eu deixei na canela."</p> <p>"Então, essa minha "Golden era" ela surgiu primeiro que os dois revólveres, quando eu fui ver esses caras que representavam a muito tempo, na época assim, Sabotage, Racionais eu fui vendo, fui ouvindo as coisas aí surgiu a minha ideia de colocar o Golden Era. Aí depois os dois revólveres veio em seguida, depois que eu fui conhecendo outros caras, o Marcelo Gugu por exemplo, aí eu fui e coloquei."</p> <p>"Então...essa minha ideia primeiro eu pensei em fazer na cintura, eram os dois revólveres na cintura, mas era mais por causa da dança mesmo, quando eu pegava assim e ia dançar a gente sempre simbolizada que tava tirando da cintura os revólveres. Aí só que depois que eu vi que eu fiz o Golden Era na canela eu falei olha seria legal se colocasse os dois assim."</p>	Com quem estou
4		Essas duas são do grupo de dança que eu participava.	Com quem estou
5		Essas duas são do grupo de dança que eu participava.	Com quem estou
6		Eu tirei da bíblia. É frase bíblica né, eu tava lendo a bíblia aí eu gostei da frase Livrai-me de todo mal, aí é uma frase conhecida, todo mundo conhece, aí eu fui lá e fiz. Aí eu fiz na intenção de fazer umas estrelas porque mais pra frente eu ia fazer aqui nos braço também. "	Com quem estou

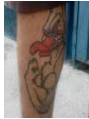

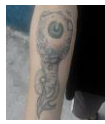
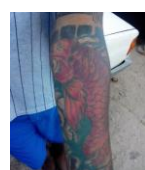





7		<p>"é, mas só isso de salão. Ai depois eu vou fazer um pentinho de dedo que você desembaraça, aí eu vou fazer assim. Só isso assim, e depois eu faço isso aqui assim, essas barras aí você faz aqui pra tipo fechar tudo, aí fica só o desenho."</p> <p>"Juntos, eles eram juntos, tava tudo tipo no mesmo desenho. Já tava junto aí eu peguei e fui lá e fiz eles todos. Aí eu fiz tipo por causa da minha profissão, eu corto cabelo. Aí mais pra cá eu vou fazer um borrifador, um espanador de limpar, um secador."</p>	Com quem estou
8		Essa imagem aqui é o Sagrado coração de Jesus. Aí esse fundo são as nuvens né que eu pensei pra fechar. Essa parte que mais doeu.	Com quem estou
9		Oração né. É. Por esse motivo, oração.	Com quem estou
10		Aquela época que você acha que você é único na vida.	Como me vejo
11		"Meu ano de nascimento. "Foi uma sessão só que eu fiz, 6 horas, porque estava faltando agulha tudo, só tinha agulha de 9 e pra poder colorir não dava porque tinha que ser no mínimo uma de 15 então, a gente teve que usar a de 9 mesmo, fiquei 6 horas lá sentindo uma dor insuportável. "	Como me vejo
12		"A Gueixa significa guerreira. Tipo aquelas mulheres da China que usam aqueles coquinhos e leque. Aí foi isso aí, ele fez isso aqui."	Como me vejo
13		" "O Samurai é tipo uma gueixa né, guerreiro. O samurai guerreiro tipo de guerra, porque esse aqui é um samurai, aqui ele está tipo vestido de capa, tipo uma capa, um escudo, a espada aqui, assim aí é mais um guerreiro também." "Tipo assim desde pequeno sim, porque eu sempre corri atrás, sempre fiz por onde, nunca fui de mexer com isso, droga, coisa errada, aí eu."	Como me vejo
14		<p>Meu nascimento, 15/04/98. Eu fiz ela depois. EU fiz essa aqui e passou uns dois, três dias eu fui lá e fiz essa aqui. "Eu ia fazer da minha mãe, aí eu fiquei meio sem graça da minha mãe não gostar, aí eu fiz a minha</p> <p>Ah porque eu via todo mundo fazendo nos dedos. 15/04 aí fazia a data. Só que nos meus dedos não dava aí eu falei, ah vou fazer no pescoço. É diferente, ninguém fez. Aí depois que eu fiz eu vi uns meninos aparecendo ali.</p>	Como me vejo
15		Essa é que já foi colocada a questão mais de falar, tá ligado? Eu tipo, eu falo tipo assim antigamente eu falava sem trava, tá ligado? Em disparada. Eu falava sem pensar, tá ligado? Daí tipo assim, daí já saiu essa tá ligado? Mas agora, mas hoje nem sou assim mais não. Já pensou antes de tacar pra fora. Mas então você fala da metralhadora nesse sentido de ser disparado? Isso, disparado, sem pensar descarregar tudo, tá ligado? Eu falo nessa questão.	Como me vejo
16		Tipo aqui é dia 13, tipo sexta feita 13 mesmo, tipo questão de dia pesado, tá ligado? Questão de dia pesado, aí coloquei isso de sexta feira 13. E o século XX veio logo da minha idade, tá ligado? Minha idade de 1997, já pega o século XX ali já, onde tudo começou. Da onde eu comecei ao mundo.	Como me vejo
17		<p>"Aí eu lembrei do meu sobrinho que chamava Arthur Gabriel, que faleceu. Aí eu fui e coloquei o Arthur e não coloquei o Gabriel não."</p> <p>"Ah, a gente tem que...a família a gente nunca pode deixar de lado. Querendo ou não..."</p>	De onde venho

18		<p>"Querida, e ela não gostava muito, e pra não ter motivo pra brigar eu fiz a tatuagem com o nome dela". (...) e também uma homenagem para ela".</p> <p>"Essa imagem foi aleatória, ficou parecendo um "as de espada" mas pra mim não tem significado não, só um desenho normal que tava na frente e ele fez."</p> <p>"Nina é o apelido da minha mãe e Luiza é o nome da minha sobrinha que veio</p> <p>"Eu estava com 18 anos quando fiz essa aqui, é a primeira tatuagem e pra minha mãe não brigar comigo eu coloquei as iniciais do nome dela"</p>	De onde venho
19		É, eu fiz o nome do meu pai e da minha mãe "Julio"	De onde venho
20		O nome do meu pai e da minha mãe não. É só por causa do meu pai e da minha mãe mesmo. Da minha mãe não ficou tanto assim, mas ficou feio ainda. E a do meu pai que ficou mais feio ainda. Uma homenagem assim.	De onde venho
21		<p>"Não, eu tive essa ideia depois que a minha filha nasceu. Ai eu falei, vou fazer uma, na época eu até pensava que não ia ter mais filho, que não ia mais fazer filho nem nada, ai eu pensei, eu vou fazer. Ai tanto que eu fiz ela grande nas costas, pra ficar bonito. Ai eu peguei e fiz, justamente pra isso, pra eu não ia ter mais filho, ah vou fazer uma tatuagem grande pra eu mostrar pra ela no futuro. Uma forma também de mostrar o tanto que a gente...que eu amo ela."</p> <p>"Eu tava com 19. Eu fiz ela quando minha filha nasceu, ai eu peguei e fiz".</p>	De onde venho
22		"Porque meu príncipe, meu rei né... a gente costuma fazer. Só não coloquei no nome da minha filha também porque eu não pensei, tanto que até a minha filha cobrou. Por que que no nome do Pietro tem uma coroa e na minha não? Ai eu tenho que falar, a coroa é pra vocês dois, meu rei e minha rainha. E tem que ficar falando com ela..."	De onde venho
23		"A do peito ela não tem nome, ela é tipo um anjo segurando, protegendo o coração. As asas do anjo, aparece só as asas, o braço, um coração são duas flechas atravessando o coração e a coroa. Ai, esse anjo que tá protegendo é o meu anjo da guarda que tá me protegendo. As duas setas, as duas flechas significam as minhas duas filhas, a coroa em cima do coração que é minha mãe, e o coração mesmo que é o meu. Onde estão as minhas filhas e minha coroa."	De onde venho
24		"Foi a do nome da minha filha...depois de 3 meses que ela nasceu eu fiz o nome dela nas costas.	De onde venho
25		Pensava, mas não pensava assim em outros nomes assim, outras coisas só o nome da minha mãe mesmo"	De onde venho
26		"Eu já fui na cabeça pra fazer uma família, mas só que mais pequenininho e a coroinha. Ai o cara foi lá colou o papel e eu falei pode ser desse tamanho, ai depois que fez eu comecei a falar nossa, arrependi, essa aqui eu arrependi.	De onde venho
27		"Rosana e Maria é uma só, mas no mesmo dia eu fiz o diamante, mas separado. Rosana e Maria é minha mãe e minha avó. A o diamante eu já tinha intenção de fazer no braço, ai não tinha espaço ai eu fiz aqui." Não sei não, mas quando eu fiz eu fiz porque eu via o diamante nos outros e achava legal e fiz."	De onde venho
28		Tem, a da minha mãe. Essa aqui que eu fiz pra ela. É só isso aqui mesmo: Mãe, amor eterno. Minha mãe faleceu a pouco tempo agora, em julho. Mas eu tenho vontade de fazer outra tatuagem, de fazer o rosto dela aqui todo nas costas aqui óh.	De onde venho

29		Pensei, cheguei lá já querendo fazer em letra japonesa mãe é amor, aí fui e fiz.	De onde venho
30		Luciana é o nome da minha mãe. Ah, homenagem assim. E também primeira tatuagem pra ela deixar. E deu vontade de fazer. Ela foi comigo.	De onde venho
31		Tive, ele...é porque eu não tive contato muito com o pai, aí eu morava com o meu avô, e ele foi como um pai, entendeu? E eu homenageei com essa tatuagem. "Quando eu fiz ele já tinha falecido. Ele faleceu em 2013, e eu fiz esse ano...esse ano ou ano passado. Quando eu fiz essa tatuagem eu ia fazer escrito vô, duas asinhas e duas aureolas assim. Mas aí eu achei que não ia combinar, aí eu fiquei com essa tatuagem pra fazer. Aí eu fiquei pensando lá com ele e veio a ideia.	De onde venho
32		"porque ninguém entende...Tipo o modo de pensar, de agir. É, ninguém me entende."	Onde estou
33		É que eu tava namorando uma menina, eu tinha 17 anos também (risos altos). Ai, ah, tava rolando um drama. Aí eu fui e tatuei isso. - É... só que eu não pensei nisso não, pensei só na menina (risos) ...no momento. "Da música do Oriente com Haikaiss e Cartel, na época eu curtia. O nome da música é "Quais são as suas intenções", aí...Não. O Oriente é do Rio. Quem fala essa frase é o "chino" do Oriente, ele fala assim: (pausa) esqueci a frase, só sei que ele fala não sei que lá, tático no mundo dramático, gangster original gosta de dinheiro e não de status, ele fala isso"	Onde estou
34		"Uma espada que eu tenho nas costas". - É, grande e errada. Tá torta, foi com uma máquina caseira. "Na época eu pesquisei o significado, e significava paz. Só que hoje eu penso que não faz sentido uma espada significar paz. Não, eu falo que é paz. Porque na época. Mas hoje pra mim não significa paz não."	Onde estou
35		Essa aqui eu fiz só por causa da cirurgia que eu fiz quando eu tinha 2 anos de idade eu sofri traumatismo craniano, aí eu gosto de cortar...deixar aqui em cima alto e passar a máquina do lado, aí fica parecendo caminho de rato aqui ôh, e toda vez que eu cortava o cabelo dava raiva. Aí eu falei, nó vou tatuar alguma coisa aqui só pra tampar. Só que acabou que aqui é carne morta, aí eu não senti dor, eu tava achando da hora tatuar, porque eu não senti dor, mas também a tinta não pega não. "Pensei em equilíbrio mental".	Onde estou
36		"Ela criou o desenho, só que não tinha escrito isso aqui não. Aí eu já tava pensando em tatuar Underground, que é fora do sistema. Aí eu fui peguei e vi a aba do boné que tava em branco". "Eu já estava pensando em tatuar uma caveira, então uma caveira diferente porque na época todo mundo estava fazendo a caveira mexicana, né?"	Onde estou
37		"Eu já encontrei vários significados, eles falam que é o... como que chama? ...o símbolo do bem e o mal, dentro de todo mal tem um pouco de bem e dentro do bem tem um pouco de mal. Outros significados também que outras pessoas falam também pra mim também, só que pra mim eu nem ligo não." "Não, só depois de muito tempo eu fui pesquisa, mesmo assim...foi na escola, a professora de história que pegou e perguntou pra mim se eu sabia o que que era e foi aí que ela ficou me falando."	Onde estou




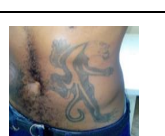


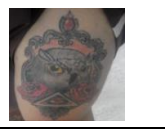

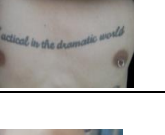



38		<p>"Isso, tocar de cumprimentar mesmo. Ah! Pegava na mão do outro assim, sempre rolava isso..."</p> <p>"Então, foi uma coisa bem legal, eu estava em casa só ouvindo os outros falando que toda vez quando a gente ia tocar nas mãos deles, mesmo com a mão machucada a gente deveria tocar com a mão direita, porque a direita sempre é a verdadeira e tocando com a esquerda dava um sinal de falsidade e tudo. Ai só que essas mesmas pessoas que falavam isso de amor, falava de falsidade e falava dessas coisas era as pessoas que mais plantava ódio, que mais falava as coisas. Então resolvi tatuar o ódio na mão direita pra mostrar que o ódio é mais real do que o amor."</p>	Onde estou
39		<p>Tipo assim na época que eu fiz todo mundo fazia assim? Deus, nos dedos. Ai, quatro letras, quadro dedos certinho, aí eu fiz. Eu sou evangélico.</p>	Onde estou
40		<p>"Vencer ou vender é normal, tipo vencer ou vender. E o trevo é sorte né. Eles falam que trevo é sorte né, aí eu fui lá e quis assim. Eu perguntei ele, eu falei vencer ou vender, tinha umas lá tipo vencer ou perder, aí eu falei não, pode ser essa vencer ou vender e o trevo de 4 folhas que é sorte. Ai ele falou vai ficar bacana, porque vencer ou vender e o trevo da sorte, aí combinou, ele falou."</p> <p>"Ganhava o dinheiro cortando cabelo e ia fazer a tatuagem... Essa época eu já cortava cabelo, eu já esperava. Eu tenho um salão ali na rua do" . . . "Aí eu fiz, ele perguntou e falou que tinha tudo a ver mesmo. Um trevo e vencer ou vender, o trevo é sorte que eles falam. Aí eu escolhi aqui, aí já foi mais dolorido, mais pra cá assim já foi mais dolorido"</p>	Onde estou
41		<p>Só essa aqui que eu sabia né. O cifrão que significa dinheiro né. Só essa aqui que eu já sabia. Única que eu tinha interesse, fui lá e pesquisei e aí veio o significado do cifrão de dinheiro, não sei o que, significa dinheiro.</p>	Onde estou
42		<p>"Isso, eu pensei antes tipo assim o traçado mesmo da tatuagem, tipo assim, o rato por ele ser morto, eu coloquei tipo assim, tipo um sentido para tatuagem. Que tipo assim eu fazer e não sei E não ser só feito, tá ligado? E ter sentido um porque, aí eu fiz um rato morto em questão do sistema. Tá ligado? Tipo um rato de laboratório, mas tipo assim pra não seguir o sistema eu tenho que morrer para pra não continuar no sistema, ser usado pelo sistema. Aí a tatuagem saiu meio que disso, tá ligado? O rato morto não serve mais pra nada pro sistema, tipo um rato de laboratório mesmo uma cobaia"</p> <p>Já, já tinha o desenho. Saiu de um boné bem antigo que eu tinha, aí eu guardei o desenho do boné e acabei fazendo a tatuagem depois de um tempo. "Espaço não, eu tava entrando no grupo mafiosos com os meninos até com o Kold, com o Raree também. Aí meio que eu comecei andar com os meninos aí a gente meio que que tinha essa conversa sobre antissistema, essas paradas, aí acabou que tava se empenhando nesse assunto e quando eu fui ver eu já estava dentro desse assunto, tá ligado? Mesmo sem eu querer eu já era esse assunto, eu percebia no grupo que eu convivo, as coisas que eu vivo, aí acabou que eu que eu vi e falei assim é isso que eu estou vivendo. Mesmo não querendo, aí acabou tipo assim ligando tudo e acabou saindo."</p>	Onde estou
43		<p>"O marginal de coração, mas é porque eu ser tipo, tipo marginal, a questão de que ou quem vive a beira da sociedade. Foi daí que eu tirei também, tá ligado? Foi um pouquinho da questão da tatuagem também, tá ligado? De antissistema e eu se impõe como marginal por não viver na mesma base que a maioria do social vive. Aí eu já coloquei isso aí, já tipo de coração. Tá ligado? E não de físico. Tipo assim, igual eles acham que marginal é quem pixa, quem rouba, negócio assim. Marginal é tipo assim, mesmo uma coisa fora do padrão mesmo. Aí eu já coloquei, tipo assim, o sentido de tudo o que eu vivo, o que rola em mim, tá ligado? Aí entra a favela. Tipo arma, tipo a minha sorte dependendo de onde eu passo, vai saber o que que rola, tá ligado? Tem vez que eu fugi de morte, tem vez que eu pode acontecer alguma coisa comigo e eu conseguir escapar, sem eu saber, Tá ligado? Tipo assim, acontece muita coisa na favela, aí eu coloquei isso também, proteção, tipo a bomba tipo eu na questão de explodir, tá ligado? A questão de raiva, tipo, tipo você aguenta se segurar mais, aí eu coloquei como isso, tá ligado? Aí era meio, tipo, tipo multiuso. "</p> <p>"Não, é foi um aí o coração, e a arma que eu comecei, aí depois eu coloquei o trevo, aí depois eu fui coloquei a bomba. Atar você foi colocando uma imagem atrás da outra."</p>	Onde estou

44		Essa eu quis falar do bem e mal, tá ligado? Eles são um só, não tem como. Ai é essa questão. Essa aqui eu só escolhi o Yin Yang, ai o colega meu lá, o colega nosso, falou assim, não quer que eu desmonte ele não? Mostrando ele tipo desencaixando? Ai eu falei assim, pode ser. Mas eu tava com a ideia só do 13.	Onde estou
45		Ah, eu queria tipo assim: se não houver o amanhã... como se fosse que eu tivesse que aproveitar todos os dias como se não houvesse o amanhã, entendeu? Bom eu já queria fazer uma tatuagem na costela porque era um pouco de moda na época, todo mundo fazia. E a frase porque eu gostei, achei a frase e gostei dela. É do Bob Marley.	Onde estou
46		É tirado de uma música do MC... Bairro Andiroba JR.É, eu tirei algumas coisas porque ele falava de nós, e nessa vida é muito difícil você ter um amigo do lado, e eu acredito mais que meu primeiro amigo é deus e o segundo o melhor é eu. Essa música já é antiga já. Ai eu ia fazer uma tatuagem e decidi fazer uma frase que marcou minha vida mesmo, ai eu lembrei muito dessa e resolvi fazer. Tem muito a ver com o que eu estou vivendo agora também. A cruz foi mais uma ideia pra tampar mesmo. Pensei na cruz porque eu já tinha vontade de fazer uma tatuagem, tem uma Santa aqui Maria Mãe dos homens, eu ia fazer aqui na perna. Mas acabou que eu tava meio com medo, ai resolvi fazer essa aqui. Com medo porque eu jogo bola e não pode esbarrar.	Onde estou
47		"Ah, tipo assim, quando eu fiz eu nem perguntei ele não, eu só vi lá e gostei e fiz. Mas ele falou que significa tipo um relógio, tipo em algarismos romanos os números certinhos. Ai no mesmo dia ele fez essa." Eu fui na intenção de fazer uma rosa, uma rosa grande. Ai chegou lá ele foi passando as fotos, ai eu falei, deixa eu ver essa. Ele voltou, eu vi, eu falei deixa eu ver, ai ele imprimiu a imagem e colocou na minha mão, ai eu gostei e falei eu quero essa. Ai ele foi lá e fez.	Estética
48		"Love. Porque na mesma que ele tirou essa, da mão, a imagem tinha escrito isso assim também. Só que lá era um "o", ai eu quis fazer um coração. Tipo que dá na mesma né. Ai eu quis fazer um coração. Ai ele até brincou comigo, você está apaixonado? Ai eu falei, não zé, é porque fica legal. Ai ele pegou foi lá e fez tudo no mesmo dia.	Estética
49		"(...) a gente tipo nunca foi muito de pensar, planejar, foi de chegar e fazer, mesmo se tivesse ficado feio ia ficar isso mesmo." "Ai o puma do lado esquerdo eu tava à toa também, de novo com a maquininha, ai um mano meu tava lá, ai eu peguei e pedi ele pra começar a fazer. Ai ele começou e eu terminei. Ai o outro mano veio e mexeu também um pouco. E ficou assim"	Estética
50		"Nem significado, nada. Só escolhi e fiz". "Ah, eu tava tomando um jarro de caipirinha, tinha uma maqui de tatuagem e uma revista do meu lado. Ai eu escolhi e o menino fez. As outras três foram mais ou menos assim, foi tipo assim, eu escolho e fez."	Estética
51		"Nem significado, nada. Só escolhi e fiz".	Estética
52		"Não tem significado, gostei da imagem, mas era pra ficar mais bonito na pele" "Eu fiz escondido". "Eu falei com o cara que minha mãe tinha deixado, só que minha mãe não deixou não, na verdade ela nem ficou sabendo"	Estética
53		Nenhum. (risos altos) só pra ficar diferente mesmo. Pra não ser uma âncora normal.	Estética
54		"Não, tem significado não"	Estética

55		"Eu vi na internet, aí eu pensei, eu vou tatuar um pato diferente, não vou tatuar um pato comum não"	Estética
56		"Não tem significado, gostei da imagem, mas era pra ficar mais bonito na pele". ""ah, eu achei, eu falei, ah, vou colocar uma mão aqui. Aí eu vi essa mão, achei diferente e falei vou colocar ela. Eu gostei da cor dela. Só que a cor dela era um verdão que eu vi, e tinha isso aqui tudo. Só que não tinha essa parte daqui, essas sombras que tá meio branco. Tá vendo? Onde está branco?"	Estética
57		"É só uma tatuagem". "É porque eu comecei a trabalhar lá, e o menino me falou que ia me dar o fechamento de braço. Aí eu comecei a olhar as apostilas dele, ele é cheio de apostilas lá de desenho. Aí eu falei, vou olhar um desenho diferente, aí eu achei essa, que eu achei diferente."	Estética
58		Não, a carpa eu não sabia. Mas essa aqui eu sabia, que a Gueixa era uma guerreira. Mas a carpa eu não sabia não, ele só me mostrou lá e perguntou você quer essa? Aí eu gostei e falei pode ser essa. Aí ele mediu, cabeu no meu braço pertinho aí ele fez. "- Não, tipo porque na época que eu fiz também todo mundo fazia era tipo um samurai e uma carpa, ou senão era uma carpa e uma gueixa, ou uma gueixa e um samurai, era sempre assim. Eu que quis escolher assim e fiz assim"	Estética
59		"Não, quando eu fiz eu nem sabia, não tinha nenhuma noção assim de nada não, mas aí eu fiz. Aí eu vi lá, gostei, e fui lá e fiz. "é, eu já queria uma flor tipo essa. Aí na época ele não sabia muito e ficou assim e fez essa.". "As cores foi ele mesmo que pôs, que a flor era mesmo assim meio sombreado de verde, vermelha, amarela. Os traços pretos normal, foi ele. Aí essa aqui ele também fez no mesmo dia."	Estética
60		Ah eu não sabia o que que era não, aí depois que eu fiz que eu vi lá que o significado de duas lágrimas era tipo de palhaço. "- Tipo quando o palhaço chora, tipo tem até duas mascaras que falam: Chora agora e ri depois, aí uma rindo e outra chorando e duas lagriminhas. Eu não sabia aí fui lá e fiz e depois que eu fui ver.	Estética
61		Aí essa aqui tem tipo muito tempo que eu fiz, só que essa aqui eu não penso nem em terminar não porque aqui dói. "É tipo que eu vi essa também numa imagem. É uma asa, um diamante, aqui embaixo tipo umas nuvens e aqui embaixo era uns escritos. Eu vou terminar, mais pra frente. Aí aqui era os escritos, uma nuvens e os escritos assim.	Estética
62		O Kold já tinha desenhado esse desenho, eu já tinha visto e ele ficou até a fim de fazer em mim mesmo, aí foi tipo assim meio sem nexo mesmo, porque eu queria o desenho. Aí tipo assim, o sentido que eu coloco nela é do Trago da morte, tipo o gole da morte, tá ligado? Mas ela é meio que sem sentido mesmo. Essa aqui foi mais porque eu quis, tipo ela não teve um sentido pra eu colocar ela aqui não. Eu dou sentido antes de colocar a tatuagem, mas aí eu fui e coloquei, aí tipo assim eu pensei o que resulta pra mim, tipo um trago, um gole pra morte	Estética
63		Foi à toa. Eu via essa frase na xicara e quis fazer ela.	Estética


Apêndice C

Análise objetiva

Análise IMAGENS					
	FOTO	IDADE	CORES	POSIÇÃO NO CORPO	FORMA
1		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
2		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
3		28	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
4		28	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
5		28	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
6		28	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
7		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
8		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
9		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
10		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
11		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
12		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA

13		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
14		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
15		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	DESENHO
16		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
17		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
18		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
19		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
20		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
21		27	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
22		27	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
23		27	POLICROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
24		27	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
25		24	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO

26		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
27		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO E GRAFIA
28		24	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
29		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
30		24	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
31		24	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
32		24	MONOCROMÁTICA	TRONCO	NUMEROS
33		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
34		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
35		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
36		19	POLICROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
37		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
38		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
39		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA

40		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
41		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
42		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	GRAFIA
43		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	DESENHO
44		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	GRAFIA/DESENHO
45		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	GRAFIA
46		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	NÚMEROS
47		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
48		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	DESENHO
49		19	MONOCROMÁTICA	CABEÇA	GRAFIA E DESENHO
50		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA E DESENHO
51		19	MONOCROMÁTICA	TRONCO	DESENHO
52		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	NUMEROS
53		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO
54		19	MONOCROMÁTICA	MEMBROS INFERIORES	DESENHO

55		25	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
56		25	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
57		25	POLICROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA E DESENHO
58		18	POLICROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
59		18	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	DESENHO
60		18	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	GRAFIA
61		18	MONOCROMÁTICA	MEMBROS SUPERIORES	NUMEROS
62		18	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA
63		18	MONOCROMÁTICA	TRONCO	GRAFIA

Apêndice D

Percepção do outro

PERCEPÇÃO DO OUTRO SOBRE SUA TATUAGEM
“Ninguém falou nada não, minha avó falou nada não.”
“ Antes você ia fazer uma tatuagem você ouvia da sua família toda, conselho de todo mundo porque você ia virar puto, ia virar um traficante ou fazer uma coisa errada. Hoje não, hoje você faz a tatuagem e chega e bonito, uma coisa normal.” “Hoje tem mais é mais disfarçado (preconceito). Hoje a pessoa sabe não dizer o que ela pensa de uma vez, disfarça melhor. Porque o preconceito ele existe né, infelizmente, não só por causa da tatuagem”.
“Todos (os amigos) tem da mesma maneira, na mesma máquina”.
“Na época eles (pais) era contrários.”
Eu mostrei pra minha mãe, minha mãe gostou, mas só que não gostou ao mesmo tempo porque eu era de menor, e eu mostrei pra ela no dia que eu fiz. E pro meu pai, ele não falou nada não, mas acho que ele não gostou não.
“Não tatuo mais não, mais por respeito ao meu pai e minha mãe mesmo. Quando eu tiver morando sozinho, essas coisas, e tiver um trabalho bom, fixo, aí eu vou pensar ainda... Mas assim, não vai ser evidente, vai ser uma coisa pra encaixar aqui. Sem ser uma coisa escrota, fazer uma coisa pra fazer mais sentido.”
“Tem essa no braço, essa que depois, sei lá, o desenho ficou legal, mas por causa desse rabo aqui muita gente já olha e vê de outro jeito. Essa mão... (...) a caveira...”
“Eu acho que não. Depende né. Porque eu não vou tatuar um coração no dedo igual as meninas direto tá tatuando, o que tá tendo mais no estúdio esses dias é mulher querendo tatuar o coração no dedo, essas coisas... tatuagem feminina né...tatua a flor, por exemplo.
“o olho, as bolhas em volta do olho e o rabo puxando. Só que tem gente que olha o rabo e fala que é só demônio. Só que não tem nada a ver pra mim.”
“Ela fica falando pra mãe dela, ou pros colegas dela, meu pai tem uma tatuagem com o meu nome nas costas, é o meu nome. E as vezes quando ela está comigo diz ela que fica lendo o nome dela, com um nome só ela fica lendo o nome dela todo.”
“A única tatuagem minha que é mais exposta assim é só a da perna” “Dependendo do desenho, até mesmo hoje em dia, os que tem nome no braço infelizmente tem gente que não vê com bons olhos, entendeu? Acha que só porque tem tatuagem no braço, na perna, dependendo dos desenhos ou até mesmo se é o nome já acha que é vagabundo, que mexe com droga, esses negócios. Eu não tenho preconceito não, mas as pessoas vê a gente com outros olhos. Eu tenho essa na perna, as pessoas já olham pra mim e olha que ela nem é tão visível assim, de longe. Ai as pessoas já olham pra mim com olhos mais estranhos, tipo aquele menino ali é, como que eu posso falar assim, ele é de torcida, ele faz isso, é vândalo, é aquilo. Então já pensam isso, entendeu?”

“Ah, depende, em relação a polícia mesmo eles não implicam muito com a mulher tatuada não, com homem tatuado eles implicam, sempre foi assim, porque muitas vezes uns já tem tatuagem vindo da cadeia, aí eles já vem a tatuagem e procuram um palhaço, como referência assim dos matadores de polícia né, como eles dizem. Então eles já vai de referência esse, aí qualquer tatuagem que eles veem eles pegam e olham, param aí depois eles veem que não é e sai andando. Agora mulher, polícia não para, mas as outras pessoas julgam bastante. Dependendo da tatuagem que fizer, inclusive se a mulher faz na cintura uma tatuagem as pessoas já olham assim e começam a falar: é puta, porque tem uma tatuagem que antigamente era muito assim. Hoje em dia eu já não presto muita atenção assim não, mas talvez seja a mesma coisa, talvez não tenha mudado.”

“Ah, os meus camaradas mesmo que cresceram comigo quando eles viram surgindo um eles achou legal, quando surgiu outro achou legal, aí quando viu assim que já tava um bocado aí começou a falar que eu tava parecendo um livro já...que isso..

Ai família, família falava: deixa de ser feio, para com isso de tatuagem, já tá bom sô, seu corpo já tá todo cheio de tatuagem, não precisa de mais. Ai eu sempre falo, ainda tem espaço, tem bastante página aqui, se eu sou um livro tem bastante página em branco ainda... aí dá pra fazer...sempre assim.”

“É o mesmo julgamento, se eu falar que vou fazer outra, aí começa o mesmo julgamento, se eu não falar nada, só chegar com a tatuagem todo mundo só olha, aí já não reclama, não fala nada...Mas se eu perguntar alguma coisa vem a mesma história de novo. “

“Eu não arrependi assim no começo não, mas depois eu arrependi porque toda vez ficar sendo parado, toda vez os policiais olhando assim, você ia no lugar todo mundo te olhando achando que você era bandido por causa dos revólveres na canela. Ai depois eu fui acostumando, fui vendo que ia ser assim de qualquer jeito, se eu tirasse a blusa iam ver as outras tatuagens e iam me julgar de todo jeito, então...”

“Os mais antigos, essas pessoas mais antigas assim olham pra tatuagem como algo ruim, então já sempre fala, tatuagem não é de Deus não...você tá mexendo no seu corpo, daqui a pouco você já vai estar parecendo um gíbi, sempre ficava falando, mas não implicava tanto assim com o revólver não, mas implicaram mais com todas assim que ia surgindo uma atrás da outra. E essa você fez em algum estúdio específico também? Ou foi na mesma moça? Foi na mesma mulher, lá em Contagem mesmo. (Silêncio). Então...”

“Já, inclusive essa minha da canela que tem os 2 revólveres pra baixo, eu andando na rua o policial me parou, veio com o tom agressivo, perguntando o porquê? O que era esse revólver na minha canela e quando eles ouviram que eu tinha uma resposta, um argumento pra eles, pra tudo que eles perguntavam, aí eles ficou sem graça, parou de perguntar e foi embora.”

“É, Tipo assim, muito por causa de todas, chama muito atenção. Como polícia, Tipo assim é o serviço deles, é o trabalho deles, eles veem, quer pular né, fala, revista, aí pergunta o que você é. Não sabem né, depois você explica: Não, sou trabalhador, trabalho ali, vai explicando pra eles e acabam liberando. Mas veem no cê, tipo assim, acham que você é bandido, tipo vê sua aparência e fala: esse aqui mexe com coisa errada. Vê o cabelo loiro, chama muito atenção, aí eles vem, aí depois que você explica pra ele, eu sou trabalhador, não faço nada de errado, aí eles vão lá e liberam, tá tranquilo. Você para pra pensar de onde vêm esse preconceito deles? Ou das outras pessoas? - Pra mim é porque tipo no tráfico de drogas assim tem muitas pessoas que pintam o cabelo de loiro, é cheio de tatuagem, aí vamos supor, ele vê ali que a pessoa é daquele jeito aí quando eles veem as pessoas na rua você é mesma coisa que aquele, porque você está do mesmo jeito, todo tatuado com cabelo loiro né. “

“Aí eles falam, pulei num ali e o cara tava igual a você, não sei o que, não vou adivinhar que você é trabalhador não ué, mas eu tô fazendo o meu serviço, aí eu falo, não beleza, eu te entendo, mas pode puxar aí o meu nome, eu dou meu nome eles puxam, aí eu falo, não, não, beleza, aí eles falam, tem nada não, tem antecedente criminal nenhum aí libera e deixa você ir embora. “

Só quando eu fiz no rosto que ela começou a falar, nossa, filho pra que que você fez na cara? Marcou sua vida, marcou o seu rosto.

Tipo assim teve entre as pessoas que eu convivo que curte as mesmas coisas ou praticamente as mesmas coisas que eu curto, foi até de boa. Tem uns tem uns que gostaram, tem outros que perguntaram porquê? Sobre o sentido que eu coloquei ela, que eu até já te expliquei já. E tem que ficou assim estranhadasso isso sem saber porque. Tá ligado? Porque quem não me conhece né...

É mais é jogador né, você vê mais é jogador.

Você consegue entender o que pode ter feito esse boom da tatuagem?

Eu acho que significa muito da profissão, porque na profissão de jogador, de cabeleireiro eles não importa tanto assim com tatuagem. Aí eles já têm a profissão deles, já vive daquilo. Eles dependem daquilo, do futebol pra viver, e eu tipo dependo de cortar cabelo pra me manter. Aí vai da profissão da pessoa. Agora pode ver que quem trabalha fichado nunca tem, porque hoje em dia se você chegar numa entrevista de emprego pra pegar você assim tatuado é só nessas lojas de shopping assim: Marvile, Pavilhão, só nessas lojas assim. Porque lá você vê os moços cabeludos, tatuadão, lá eles exigem não, lá eles gostam mais desse povo que chama atenção pra trabalhar lá. Aí eu acho que tatuagens pra eles é mais da profissão mesmo.

E você acha que pra outras profissões existe um preconceito maior?

- Tem, porque tatuagem eles é muito rígido com tatuagem. Se você for fazer uma entrevista de emprego, se você tem uma tatuagem no pescoço se eles veem eles já ficam meio cismado. Porque vão que você vai trabalhar no comércio com uma tatuagem no pescoço chama atenção, aí os outros vai lá, olha o cara ali no balcão atendendo com a tatuagem aqui oh.

Tipo a mesma associação que a polícia faz?

- É, tipo a mesma coisa. Quase a mesma coisa, tipo tem muita pessoa que vê a gente tipo normal, mas tem muitas que fala, nossa ele é doido, nó fez muita tatuagem, mas pra gente é normal isso, a pessoa tem que gostar e acostumar.

Pelo que o povo não conhecer o que é marginal em si mesmo, já está esse desconforto. Da pessoa não saber o que que é, por isso que eu não se expõe muito, por causa disso. Mas tem pessoas que me conhecem, que já sabe, já até sabe o significado. Mesmo sem eu perguntar, tá ligado? Ele gosta, mas hoje em dia é pouco. E questão de primeira imagem também, do povo ver a primeira vez já fala assim: É bandido é bandido, fez isso aí porque é bandido. "Já, preconceito, de uma menina que tava uma vez afim de mim ela até reclamava dessa tatuagem, ela falava: porque você fez isso? Aí eu falava: porque eu gosto, porque eu quero. Aí ela meio que não entendeu porque, Tá ligado? Tipo pra ela, eu acho que tatuagem é um outro tipo de sentido, mas não esse que eu coloquei, mas a tatuagem pra mim é sentido aberto, tá ligado, você põe o que te agrada, tem vez que você está tatua homenagem a uma pessoa que morreu a muito tempo, isso aí já é uma pessoa que te agrada." "A questão é que eu quero tampar o corpo todo, mas nesse propósito já muda, porque tipo assim tem a questão de rótulo, tá ligado? O porque se for mais exposta, vamos supor tipo essa tatuagem, já ia ser até ser difícil eu pegar um trabalho, alguma coisa assim, tá ligado? Já por julgamento, o primeiro julgamento que eu posso ter, tá ligado? Aí eu não coloco muito, só essa que chegou ser no braço.

Nossa, você é doido, você vai fechar o corpo, já tá bom né.

E o que as pessoas falaram quando você fez? Com 14 anos? Família, amigos...

- ah, sua mãe deixou? Tipo isso. Nada demais... os amigos acharam legal, nada demais não.

E os seus amigos, já tinham tatuagens?

- Poucos. Quase ninguém tinha.

Ficam achando estranho e falam 1930 não é data que você nasceu. Ontem mesmo a professora me perguntou, o que é isso?

Essa aqui foi diferente porque não fica a vista né? Não teve muito comentário não. Ah, da policia né, eu acho que você fica mais visado. Acho que a policia acha tipo concilia isso com bandido e tal, sei lá.

Todo mundo falou que ficou bem melhor. Mas parece que tem gente ainda que tem preconceito com esses trem de tatuagem. Mais família. Eu acho que as pessoas que tem mais preconceito são as mais idosas, que viveram mais antigamente. Porque antigamente era só bandido que fazia tatuagem mesmo, meu tatuador fala comigo né, que ele tatuava só bandido, só marginal. E aí essas pessoas ainda ficam com essa ideia aí, e tal. Eu acho que tá mudando, porque igual minha tia. Minha tia não é velha assim, ela tem 50 e alguma coisa, ela fez uma tatuagem no pescoço e uma outra no ombro. Acho que a cabeça das pessoas está abrindo mais hoje. Hoje em dia está bem mais comum. Tem um cara lá perto de casa, que é hippie, e metade do rosto é um sol. - Eu acho que é pelo aumento de jovens fazendo e tal. A técnica do tatuador de tatuar a coisa perfeita, igual tem gente que tatua a imagem de deus, aí a pessoa não vai ter tanto preconceito com isso, se você tatuar um palhaço, nossa senhora, todo mundo vai falar. O policial.

Nossa, você é doido, você vai fechar o corpo, já tá bom né.
E o que as pessoas falaram quando você fez? Com 14 anos? Família, amigos... - ah, sua mãe deixou? Tipo isso. Nada demais... os amigos acharam legal, nada demais não. E os seus amigos, já tinham tatuagens? - Poucos. Quase ninguém tinha.
Ficam achando estranho e falam 1930 não é data que você nasceu. Ontem mesmo a professora me perguntou, o que é isso?
Essa aqui foi diferente porque não fica a vista né? Não teve muito comentário não. Ah, da policia né, eu acho que você fica mais visado. Acho que a policia acha tipo concilia isso com bandido e tal, sei lá.
Todo mundo falou que ficou bem melhor. Mas parece que tem gente ainda que tem preconceito com esses trem de tatuagem. Mais família. Eu acho que as pessoas que tem mais preconceito são as mais idosas, que viveram mais antigamente. Porque antigamente era só bandido que fazia tatuagem mesmo, meu tatuador fala comigo né, que ele tatuava só bandido, só marginal. E aí essas pessoas ainda ficam com essa ideia aí, e tal. Eu acho que tá mudando, porque igual minha tia. Minha tia não é velha assim, ela tem 50 e alguma coisa, ela fez uma tatuagem no pescoço e uma outra no ombro. Acho que a cabeça das pessoas está abrindo mais hoje. Hoje em dia está bem mais comum. Tem um cara lá perto de casa, que é hippie, e metade do rosto é um sol. - Eu acho que é pelo aumento de jovens fazendo e tal. A técnica do tatuador de tatuar a coisa perfeita, igual tem gente que tatua a imagem de deus, aí a pessoa não vai ter tanto preconceito com isso, se você tatuar um palhaço, nossa senhora, todo mundo vai falar. O policial.

Apêndice E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Usos e significados de tatuagens em corpos masculinos jovens: um estudo exploratório.

Pesquisador responsável: Fernanda de Paula Carvalho . Tel (31) 99179-2644

Instituição responsável: Departamento de Psicologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais.

Contatos: a). Fernanda de Paula Carvalho, mestranda em Psicologia social – FAFICH – UFMG – Tel. (31) 99179-2644 – Laboratório de Representações sociais Fafich - UFMG (31) 3497-9826 b). COEP – Comitê de Ética em Pesquisa – Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – UFMG – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG. Tel (31) 3409-4592

Prezado Sr.,

a presente pesquisa pretende compreender, considerando-se os processos de atribuição de significados aos usos e às imagens de tatuagens, como são (re)construídas referências ao que é ser homem, segundo, jovens, homens, moradores de bairros populares. Assim, gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa através de uma entrevista e da autorização para fotografar as suas tatuagens. Informamos que as suas respostas serão gravadas e, posteriormente, em conjunto com as respostas de outras entrevistas serão analisadas pela mestranda, assim como as fotografias que serão tiradas no momento da entrevista. O tempo médio de duração da sua participação é de 50 minutos. Sua participação não lhe trará nenhum risco jurídico ou médico e não se trata de um procedimento considerado invasivo. Entretanto, existe a previsão de riscos mínimos, como por exemplo, um pequeno desconforto em relação a determinadas perguntas e, neste caso se sentir-se desconfortável durante a sua participação, você pode interrompê-la sem quaisquer prejuízos. E se você sentir necessidade e se for de seu interesse, após a entrevista, você poderá contar com atendimento psicológico gratuito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Em todas as etapas da pesquisa será garantido o seu anonimato. Está garantida também a liberdade sem restrições de se recusar a participar, ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para os fins dessa pesquisa. Os produtos gerados por essa entrevista ficarão armazenados no Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG por um período mínimo de 02 anos, sob inteira responsabilidade da mestranda responsável por essa pesquisa. Informamos também que a sua participação tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Os procedimentos desta pesquisa visaram atender as recomendações da Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia e nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, referentes à conduta ética na pesquisa com seres humanos.

Eu _____ (nome do participante),
RG _____ órgão emissor _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, e DECIDO conceder a entrevista solicitada e AUTORIZO o uso das imagens das minhas tatuagens no Projeto de Pesquisa intitulado “Usos e significados de tatuagens em corpos masculinos jovens: um estudo exploratório”.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

_____ Participante	_____ Pesquisador Responsável
Belo Horizonte/MG, _____ de _____ de 2016.	